

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA – PPGA



**“SOU CIGANO SIM!” - IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO:  
UMA ETNOGRAFIA SOBRE OS CIGANOS NA REGIÃO  
METROPOLITANA DO RECIFE-PE.**



Erisvelton Sávio Silva de Melo  
Orientador Prof.º Dr.º Renato Monteiro Athias.  
Recife-PE, 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA – PPGA

“SOU CIGANO SIM!” IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO: UMA  
ETNOGRAFIA SOBRE OS CIGANOS NA REGIÃO  
METROPOLITANA DO RECIFE-PE.

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Antropologia  
da Universidade Federal de  
Pernambuco, em cumprimento às  
exigências para obtenção do grau de  
Mestre em Antropologia, sob a  
orientação do Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Renato  
Monteiro Athias

Erisvelton Sávio Silva de Melo  
Recife-PE, 2008

**Melo, Erisvelton Sávio Silva de**

**Sou cigano sim! Identidade e representação: uma etnografia sobre os ciganos na região Metropolitana do Recife-PE / Erisvelton Sávio Silva de Melo. – Recife: O Autor, 2008.**

**142 folhas : il., fig., mapas, fotos.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2008.**

**Inclui: bibliografia e anexo.**

**1. Ciganos – Ciganidade. 2. Etnicidade. 3. Identidade. 4. Ciganos - Representação. 5. Calon – Grupo cigano 6. Recife – Região Metropolitana – Pernambuco. I Título.**

**39  
390**

**CDU (2.  
ed.)  
CDD (22. ed.)**

**UFPE  
BCFCH2008/28**

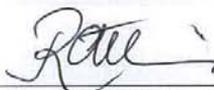
ERISVELTON SÁVIO SILVA DE MELO

**“SOU CIGANO SIM!” – IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO: UMA  
ETNOGRAFIA SOBRE OS CIGANOS NA REGIÃO METROPOLITANA DO  
RECIFE-PE**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-graduação em Antropologia da  
Universidade Federal de Pernambuco como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Mestre em Antropologia.

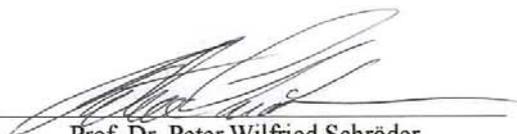
Aprovada em: 27/03/2008.

BANCA EXAMINADORA



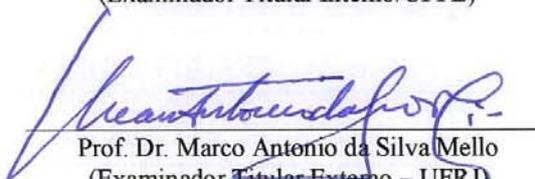
---

Prof. Dr. Renato Monteiro Athias  
(Orientador/UFPE)



---

Prof. Dr. Peter Wilfried Schröder  
(Examinador Titular Interno/UFPE)



---

Prof. Dr. Marco Antonio da Silva Mello  
(Examinador Titular Externo – UFRJ)

I nostri occhi sono scuri,  
i vostri chiari.  
Con i vostri occhi chiari voi vedete  
il mondo come noi,  
E noi,  
Con i nostri occhi scuri,  
Lo vediamo come voi.

(Nossos olhos são escuros,  
Os vossos claros.  
Com vossos olhos claros vós  
vedes o mundo como nós,  
E nós,  
Com os nossos olhos escuros,  
Vemo-lo como vós.)

(Papusza – Poetisa cigana)

A  
Maria da Piedade de Sá – Meu exemplo  
Liberty Alexander e Emily Carolina – A quem desejo ser exemplo  
Marcos Canto – O equilíbrio

## AGRADECIMENTOS

Agradecer nem sempre é fácil, pois é comum o esquecimento, contudo lembrando uma das recomendações da Tora, “daí honra a quem tem honra”, tentarei seguir a prescrição, pois na medida do possível desejo louvar os que me são caros colocando os seus nomes no presente trabalho.

O primeiro agradecimento não poderia deixar de ser dado, se não a minha mãe, senhora dos ventos, tempestades, mortos, mulher audaciosa e poderosa, Oyá-Yansã, “Epa Heyi Oyá!”. Pois ela é quem está sempre comigo, é o meu sopro de vida, quem me anima e conforta em todos os meus momentos.

Ao meu orientador, Renato Athias, que confiando e aceitando o meu trabalho concedeu-me à liberdade fundamental para a realização do mesmo. Assumiu um lugar de verdadeiro amigo-pai ensinando-me que o caos não precisa ser drama e que a alegria pode ser uma resposta criativa para as inúmeras dificuldades da vida. A seu modo esteve presente em todos os momentos, o que possibilitou um estado de segurança e de tranquilidade.

À pessoa mais doce e maravilhosa que conheci no mundo acadêmico, sempre bela e com um sorriso resplandecente na face, iluminando a todos a quem encontra, Vânia Fialho, que tanto me ajudou em momentos de dúvidas, sendo uma “mãezona” e mostrando que o possível é sempre uma construção.

Aos meus professores, que passaram pela minha formação ajudando-me a enveredar no caminho da Antropologia e desvendar alguns dos segredos da “Caixa de Pandora” dos iniciados, em especial ao Prof.<sup>o</sup> Peter a quem, com sua seriedade peculiar, nos faz rir e, acima de tudo, demonstra um perfil de quem possui compromisso com tudo o que se propõe a realizar, dando-nos boas aulas de Teoria e de Etnicidade. À Prof.<sup>a</sup> Roberta Campos, a quem possuo imensa admiração, pelo seu empenho e cuidado ao tratar com as teorias, por sua inteligência e capacidade de nos fazer pensar, sendo “a encantadora de baleias” deste Departamento. Ao Prof.<sup>o</sup> Tito, a quem chamo de amigo, com sua humanidade cristã está sempre presente, demonstrando

coerência entre o que prega e suas ações, preocupando-se com o outro e sabendo se fazer um com os que convive, nos instantes de tristeza ou de alegria. A Prof.<sup>a</sup> Cida, do ar de incenso, do cristal, da felicidade, de Ariano, com seu encanto e doçura, a quem é impossível não amar com a sua “antropologia do bem”. À Prof.<sup>a</sup> Judith, com seu ar fechado e clássico, muito competente e pontual, sendo muito “gente do bem”. À Prof.<sup>a</sup> Danielle, de quem também, tornei-me amigo, tentando compreender mitos e indo a terreiros, que com sua meiguice consegue conquistar a todos. À Prof.<sup>a</sup> e amigona Liana, a mascote da turma do PPGA, que apesar da pouca idade, dá conta do recado, uma profissional de “responso” e, principalmente, de respeito, recheada de muito conteúdo. Aos Professores Lady Selma, Marion e Fellipe sempre ocupados com feminismo, sexualidade, gênero e masculinidade, não esquecem de dar boas risadas animando a todos nós e, por meio de suas teorias estudadas, acabam comprovando que “tudo em Antropologia termina em sexo”. À Prof.<sup>a</sup> Tânia, que tanto cuida da causa dos judeus e de questões de etnicidade, ajudando-me muito no início de inserção no mestrado.

Às minhas amigas, Regina, Ademilda, Ana e Miriam que tanto me socorreram nos momentos de agonia e desespero dentro deste departamento, sendo os meus anjos e amores. À Eliete, a pessoa do maior coração que conheci, com sua calma e alegria, sempre disposta a ajudar e a tornar a vida das pessoas um pouco melhor.

Impossível esquecer os meus amigos e amigas de turma, a índia fujona Carol; a sanguinária do sacrifício, Jane; o quadrilheiro Hugo; o defensor do casamento gay, Anderson; a certinha e amigona Luciana com suas preocupações com a fofoca e a “gaia”; Jamerson e sua peregrinação ao Morro da Conceição; Adriana, vulgo Drica, com suas dores trans, transformadas por fim em vento; Lilica, a bela e meiga, com seus rios e índios; Cris, a “verde e rosa” tão mostrada, que no final terminou indo para consumo na Paraíba; Mônica, a advogada dos menores, a quem tanto me afeiçoei e me identifiquei pela história de vida e pelos atrasos. Léo e sua paciência, recheada de elegância e calma ao falar, deteve-se no barulho do maracatu; Silvana, que demonstrou ser sempre uma grande mulher, que luta e é espiritual, disse sua preocupação com a Nova Era; Marcelo, sendo o mais jovem de nós, foi logo adotado por ser também o mais “fashion”, mas dos

quilombolas logo se lembrou e para a pesquisa se foi; a “mega-master-plus” Graça, a mãe de todos nós, a quem nos afeiçoamos e passamos a amar e admirar, sempre guerreira, mas terna e zelosa para com tudo e com todos, como aluna nosso exemplo, como amiga a que todos queríamos ter, tanto é que nem os “caretas” dela escaparam.

Tia Vera, a mulher mais “arretada” e batalhadora que conheço, sempre acreditou em mim e disponibilizou até noites de sono para digitação do projeto para a seleção, acolhendo-me quando retornei ao Recife para residir, minha amiga. Aos amigos não menos importante do doutorado em Antropologia, Greilson, Eduardo, Antoanete e o gosto pelo espiritual e a música, Rosana e nossas sopas filosóficas, Kelly, Sandro, Isabela, Adjair, Carmen forte e humanitária, Marcelinho, Miguel chileno mais brasileiro, Fátima e seu encanto de humanidade, Cecília.

Aos pesquisadores sobre ciganos, Florência, Dimitri, Ademir, Solange e, em especial à Patrícia Goldfarb, que tempo dispensa em meu auxílio, pessoa que admiro pela coragem e pela luta sempre para conseguir o seu lugar ao Sol, ou a sombra, mas com um sorriso estampado e uma garra que lhe é peculiar.

Aos outros amigos que consegui angariar para o meu rol de pessoas seletas, Claudinha (Cruz), Claudia Puentes, Hosana, Glauco, Bárbara, Luciana a carinhosa e chorona “chuchu”, a quem na minha casa é “jaca”; Lígia e seus colares e calores, entre tantos outros. As irmãs Fernanda e Zenaide, que tantas xérox produziram para mim durante o curso.

Aos que fazem a Escola Municipal Potiguar Matos, em especial a minha querida e venerada Luceny, Alex, Cleyse, Betinha, Iracilda, Marli, Ana Delia (amiga e irmã em Oyá-Yansã), demais professores e funcionários, pois sem vocês não teria conseguido cumprir o primeiro semestre de estudos no mestrado.

À Mãe Celeste, por ter aberto a porta de seu templo para pesquisa e para mim, sendo sempre esta mulher forte, poderosa e apaixonante e, a todos os que compõem o mesmo, em especial Tia Célia, com suas instruções e meiguice maravilhosa, Pai Júlio, Tio Romeu, Sinhá, Clésia, Nieangela, Sueli, Janete, Tânia, Simone, Ana, Fátima, Josivaldo e, inumeráveis médiuns e freqüentadores.

À Pai Silvio, pela sua receptividade em seu terreiro e seus esclarecimentos muito pertinentes, sempre com um sorriso no rosto e uma atitude a ser tomada para o bem de todos.

A quem se não fosse por eles este trabalho não ocorreria, os meus amigos e batalhadores ciganos, a família Ferraz, a família Silvério, ao Instituto Cigano do Nordeste, na pessoa do meu amigo Virgílio Vassalo, que mesmo na adversidade não desiste nunca de lutar pela causa cigana.

À Prefeitura da Cidade do Recife, pela liberação concedida, por meio dos tramites legais e ao CNPq. Ao PPGA, tanto pelo curso, quanto pela liberação de custeios para os eventos.

Agradeço também à minha amiga Cida (de Catende), que mostra que todos os obstáculos podem ser vencidos, quando o pessimismo não faz ninho na consciência e na vontade.

Aos meus amigos do Instituto Histórico e Geográfico, do Arquivo Público do Estado, em especial Hildo e João Monteiro. Aos funcionários da Escola Novo Mangue, destacando-se Graceleny, Rosangela, Janaína, Nadir e Alcilene. À Valéria, minha historiadora linda. À Luciana do Mangue e Jerrana, duas mais que amigas, irmãs, tanto de “gréia”, como de vida. À Everson, Edson, Joelma e Bárbara. Aos amigos e colegas do Colégio de Aplicação. À Fundação Joaquim Nabuco e à Casa do Carnaval. Assim, agradeço a todos que estão em minha vida e que passarão muito tempo em minha memória.

## RESUMO

Os ciganos, ou Roma, são o enfoque deste trabalho, que versa sobre a construção da identidade étnica de não territorializados, a partir da afirmação de pertença ao grupo Calon. A pesquisa foi motivada pelos questionamentos a respeito de quem são os ciganos que vivem na Região Metropolitana do Recife-PE e, quando a identidade dos mesmos é acionada nas delimitações de fronteiras com os não ciganos, tendo em vista a constante representação de personagens ciganas nos folguedos e brincadeiras da cultura popular e religiosa, encenados por não pertencentes. Foram selecionadas três famílias residentes nas cidades de Igarassu, Recife e Paulista, que se assumiam enquanto ciganas. A observação participante e a realização de encontros com grupos focais formados por integrantes destas famílias foram as principais técnicas utilizadas como metodologia.

Palavras-Chaves: Calon, Ciganos, Etnicidade, Identidade, Representação,

## **ABSTRACT**

The gypsies, or Roma, are the focus of this work, which deals with the construction of ethnic identity, not territorialized, from the assertion of belonging to the group Calon. The search was prompted by questions about who are the gypsies living in the metropolitan region of Recife-PE, and when the identity of the same is enabled in the outlines of borders with non-Gypsies, with a view to the constant representation of the Roma people fluids and tricks of popular culture and religion, representation by outside. We selected three families residing in the cities of Igarassu, Recife and Paulista, which was assumed as Roma. A participant observation and the holding of meetings with focus groups formed by members of these families were the main techniques used as a methodology.

- Key Words: Calon, Roma, Ethnicity, Identity, Representation.

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO.....  | 16  |
| 1. INTRODUÇÃO.....   | 19  |
| 1.1 Problematizando.....   | 25  |
| 1.2 O Título.....  | 27  |
| 1.3 As Justificativas.....   | 28  |
| 1.4 Caminhos Metodológicos.....  | 32  |
| 1.5 Pressupostos Teóricos.....   | 37  |
| 2. CAPÍTULO I - CIGANOS E CIGANIDADE.....                                    | 40  |
| 2.1 Contexto Histórico.....  | 40  |
| 2.2 Ciganos no Brasil e em Pernambuco.....                                   | 48  |
| 2.3 O grupo Calon.....   | 57  |
| 3. CAPÍTULO II – CIGANOS POR ELES MESMOS.....                                | 61  |
| 3.1 A Família Ferraz.....  | 67  |
| 3.2 Ciganos no Coque – A Família Silvério.....                               | 77  |
| 3.3 A Família de Paulista.....   | 84  |
| 4. CAPÍTULO III – REPRESENTAÇÃO – OS CIGANOS PELOS OUTROS.....               | 88  |
| 4.1 Ciganos pelos Vizinhos.....  | 89  |
| 4.2 Ciganos nos Folguedos .....  | 90  |
| 4.2.1 Ciganos no Ciclo Carnavalesco – A La Ursa.....                         | 91  |
| 4.2.2 Ciganos no Ciclo Natalino.....   | 95  |
| 4.2.3 Cigana no Baile do Menino Deus.....                                    | 98  |
| 4.3 Ciganos na Umbanda: templo fundado a partir de uma profecia cigana...101 |     |
| 4.3.1 A Corrente Oriental.....   | 104 |
| 4.3.2 Festa de Santa Sara.....   | 112 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 117 |
| 6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....  | 120 |
| ANEXOS   |     |

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

|  |     |
|--|-----|
| <b>FIGURA 1:</b> Mapa de dispersão dos ciganos.....  | 42  |
| <b>FIGURA 2 e 3:</b> Virgílio Vassalo, Sinti, líder do ICNE.....                               | 46  |
| <b>FIGURA 4:</b> Banner do ICNE.....   | 46  |
| <b>FIGURAS 5:</b> Casa onde funciona o ICNE.....   | 46  |
| <b>FIGURA 6:</b> Interior de uma casa de ciganos, de Debret (1823).....                        | 47  |
| <b>FIGURA 7 e 8:</b> Cenas do filme “Dança, Amor e Ventura” .....                              | 63  |
| <b>FIGURA 9:</b> A família Ferraz.....   | 66  |
| <b>FIGURA 10:</b> Mapa de localização do bairro do Coque.....                                  | 78  |
| <b>FIGURA 11:</b> Pátio coberto da Escola Municipal Novo Mangue.....                           | 78  |
| <b>FIGURA 12 e 13:</b> La ursa no carnaval do Recife-PE.....                                   | 91  |
| <b>FIGURA 14 e 15:</b> Ciganas do pastoril, no Pátio de São Pedro, Recife-PE.....              | 95  |
| <b>FIGURA 16 e 17:</b> Atuação da cigana no Baile do Menino Deus.....                          | 98  |
| <b>FIGURA 18:</b> Vulto destinado à Corrente Oriental no Templo Pai Oxoce.....                 | 101 |
| <b>FIGURA 19:</b> Vestimenta Indiana das mulheres na celebração da Corrente Oriental.....      | 101 |
| <b>FIGURA 20:</b> Mulher vestida para celebração da Corrente Oriental com pandeiro na mão..... | 106 |
| <b>FIGURA 21:</b> St <sup>a</sup> Sara.....  | 112 |

## ÍNDICE DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Adj. – adjetivo

CD – Compact Disc

CEPIR – Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial

CMPPIR – Conselho Municipal de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial

GT – Grupo de Trabalho

GTI – Grupo de Trabalho de Igualdade

IBGE – Instituto brasileiro de Geografia e Estatística

ICN – Instituto Cigano do Nordeste

Ibasp – Instituto Brasileiro de Amizade e Solidariedade aos Povos

Lat. – Latitude

Long.- Longitude

MinC.- Ministério da Cultura

MP3 - Mpeg 1 Audio Layer 3

ONPC – Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos

s/d – Sem data

SEPIR – Secretaria Estadual de Promoção da Igualdade Racial

SID – Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural

S. m. – Substantivo masculino

s/n – Sem número

UCB – União Cigana do Brasil

## APRESENTAÇÃO

Os ciganos, ou Roma<sup>1</sup>, como preferem ser chamados as pessoas desse grupo étnico, têm despertado o interesse das Ciências Humanas e Sociais, por ser um grupo, que mesmo existindo há vários séculos, há pouquíssimos trabalhos sobre os mesmos, todavia, apresenta-se como contemporâneo para abordagem de questões sobre etnicidade, fluxos migratórios, nacionalidades, fronteiras e políticas de identidade envolvendo grupos étnicos que não passam pelo crivo da territorialização como preâmbulo central das discussões de pertença ou não-pertença ao grupo, como nos casos dos indígenas e dos quilombolas especificamente no Brasil, onde toda a discussão étnica é permeada em torno das demarcações territoriais para estes dois grupos citados.

Os estudos sobre os ciganos ajudam a compreender a dinâmica do processo de construção de identidade e de fronteiras demarcadoras dessas identidades, fazendo-nos ter uma outra reflexão sobre os sinais diacríticos que estão presentes na constituição étnica dos grupos não territorializados e/ou de diáspora, onde o constante contato com grupos, denominados por eles como "outros" (não pertencentes) gera mudanças e adequações no seio do próprio grupo a fim de continuar sub-existindo, na relação "*estabelecidos e outsiders*" (ELIAS, 2000).

Com os ciganos somos instigados a pensar não como os traços culturais estão distribuídos, mas como os aspectos formais da diversidade dos grupos étnicos podem ser perpassados intersocietariamente e, mesmo assim, conseguem manter a articulação e ser indissolúvel. Dessa forma, é necessário

---

<sup>1</sup> **Roma**, substantivo plural, masculino, significa homens e, em determinados contextos, maridos; feminino **Romnia**. O adjetivo **romani** é empregado tanto para a língua quanto para a cultura. Na falta de um acordo formal sobre a grafia das autodenominações ciganas, aplicou-se também a estas a "convenção para grafia dos nomes tribais", que "se escreverão com letra maiúscula, facultando-se o uso de minúscula no seu emprego adjetival", e "os nomes tribais não terão flexão portuguesa de número ou gênero, quer no uso substantival, quer no adjetival" ("convenção para a grafia dos nomes tribais", *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 2, nº 2, 1954).

lembrar uma citação apontada por Oliveira (1994), mostrando que os membros dos grupos são os que detêm o conhecimento sobre quem possui os critérios de pertencimento ou não ao grupo e não as pessoas de fora.

Para Barth um grupo étnico não se define por seu estofo cultural (que se modifica no tempo e varia de acordo com ajustamentos ecológicos), mas através de critérios pelos quais ele mesmo estabelece as suas fronteiras (critérios de pertencimento e exclusão) e pela tentativa de normatização da interação entre os membros do grupo e as pessoas de fora. Nesta concepção a homogeneidade cultural é uma resultante de um processo de criação coletiva e a constituição de um sujeito, fator determinante no estabelecimento de um grupo étnico. (OLIVEIRA, 1994)

Meu anelo nesse trabalho é realizar uma pesquisa com ênfase pertinente à identidade dos ciganos e verificar quando é acionada essa identidade pelos ciganos que se encontram na Região Metropolitana do Recife-PE. Sendo o objetivo geral realizar uma etnografia sobre os ciganos, da Região Metropolitana do Recife – PE, buscando entender a construção de sua identidade étnica. Como objetivos específicos foram delimitados os seguintes: descrever a organização dos ciganos na Região Metropolitana do Recife-PE, a partir do contato com famílias ciganas; identificar sinais diacríticos perceptíveis de exclusão e inclusão social dos ciganos; analisar a construção da identidade cigana, tendo como contraponto as representações dos não ciganos sobre os mesmos.

A dissertação está estruturada em cinco partes. Na primeira, a “Introdução”, procuro apresentar os primeiros contatos com os ciganos, as questões que me fizeram pensar em produzir um trabalho que focasse o grupo étnico elencado para esta pesquisa, exponho algumas dificuldades à medida que procuro justificar o porquê da mesma; descrevo os caminhos metodológicos percorridos para obtenção desse produto final, ou seja, o texto; bem como aponto alguns dos pressupostos teóricos utilizados para compreensão do que venha a ser pertencimento étnico e como a mesma é percebido partindo das discussões sobre identidade e representação.

No segundo capítulo, intitulado de “Ciganos e Ciganidade<sup>2</sup>”, faço um resgate histórico sobre a presença dos ciganos no Brasil, enfocando principalmente o Estado de Pernambuco. Há uma explanação sobre quem são os ciganos Calon<sup>3</sup> e sua situação no mundo contemporâneo, baseado em estudos de outros pesquisadores sobre o tema.

O capítulo três, “Ciganos Por Eles Mesmos”, enfatiza a fala das famílias pesquisadas, analisando e as discutindo à luz da teoria antropológica da etnicidade e da noção de pertencimento a um grupo com identidade própria e manifesta sob aspectos múltiplos, a partir do constante contato com os outros grupos étnicos e sociais.

O capítulo quatro, “Representações”, aparece à visão dos “outros”, com quem os ciganos estão em constante contato, afirmando sua identidade e delimitando suas fronteiras, bem como, a presença dos personagens ciganos nos folguedos, festas populares e na religião.

Assim, nas considerações finais, discuto um pouco sobre algumas observações a respeito de questões pertinentes aos estudos voltados aos ciganos a partir das análises realizadas, sobre como e quando é acionada a identidade apresentada pelos ciganos nos dias atuais na região Metropolitana do Recife-PE.

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Karpati (1997)

<sup>3</sup> A Norma gramatical brasileira diz que os etnônimos devem ser grafados com a inicial maiúscula, dessa forma adotei a grafia Calon para me referir ao grupo étnico e, em alguns momentos, calon, com inicial minúscula para a língua por eles falada. Contudo, como não há consenso geral entre os pesquisadores sobre a escrita, em citações dos mesmos escrevo tal e qual aparece na grafia de seus trabalhos.

## 1. INTRODUÇÃO

Os meus primeiros contatos com os ciganos ocorreram em Cortês uma pequena cidade do interior do Estado de Pernambuco, enquanto criança. Pois, era comum em determinados períodos do ano vislumbrar ciganos acampados próximo ao Rio Serinhaém<sup>4</sup> que cortava a cidade. Durante esses períodos de acampamento a população local ficava em polvorosa e com muito medo, visto as mulheres ciganas estarem desfilando pelas ruas mendigando ou predizendo o futuro de quem elas pudessem abordar e estivessem receptivos as práticas esotéricas de quiromancia e cartomancia.

Quanto aos homens ciganos era comum vê-los cavalgando pelas ruas e realizando negociações com eqüinos, junto a alguns donos de fazendas e chácaras. Haja visto ser o comércio uma de suas formas de angariar recursos para subsistência, tanto individual como para compartilhar com demais membros do grupo que não possuíssem condições de realizar tal tarefa, ou por falta de ter o que negociar, ou por debilidades físicas.

Apesar de ser constantemente alertado pelos meus familiares para evitar o contato com os ciganos, por causa dos estigmas de minoria aos quais estavam fadados, isto é, ladrões, nômades e aproveitadores de posses alheias; não conseguia deixar de observá-los, escutá-los e admirá-los, pois naquele momento, eles não deixavam de ser exóticos, por serem “o *outro*” e “o *diferente*”, visão esta ainda permanente na imaginação de quem não os conhece. Resultando então, enormes despautérios quanto a quem são essas pessoas que se denominam ciganos.

Daí em diante, os ciganos passaram a ser assunto constante em minhas pesquisas bibliográficas e áudios-visuais em livrarias, bibliotecas e

---

<sup>4</sup> O Rio Serinhaém, o principal da área, nasce nas encostas da Serra dos Ventos no município de Bonito, a uma altitude aproximadamente de 700 m. Em todo seu curso, que atinge 100 km, percorre na direção noroeste-sudeste. Seus principais afluentes são o riacho Oricunha, com 6 km de extensão na sua margem direita e os riachos Camaragibe e Tapiruçu, com 24 e 12 km respectivamente e o rio Amaragí, o seu principal tributário, com 42km de extensão, na sua margem esquerda.

videotecas. Desta forma, fui realizando eventuais leituras que compreendiam desde livros de literatura brasileira, podendo ser citados “*Memórias de um Sargento de Milícias*” (ALMEIDA, [1854] 1998), “*O Guarani*” (ALENCAR, [1857] 1975), “*Tutaméia – Terceiras Estórias*” (GUIMARÃES ROSA, [1967] 1985), “*Dom Casmurro*” (MACHADO DE ASSIS, [1889] 1997), “*O Cigano*” (PENA, [1845] s/d)<sup>5</sup>; os versos de João Cabral de Melo Neto também não esqueceram os ciganos, em “*A educação pela pedra*” ([1962-5] 1995), “*Morte e vida Severina*” ([1954-5] 1995) e, “*Andando Sevilha*” ([1987-9] 1995), além das peças “*A Ciganinha*” de autor desconhecido, apresentada em forma de ópera em Ouro Preto no ano de 1771 e, “*A Vingança da Cigana*”, escrita por um brasileiro e executada primeiro em Portugal no século XVIII (TEIXEIRA, 2007).

Na literatura estrangeira, temos a “*Farsa das Ciganas*”, escrita possivelmente entre 1521 a 1525 por Gil Vicente; “*La Gitanilla*”, de Miguel de Cervantes (1607) influenciando os estigmas pejorativos e discriminatórios contra os ciganos na Europa e nas Colônias; “*Carmen*” de Prosper Mérimée (1847); “*Notre Dame de Paris*”, Victor Hugo ([1831] 1975); “*Romancero Gitano*”, de García Lorca ([1924-27] 1988); “*Orlando*” de Virginia Woolf ([1928] 2000); “*Cem Anos de Solidão*” de Gabriel García Márquez ([1967] 1982), onde aparece o cigano Melquíades; “*A Maldição do Cigano*” de Stephen King (2004), entre outros.

Fui em busca de livros de antropologia, sociologia, cadernos de cultura popular, artigos de jornais e revistas, contudo, raros. Deparei-me com livros espíritas e espiritualistas que tratavam sobre os mesmos, surgindo sempre à referência ao livro de Zíbia Gasparetto “*Esmeralda*” (1998), que versava sobre a vida de uma cigana. Bem como, documentários e filmes, tais como os do diretor espanhol Carlos Saura, “*Amor Bruxo*” (1986), “*Carmen*” (1983) e “*Bodas de Sangue*” (1981); “*Lorde Cigano*” (1979), de Cacá Diegues; “*Carmen la de Ronda*”, dirigido por Túlio Demicheli, em 1959; além da cigana Esmeralda, consagrada em “*Corcunda de Notre Dame*”, tanto em filme (1997 – interpretada pela atriz Salma Hayek), quanto em desenho animado produzido pela Walt Disney em 1996. Lembro até de uma novela que tratava sobre a temática dos ciganos, “*Explode Coração*” (1995-1996), que passava no horário

---

<sup>5</sup> Sobre a representação da identidade cigana na Literatura ver Ferrari (2002).

nobre (20h00min) de uma emissora televisiva, a Rede Globo, da qual assisti alguns capítulos, quando foi exibida; paralelo, obtive por meio de conversas a informação de que em uma outra emissora, o SBT (Sistema Brasileiro de televisão) foi exibido em 1983 uma outra novela, “Amor cigano”, que abordava o tema.

Tornou-se uma necessidade descobrir quem eram os ciganos, o que faziam, onde e como viviam, quais eram suas crenças, costumes, tradições e mitos. Questões comuns a quem deseja conhecer “o outro” e não vislumbrá-lo apenas como “o diferente”, como anteriormente falei, devido à imaturidade e limitações de compreensão mais profícua sobre o assunto.

Ao realizar uma licenciatura em Letras, além dos livros de literatura, tanto brasileira, quanto estrangeira, nas aulas da cadeira de Lingüística, fazendo estudos comparativos sobre línguas ágrafas e línguas indo-ariano, deparei-me com o romani (romanê, rumanez, rum, calón ou calé), a língua utilizada pelos ciganos para comunicação entre eles, sendo, desta forma, este aspecto mais uma questão que me prendeu a atenção para o grupo. Pois como um grupo que possui língua própria e é encontrado em quase todos os lugares do planeta, como notifica as fontes históricas, literárias e as descrições de documentários, não possuem estudos sobre os mesmos, sendo raros e de difícil acesso e, os poucos que foram realizados, quando não estereotipados e recheados de preconceitos, como o célebre livro “*Os Ciganos do Brasil: contribuição etnográfica*”, de Moraes Filho (1886), citado por todos os estudiosos que se ocupam com os ciganos; ou apenas de cunho espiritualista, onde as impressões contidas são apenas de não-ciganos que acionam sua imaginação frutífera para falar sobre os ciganos, remetendo a ritos, mitos e “mistérios” desconhecidos dos próprios ciganos e sendo, por vezes, motivo de galhofas e risos, como por exemplo, o livro da autora Schepis (1999), no qual eles não se reconhecem e apontam inúmeras discrepâncias com o que eles denominam de sua “*cultura própria de quem possui o sangue cigano nas veias*” (Cigano Virgílio<sup>6</sup>, do Instituto Cigano do Nordeste).

---

<sup>6</sup> O Senhor Virgilio Vassalo, representante do Instituto Cigano do Nordeste e declarado cigano Sinti, fez questão que o seu nome figurasse na íntegra em minha pesquisa, após eu comunicar-lhe que por motivos éticos iria preservar o nome dos informantes em um pseudônimo para manter preservada a sua identidade.

Ao voltar a residir na Região Metropolitana do Recife-PE, no ano de 2003, participando do “*Grito dos Excluídos*”<sup>7</sup>, vi um grupo de pessoas que se identificavam como ciganos, no vestir e no segurar uma plaqueta onde podia ser lido: “*Instituto Cigano do Nordeste, em prol dos direitos dos ciganos*”. Isto me chamou a atenção, porém, pelo quantitativo de pessoas participando do evento os perdi de vista. Mas este evento serviu para que percebesse a presença dos ciganos em Pernambuco de uma forma mais incisiva por meio de uma organização institucional.

Ainda em 2003, andando pelas feiras de artesanato e em apresentações culturais do mercado “pop alternativo”, encontrei um grupo de dançarinos que se denominavam ciganos, alguns se diziam ciganos espirituais. Esse encontro se deu em uma feira esotérica que ocorreu em Olinda, no Clube Atlântico, cujo tema era “Feira Cigana”, organizada por uma senhora que se dizia descendente de ciganos. O lucro da mesma seria destinado há uma celebração a Santa Sara sua santa de devoção, alguns meses depois, em maio.

Esse encontro foi importante, pois a partir dele e de conversas com algumas pessoas, fui levado a conhecer de perto a organização não-governamental, denominada Instituto Cigano do Nordeste, que havia visto no evento citado acima, atualmente com sede no quilometro nove da Estrada de Aldeia, Camaragibe-PE.

O contato com essa instituição foi de fundamental importância para a minha pesquisa, pois foi graças a ela que conheci o grupo de ciganos que reside na cidade de Igarassu-PE, além dos grupos que vivem na Cidade Tabajara, Paulista-PE, e em Carpina-PE.

Nas minhas buscas, diante de outras observações, percebi ser comum relatos sobre ciganos nas orlas da praia de Boa Viagem (Recife-PE) e de Jaboatão dos Guararapes-PE. Em um momento de maior atenção pude contemplar ciganas se propondo a quiromancia nesses locais indicados por amigos e conhecidos. Ao tentar abordar uma das mulheres fui logo execrado, pois o medo delas era que tipo de interesse eu teria para conversar com as mesmas.

---

<sup>7</sup> Evento realizado por diversos grupos sociais e religiosos, que ocorre em forma de marcha nas ruas do centro do Recife, paralelas ao desfile oficial cívico-militar, no dia 7 de setembro.

Ao explicar o porquê de minhas perguntas, se aproximou um homem, parente de uma delas, com quem mantive um diálogo e expus o meu interesse de pesquisa sobre os ciganos. Desconfiado no início, mas depois mais aberto à conversa, contou-me sobre a presença do seu grupo entre os meses de setembro a janeiro nessas localidades, fato que constatei durante o período de pesquisa, pois este encontro aconteceu antes da minha entrada formal no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Durante o período de estudo pude obter três momentos marcantes, o primeiro, uma entrevista para uma matéria sobre ciganos em um jornal de circulação estadual tendo como base a minha pesquisa; o segundo, uma análise de uma situação ímpar que estava ocorrendo na cidade Exu-PE, onde um grupo de pessoas que se identificavam como sendo ciganos, obtiveram direito a aposentadorias e no momento de receber os benefícios não se encontravam mais nessa cidade, então fui procurado para que repassasse informações sobre quem são os ciganos e discutir sobre necessidades de uma política pública mais inclusiva para os mesmos; o terceiro, se deu com a criação do Conselho Municipal de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial do Recife – CMPPIR/Recife-PE, onde fui chamado para falar sobre a situação dos ciganos que vivem na região metropolitana.

É importante salientar que os mesmos poderiam ocupar uma cadeira neste Conselho, de acordo com a Lei Municipal Nº. 17.311/2007, sancionada pelo Prefeito do Recife, João Paulo de Lima e Silva, no dia vinte e oito de março de 2007, onde na letra C, do § 1º, do Artigo 4º. reza que:

*“02 representantes das minorias étnicas existentes no Recife (Índios, Judeus, Árabes, Palestinos e Ciganos) eleitos em processo específico na Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial;”<sup>8</sup>.*

Contudo, em um outro momento, no processo de assinatura do decreto de instalação do organismo de promoção da igualdade étnico-racial (CEPIR) pelo Governador do Estado de Pernambuco, no Palácio do Campo das Princesas, no dia 14 de setembro de 2007, fui levado a refletir sobre como

---

<sup>8</sup> Segue a Lei Municipal Nº. 17.311/2007 na íntegra em anexo.

alguns órgãos governamentais, que teoricamente, deveriam estar engajados para garantir a promoção da igualdade, são capazes de cometerem certas confusões por não possuírem pessoas competentes que detenham informações mínimas sobre os grupos para quem deveriam lutar e garantir direitos.

Ao ser contactado para comparecer a esta solenidade como representante dos ciganos, expliquei não ser pertencente a este grupo étnico, ser apenas um pesquisador, então em resposta ao meu pronunciamento pediram-me para “*se possível levar alguém vestido de cigano*”, o que para mim tornou-se motivo de constrangimento e insulto, mas que levou-me a reflexões sobre a importância de estudo deste grupo, tendo em vista o completo desconhecimento de quem são os ciganos e a busca de uma imagem estereotipada, repleta de símbolos da imaginação e não, um membro verdadeiro deste grupo étnico.

A criação destes conselhos se dá por conta do *Dia Nacional do Cigano*, que foi instituído em 2006, por meio de um decreto do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que após algumas reclamações de entidades e grupos ciganos, reconheceu a importância da contribuição da etnia cigana no processo de formação da história e da identidade cultural brasileira.

Em 2003, o presidente já havia determinado e recomendado ações transversais voltadas para a etnia cigana, o que resultou na criação do GTI, do qual faz parte a SID/MinC<sup>9</sup>. Em janeiro de 2006, pela Portaria Ministerial nº. 02 de 17 de janeiro foi instituído, no Ministério da Cultura, o Grupo de Trabalho Culturas Ciganas, tem por finalidade “indicar políticas públicas para as expressões culturais dos segmentos ciganos”. O GT Culturas Ciganas foi oficialmente lançado no dia 21 de fevereiro de 2006, em Brasília, mas a primeira reunião deste GT aconteceu apenas em dia 16 de março de 2006, com a presença de ciganos e não-ciganos<sup>10</sup>. Desse encontro surgiu a inclusão de 24 de maio, como sendo o dia Nacional dos Ciganos, pois o mesmo é dedicado no calendário litúrgico dos santos católicos, à Santa Sara Kali, a padroeira dos ciganos, segundo apresenta alguns ciganos e estudiosos. Sobre

---

<sup>9</sup> Maiores informações no site: [www.cultura.gov.br](http://www.cultura.gov.br)

<sup>10</sup> Em anexo segue a ata desta reunião, incluindo as demandas e propostas debatidas na mesma.

está questão referente à Santa Sara, farei menção em uma pesquisa realizada em um templo umbandista, citada em capítulo subsequente.

Assim, foi perceptível a necessidade de uma pesquisa sobre este grupo, não só apenas para o cunho acadêmico, mas que também pudesse subsidiar discussões com os órgãos governamentais para a formulação e implementação de uma política pública mais justa e inclusiva, como se propõe a Constituição Federal do Brasil, promulgada em 1988 e a Declaração de Direitos Humanos.

## **1.1 PROBLEMATIZANDO**

Ao tentar coletar maiores informações tendo como parâmetro o campo de estudo da Antropologia, deparei-me com um problema, pois não havia muitos estudos e, entre os existentes, eram vistos dentro da conjuntura atual como obsoletos, servindo apenas como apoio para possíveis estudos a quem se propõe pesquisar sobre ciganos.

Apesar de ter encontrado um acervo que registra a presença dos ciganos em Pernambuco, em arquivos públicos e no Instituto Histórico Geográfico do Recife, falta a esse acervo ser catalogado e analisado para um melhor aproveitamento das informações nele contida, visto terem os ciganos sua presença marcante tanto na imaginação coletiva, quanto em manifestações da denominada cultura popular e religiosa e isto, é perceptível no material disponível.

Pois, falar sobre ciganos é pensar em tradição, conceito esse, que será compreendido como um conjunto de práticas reguladas por regras tácitas ou abertamente aceita, visando inculcar valores e normas de comportamento por meio da repetição para provocar uma continuidade em relação ao passado.

Nos casos dos grupos étnicos em diáspora, como são os ciganos, é comum haver abstrações de determinados períodos de tempo por questões históricas e ideológicas, aparecendo vácuos que são preenchidos por tradições inventadas, por causa de rápidas transformações ocorridas pelo contato com outros grupos (HOBBSAWN & RANGER, 1997).

É necessário ressaltar, contudo, que a tradição só se mantém viva pelo recurso da ruptura, caso contrário, a ausência desse movimento termina por

condená-la à estagnação e à morte; tendo o seu eixo na doutrina dos dois mundos, na simplicidade da morte e do renascimento (BORHEIM, 1997).

Devendo-se, portanto ter a percepção de que a tradição conservará a soma de saberes acumulados pela coletividade, partindo de acontecimentos cotidianos ou “imemoriais” que irão dar a ela própria um sentido fundador (BALANDIER, 1997).

Partindo de pressupostos de uma literatura antropológica, fui levado a pensar questões pertinentes nas discussões sobre identidade étnica e etnicidade, em busca de respostas para a dialética shakespeariana sobre o “*ser ou não ser*”, surgindo dessa forma, o desejo de pesquisar os ciganos encontrados na Região Metropolitana do Recife – PE, a partir de um postulado etnográfico.

Nesse texto dissertativo procuro responder questões sobre como as teorias pertinentes a etnicidade e grupos étnicos não territorializados podem ser repensados a partir dos ciganos, um grupo que dentro das políticas destinadas a noção de identidade e pertencimento não está vinculado a questões de territorialização, como indígenas e quilombolas.

Dessa forma, parto de questões como: Quem são os ciganos que vivem na Região Metropolitana do Recife? Quais são as fronteiras estabelecidas que separam os ciganos dos não-ciganos? O que é ser cigano para os indivíduos que se identificam com sendo ciganos? Quais os sinais diacríticos que distinguem os ciganos dos não-ciganos? Quando é que os ciganos acionam sua identidade? Em que contexto é interessante ser acionada e enfatizada a identidade cigana? Na imaginação dos não-ciganos, quem são os ciganos? Como são representados os ciganos pelos não ciganos?

Enfim, vários questionamentos de cunho antropológico em busca de respostas, que me proponho discutir a partir dessa pesquisa etnográfica em que a identidade étnica e os questionamentos sobre as teorias de etnicidade tornam-se o foco central no arcabouço da mesma, embasada em teorias antropológicas construcionistas pertinentes com essas questões expostas (GOVERS & HANS VERMEULEN, 1997).

## 1.2 O TÍTULO

Ao iniciar o campo, diante de tantas inquietações que me permeavam a mente em forma de perguntas, essas mesmas não me permitiram atentar para um amadurecimento mais profícuo no quesito de delimitação das perguntas a serem realizadas aos entrevistados. A imaturidade levou-me a fazer uma pergunta um tanto quanto ingênua: “*Você é cigano?*”. A qual obtive uma resposta que considere uma das mais importantes: “*Se não fosse, você estaria conversando aqui comigo, agora?!*”.

Essa resposta levou-me a refletir sobre o fazer campo na antropologia, pois se nos propomos a pesquisar é porque já sabíamos de sua existência, apenas a especificidade é que surgirá a partir de um contato maior com ele. Especificidade esta, que irá permear os nossos estudos e trará o “novo”. Pois, às vezes, estamos tão inebriados com as respostas que desejamos obter que não nos apercebemos do óbvio ululante, se pesquisamos é porque o fato já existia e passou por uma observação prévia nossa, até mesmo para selecionarmos as delimitações e recortes por nós estudos sobre o campo.

Dessa resposta, surgiu a idéia de “batizar” a minha dissertação, como “*Sou cigano sim!*”. Mesmo sendo comum escutar de algumas pessoas: “*Eu vi umas ciganas na rua, ou na praia.*”. Ou as mesmas remeterem-se a alguma lembrança do passado estabelecida na relação de contatos com ciganos, era uma surpresa para algumas quando afirmo estar pesquisando ciganos. Havendo constantemente a indagação antagônica “*Ainda há ciganos aqui?*”. Mesmo sendo informado por essas pessoas, anteriormente, sobre o encontro do contato, ratificando a presença deles nas ruas, praias e memória.

Não raro, há a necessidade da intervenção acadêmica para corroborar ou mostrar legitimidade de algo já existente, para que seja cunhada uma “autenticidade”, como aponta Pacheco de Oliveira em suas reflexões sobre condições de circunscrições prescritas para as atribuições de um antropólogo dispor “*da competência para dizer se tal ou qual indivíduo é (ou não) membro de um dado grupo étnico?*” (OLIVEIRA, 1998), tendo em vista a Antropologia lidar diretamente com símbolos e práticas sociais, onde a abstração do que está sendo pesquisado não ser independente, como pretendem alguns, dos “*sujeitos cognocentes*”.

Pois, nas palavras de Pacheco de Oliveira, “*as direções de um processo social podem ser mudadas pelos atores que o integram, até mesmo em virtude do conhecimento ou das expectativas face a essas tendências.*” (Idem). Assim, ao realizar a pergunta exposta por mim, enquanto ingênua, pude fazer essas inferências e pensar sobre a suposta autoridade acadêmica, que na verdade é reflexo dos elementos que a compõem e lhe concedem legitimidade. Legitimidade, na verdade, concedida pelos pesquisados e pela escrita no momento de selecionar e interpretar os dados obtidos como nos aponta Geertz (1978) e Clifford (2002). Desta forma, não é objetivo deste trabalho querer legitimar a existência dos ciganos, até porque é um fato real a presença dos mesmos na região metropolitana do Recife-PE.

### **1.3 AS JUSTIFICATIVAS**

Como já abordado anteriormente é muito escasso o material encontrado para estudo e análise desse grupo étnico no meio acadêmico brasileiro e, uma pesquisa como a que foi desenvolvida, é de grande importância, pois, os dados sobre ciganos sendo, ainda, considerados como incipientes, precisando de melhores esclarecimentos, por serem focados por Regiões e Estados e, ainda não se tendo notícias a respeito de outros trabalhos realizados com os ciganos em Pernambuco, tornam este trabalho muito pertinente para obtenção de informações e suscitar outros que venham enriquecer a bibliografia sobre o tema.

Enquanto informações de textos clássicos de pesquisadores que se ocupam com questões ciganas em seus múltiplos aspectos, é possível citar: Alexandre José Mello Moraes Filho, médico e poeta, segundo Agrippino Grieco<sup>11</sup>, ele foi “o cronista dos ciganos e dos artistas boêmios do Rio”, tido como um dos iniciadores dos estudos sobre os ciganos aqui no Brasil, publicando, antes mesmo do consagrado autor português Adolpho Coelho, pois o mesmo realizou citações suas em seu clássico “Os Ciganos de Portugal” (1892), contudo, no que se refere aos estudos voltados à temática é tido como o Nina Rodrigues dos ciganos, sem desmerecimento da importância de ambos,

---

<sup>11</sup> Fontes: Raimundo de Menezes, Dicionário Literário Brasileiro, LTC, 2ª edição, 1978; Agrippino Grieco, “Evolução da Prosa Brasileira, RJ, Ariel Editora, 1933.

pelo aspecto como os descreve, repleto de frases tidas como racistas advindas das teorias evolucionistas (MORAIS FILHO, 1885/1886/1904). Mas o destaque lhe é dado, por ter sido o primeiro a se preocupar em focar os ciganos em trabalhos acadêmicos no Brasil.

Francisco Adolpho Coelho, um dos grandes filólogos portugueses que se dedicou também ao estudo dos ciganos sobre o viés antropológico e etnológico, tornou-se referencial para todos os estudos envolvendo a temática dos ciganos, contudo há de ser lembrado também que seu trabalho foi realizado sobre o enfoque do pensamento científico da época, isto é, o prisma evolucionista, portanto, repleto de ressalvas em nossas leituras atuais (COELHO: 1892). O mesmo oferece uma boa fonte de consulta sobre alguns documentos referentes aos ciganos encontrados em Portugal.

Augusto de Oliveira e Souza publicou um dos primeiros estudos enfocando questões sociais sobre as condições de vida dos ciganos no Brasil na “Revista do Brasil” (SOUZA, 1921).

Othoniel Mota, filólogo português que tratou em seus estudos um capítulo, sobre a língua dos ciganos e sua influência na língua portuguesa, no livro “*Seleta Moderna*”, incluiu no capítulo “*A Raça*” um registro sobre a passagem e a permanência dos ciganos no Estado do Ceará (MOTA, 1933).

José B. d’Oliveira China, realizou estudos aprofundados sobre os elementos de origem cigana e os vocábulos adotados na gíria dos ladrões, publicado na *Revista do Arquivo Público de São Paulo*, números II, III, IV, V, VII, IX, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII e XXX, mostrando a contribuição dos ciganos para nosso léxico, empenhou-se para que os termos por ele pesquisado fossem citados e aceitos como de origem cigana (romani ou caló) e não do sânscrito, espanhol, romeno, árabe ou desconhecido. (CHINA, 1936).

Antenor Nascente foi um filólogo, etimólogo, dialectólogo e lexicógrafo brasileiro de grande importância para o estudo da língua portuguesa no Brasil, enfocou também contribuições da língua caló na constituição do léxico português, mostrando que alguns vocábulos considerados como advindos do sânscrito na verdade eram da língua caló (NASCENTES, 1937).

Além desses já citados do início dos estudos sobre ciganos, ainda temos alguns outros autores que fizeram referências aos ciganos em seus trabalhos, tais como Arthur Ramos (1947), Luis da Câmara Cascudo (1954),

D.Estevão Bettencourt (1961), Pierre Derlon (1975), Moacir Antonio Locatelli (1981).

Outros se destacaram mais com trabalhos voltados especificamente aos ciganos, sem necessariamente serem restritos aos âmbitos lingüísticos, folclóricos e religiosos, apresentando etnografias e reflexões sobre questões sociais envolvendo temáticas ciganas, como Ático Vilas Boas da Mota (1982), Juan De Dias Ramirez Heredia (,1983), Maria de Lourdes Sant'ana (1983), Cristina da Costa Pereira (1985), Nicole Martinez (1989), Osvaldo Macedo (1992), Frans Moonen (1994-1995).

Atualmente, uma produção significativa, no minúsculo universo dos estudos e pesquisas voltados aos ciganos no Brasil, destaca-se os produzidos em Minas Gerais, pois ao consultar a “Plataforma Lattes”, especificamente os currículos sobre quem estava pesquisando sobre esta temática, para um levantamento bibliográfico, deparei-me com os trabalhos produzidos por historiadores, economistas, geógrafos, sociólogos e lingüistas, tais como dissertações e teses, podendo ser citados Rodrigo Corrêa Teixeira (2007), Fabio J. Dantas de Melo (2005), Solange T. De Lima Guimarães (2003), Ademir Divino Vaz (2003), Dimitri Fazito de Almeida Rezende (2000). Nesse ínterim, entrei em contato com mais duas pesquisadoras sobre o tema, Maria Patrícia Lopes Goldfarb<sup>12</sup> (2004), estudou os ciganos da cidade de Sousa no Estado da Paraíba, tanto no mestrado, quanto no doutorado; e, Florência Ferrari (2002) em Capinas, São Paulo, trabalhando com os ciganos a partir da Literatura Comparada e de pesquisas etnográficas.

Ao remeter-me sobre estudos ou trabalhos referentes aos ciganos no Estado de Pernambuco, o que foi encontrado foram referências aos ciganos como entidades dos cultos de matizes afro-brasileiros, nos trabalhos de Roberto M. Cortez Motta, em um texto sobre candomblé e sexualidade, onde é citado uma referência as mestras e pombagiras ciganas (In: PITTA e MELLO, 1995); Eduardo Pacheco de Aquino Fonseca (1999), em sua pesquisa de mestrado e,consequentemente publicação da mesma com o título “Candomblé a Dança da Vida”, dedica algumas páginas para falar sobre uma entidade cigana que agia junto ao seu entrevistado, resultando até em um livro publicado

---

<sup>12</sup>Antes do casamento com o sobrenome Sulpino (1999)

por esse entrevistado contendo a vida dessa entidade cigana; José Martín Desmaras Luzuriaga, em sua dissertação “Jurema e Cura”, defendida em 2001, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, faz a descrição de uma festa dos ciganos em uma casa de Jurema; e, recentemente, Gabriel O. Alvarez e Luiz Santos (2006), em um projeto envolvendo questões previdenciárias e populações afro-brasileiras, ao realizar um registro etnográfico em uma terreiro de candomblé no bairro do Pina, Recife-PE, aparece, justamente, uma fotografia sobre uma mestra do culto de Jurema, apresentada como cigana, portanto, seria impossível ignorar a representação que esse grupo étnico exerce nos cultos de matizes afro-brasileiro. Não sendo estranho tal relação, pois em um documento da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, há uma solicitação conjunta de ciganos e adeptos dos cultos afro-brasileiro referente a Previdência Social, destinada a atender questões da etnia cigana e comunidades de terreiro, quanto a aposentadorias, como mostra cópia de tal, documento nos anexos desta dissertação.

Encontrei em pesquisas bibliográficas mais dois pesquisadores com artigos sobre os ciganos em Pernambuco Roberto Emerson Câmara Benjamin (apud: MOTA, 2004), versando sobre questões de direito dos ciganos e a negligência dos Ministério Público para com esse grupo étnico; e, de Catarina Real (1990), tratando sobre a “*La Ursa*” no carnaval como influencia cigana; além desses dois encontrei uma citação de Pereira da Costa (1983) nos “*Anais Pernambucanos*”, sobre a presença de uns ciganos em Pernambuco ao longo da história oitocentista até o século XX, apenas citações fragmentadas.

Dessa forma, não encontrei nenhum outro trabalho de cunho antropológico ou de outra área voltado aos ciganos, mostrando a nítida necessidade de produções sobre os mesmos a fim de haver maiores informações e produção de saberes voltados a este grupo étnico. Pois, estudar ciganos abrange um campo de possibilidades que de uma forma ética contribuirá para a aquisição e a difusão de conhecimentos a respeito dos mesmos e da etnicidade de um grupo, que apesar de estar espalhado em diversos países, é considerado como uma minoria vivenciando o enclave de o “*nós contra o mundo*” (FONSECA, 1996).

## 1.4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Ao realizar esta etnografia, a observação direta e as entrevistas individuais semi-abertas aplicadas foram, a princípio, as técnicas utilizadas. Pois, a observação é primordial para a realização de qualquer pesquisa que se intitule de etnográfica, visto dar possibilidades de acompanhamento do cotidiano dos indivíduos, levando-nos a uma maior proximidade com a realidade vigente, seus jogos, códigos e para apropriação dos discursos elaborados, bem como a análise dos dados coletados a partir das perguntas realizadas, corroborando o que Robert Farr (1982) aponta sobre as entrevistas qualitativas empregadas nas Ciências Sociais ao dizer que são:

*“essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista”. (FARR, 1982)*

Durante as primeiras entrevistas foi possível extrair uma deficiência dos meus interlocutores em se colocarem enquanto individualidades ao responderem as perguntas realizadas, pois a preocupação estava se dando sob a forma de performances para atender o que eles achavam que deveria ser a resposta “correta” a ser pronunciada e não a espontânea, como deveria ocorrer sendo comum ao término das entrevistas às frases: *“Né? Disse tudo certinho? Respondi como você queria?”*.

Esta frase, *“respondi como você queria?”*, me fez repensar a metodologia escolhida e passei a realizar não mais entrevistas individuais e, sim, grupos de discussão motivados a partir de recurso áudio-visual. Estes recursos compreendiam um filme pré-selecionado, *“Dança, Amor e Ventura”*; além, claro, de fotografias contendo representações sobre os ciganos em espetáculos populares e atos religiosos e os textos escritos encontrados nas manifestações de festas populares. Tanto é, que o material recolhido sobre como os ciganos são percebidos ou representados por não ciganos foram catalogados e tornaram-se o quarto capítulo desta dissertação.

Desta forma, levei em consideração o que Peter Loizos ( apud: BAUER & GASKELL, 2005) declara sobre o método do uso dos recursos áudio-visual nas pesquisas:

“As imagens fazem ressoar memórias submersas e podem ajudar entrevistas focais, libertar suas memórias, criando um trabalho de ‘construção’ partilhada, em que pesquisador e entrevistado podem falar juntos, talvez de uma maneira mais descontraída do que sem tal estímulo”.

Após definir o grupo Calon a ser focado no meu trabalho, a primeira providência a ser tomada foi contactar o Instituto Cigano do Nordeste, e seu representante, o Senhor Virgílio Vassalo, para que pudesse intermediar o meu contato com os ciganos e assim, facilitar a minha entrada no campo, como de fato ocorreu com a família pesquisada em Igarassu-PE, tendo em vista que já estava entrosado com a família residente no bairro do Coque em Recife-PE.

Com as sucessivas visitas ao citado instituto, fomos realizando um mapeamento das localidades onde se encontravam algumas famílias e/ou indivíduos que se identificavam como cigano além, óbvio dos já conhecidos do Senhor Virgílio Vassalo. Foram valiosos os contatos dele para a minha pesquisa e os seus conhecimentos, tanto no nível pessoal, quanto sobre informações sobre o seu “povo”, como costuma chamar o seu grupo étnico.

Por meio de nossas conversas, pude acrescentar um outro dado a minha pesquisa a presença de ciganos do grupo Sinti, pois seria um dado que não poderia desprezar, nem tão pouco um dado irrelevante, tendo em vista, Frans Moonen em seu trabalho “*As Minorias Ciganas: direitos e reivindicações*” (MOONEN, 2000) apontar que não havia dados sobre publicação que tratasse dos ciganos Sinti aqui no Brasil e muito menos em Pernambuco. Afirmção essa contestada na própria pesquisa documental realizada, principalmente sobre questões envolvendo folguedos populares e ciganos, constituindo o corpus do “quarto capítulo”, onde a “La Ursa”, como aponta Roberto Benjamin (1989), por sua origem advir dos ciganos italianos está relacionado diretamente a esse grupo, assim como o Senhor Virgílio Vassalo se declarar pertencente a esse grupo. Isto já são fatos a serem pensados. Desta feita é impossível não

citar Acton, um pesquisador inglês sobre ciganos, quando o mesmo aponta para pensarmos a respeito desta questão que:

*"A grande falha da literatura sobre ciganos, oficial e acadêmica, é a supergeneralização, observadores têm sido facilmente levados a acreditar que práticas de grupos particulares são universais, com a concomitante sugestão de que qualquer grupo que não seguisse as mesmas práticas não seriam 'verdadeiros' ciganos." (ACTON, 1974)*

Diante da citação, novamente, retomo as reflexões sobre a pretensa autoridade que o pesquisador pensa ter frente aos pesquisados. Pois, se alguém conclama para si a etnicidade a um determinado grupo, partindo da premissa da auto-atribuição e do reconhecimento dos que compõem o grupo, quem somos nós para imputarmos valores e conceitos de forma a enquadrarmos em modelo estanque as relações de aceitação e inclusão inerentes somente a quem faz parte do grupo e não a nós, os de fora.

As visitas ao instituto e as famílias se deram com maior ou menor frequência, conforme as exigências da pesquisa para confirmar alguns dados ou corrigi-los, procurando respeitar a disponibilidade e a empatia das pessoas envolvidas. Pude, na medida do possível, observar o dia-a-dia, que nem sempre era composto de grandes eventos, principalmente, quando as pessoas seguem sua rotina, expressando seu modo de vida particular, que não cabe ao pesquisador atrapalhar ou ser empecilho para a realização de alguma tarefa do pesquisado.

Observei e registrei tudo o que podia em meu diário de campo, sobre o que via e escutava, além das indicações de leitura e assuntos pertinentes aos ciganos que conseguia. Num determinado momento essas informações foram bastante produtivas, retirando-me até algumas noites de sono para pensar, pois diante de um rico acervo de dados que se apresentavam, permiti a própria situação do campo induzir-me à formulação de problemas e respaldos para respostas sobre os mesmos.

Embora, no início, não estivesse completamente seguro da escolha dos métodos de pesquisa mais adequados para o estudo, fiz o que qualquer

inexperiente aspirante a antropólogo faria, segui o que considerei os passos tradicionais da investigação antropológica, dispensando parte do tempo registrando o que Malinowski (1976) denominou de “os imponderáveis da vida cotidiana”, tentando captar “o ser cigano” dos ciganos. Para de posse dos dados seguir a escrita etnográfica como propõe Clifford (2002). Neste texto, o autor apresenta a autoridade etnográfica como sendo expressa no poder e na influencia proporcionada pela inter-relação que sugere o estar lá do antropólogo no campo a ser pesquisado por ele e os informantes.

Clifford aponta à escrita desse relato como uma outra escrita que perpassa tanto subjetividade, quanto contextualização, pois o contato com o informante acaba com a autoridade monofônica, dando vazão a uma linguagem polifônica, com uma escrita entendível tanto pela academia, quanto pelo informante (nativo). Daí, a necessidade de leitura com os mesmos, para poder confrontar a pesquisa com o que os pesquisados pronunciavam sobre si e sua identidade, bem como, quando faziam reflexões sobre como eram representados pelos não ciganos, quando havia discussão a partir dos recursos áudio-visual levados para motivar o diálogo em alguns encontros.

Dessa forma, as informações foram analisadas tendo como base o referencial teórico elencado na pesquisa bibliográfica, previamente realizada para organização, catalogação e classificação dos dados coletados, segundo análise da conversação, da fala e de conteúdos segundo propõe Greg Myers (In; BAUER & GASKELL: 2005). O mesmo aponta que:

“O mundo, como o conhecemos e o experienciamos, isto é, o mundo representado e não o mundo em si mesmo, é constituído através de processos de comunicação. A pesquisa social, portanto, apóia-se em dados sociais que são o resultado, e são construídos nos processos de comunicação. (...) e o meio de comunicação pode ser composto de textos, imagens ou materiais sonoros. Na pesquisa social nós consideramos todos eles como importantes, de um modo ou de outro.”  
(idem)

Dessa forma, compreendendo a pesquisa social como um processo interativo de pessoas e contextos, não fiquei constrangido ao utilizar, além das falas dos meus entrevistados, imagens de filmes, reportagens, fotografias

quando permitidas, ou retiradas da “Internet” e análises de músicas encontradas nos folguedos e festas populares que retratassem os ciganos, bem como a ir a um templo umbandista para observar as imagens que os freqüentadores desse templo possuíam dos ciganos.

Foram realizadas entrevistas semi-abertas com pessoas não ciganas, com o critério de que possuíssem algum contato com indivíduos que se identifiquem como sendo ciganos (vizinhos). As entrevistas realizadas com os não ciganos tiveram como base perguntas referentes à como é percebido esses ciganos pelos não ciganos que estão em contato com os mesmos, possibilitando a descrição do processo de afirmação da identidade desses ciganos frente aos não ciganos.

Paralelo a todo o processo de pesquisa de campo, foi desenvolvido uma pesquisa bibliográfica em museus, institutos históricos e geográficos, bibliotecas, cinematecas, sites, sebos, além de ter entrado em contato com o maior quantitativo possível de pesquisadores sobre a temática, das mais diversas áreas do saber, tendo nessa parte a “Plataforma Lattes” uma importante função, pois a partir dela pude recolher os e-mails desses pesquisadores e requisitar as suas respectivas obras, quer teses ou dissertações, as quais foram disponibilizadas por alguns.

As análises do material recolhido estão co-relacionadas ao processo de construção identitária dos ciganos, enquanto grupo étnico, na Região Metropolitana do Recife-PE, e a representação dos mesmos pelos não ciganos.

Após organização, catalogação e classificação dos dados, quando necessário, foram realizadas leituras com os informantes pesquisados, aberta a discussão e possíveis retificações.

Como resultado do estudo de campo ocorreu um registro etnográfico e o mapeamento dos indivíduos que se identificam como ciganos na Região Metropolitana do Recife-PE e sobre quando é acionada essa identidade frente aos não ciganos, bem como são representados pelos não ciganos, abrindo precedentes para dessa etnografia ser realizada uma futura etnologia sobre os mesmos.

Pois, como afirma Mariza Peirano (1995):

*“toda (boa) etnografia precisa ser tão rica que possa sustentar uma re-análise dos dados iniciais, onde as informações não são oferecidas apenas para esclarecer ou manter um determinado ponto de vista teórico, mas haverá sempre a ocorrência de novos indícios, dados que falarão mais que o autor e que permitirão uma abordagem diversa”*

## **1.5 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Segundo Poutignat e Streiff-Fenart, o pesquisador Vacher de Lapuge criou o termo etnicidade para tentar responder a pergunta: “O que faz as populações se atraírem ou se separarem?”. E, assim, diferenciar o que era tido como idéias confusas de raça, nação e agrupamento (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 1998).

Desde a década de setenta do século passado, o termo etnicidade vinha sendo empregado na antropologia inglesa e americana, chegando essa discussão a antropologia francesa apenas na década de oitenta, com exceção feita a Roger Bastide e George Balandier, que já vinham utilizando questões envolvendo esse tema. Pois conforme aponta Poutignat e Streiff-Fenart esse período pode ser concebido como a emergência da indústria acadêmica da etnicidade (1998).

Na introdução do livro “*Grupos Étnicos e suas Fronteiras*” de Fredrik Barth, são introduzidas as discussões sobre o fenômeno da etnicidade na antropologia, com maior ênfase no aspecto organizacional, visto haver um deslocamento da visão reducionista em que a diversidade cultural era resultado do isolamento geográfico e social, por outro mais amplo, onde as diferenças eram apontadas como flexíveis e dinâmicas, em vez de estáticas, bem como os grupos em questão.

Contudo, quando o próprio Fredrik Barth fala sobre os povos parimatéticos, entre os quais os ciganos, é aberto um precedente para outros possíveis marcos discursivos a respeito de como pode ser associado os estudos de etnicidade com relação a esse grupo étnico. Pois conforme Barth (2000) os ciganos, dentre todos os grupos de parias da Europa, foram os únicos que em situação de interação, conseguiram desenvolver uma

complexidade interna, possibilitando assim a consideração de que os mesmos formam um grupo étnico.

São partes integrantes também dessa pesquisa com os ciganos para ampliar o quadro teórico que sustenta a análise dos dados etnográficos a serem coletados, as discussões desenvolvidas sobre etnicidade de Thomas Hylland Eriksen (2002), tendo em vista a relação da etnicidade como uma forma política geradora de ascensão social de ganhos reais e simbólicos; Giralda Seyferth (1999), pois a mesma aborda o sangue de uma forma metafórica, se adequando deste modo a sua percepção sobre esta questão com a fala dos ciganos pesquisados, quando os mesmos conclamam a noção de pertencimento a partir do sangue.

Do campo antropológico brasileiro, para o desenvolvimento da discussão de identidade étnica, foi Roberto Cardoso de Oliveira quem lançou os conceitos de fricção inter-étnica na constituição dos sistemas de uma estrutura de classes que estão presentes em todas as “culturas do contato” (OLIVEIRA, 1976). No entanto, o que será pertinente em seu livro “Identidade, Manipulação e Etnicidade” (1976), são discussões de identidade contrastiva, onde há elementos para compreensão de como a identidade cigana é construída em centros urbanos, a partir das fronteiras com os não ciganos.

Discutindo sobre etnicidade, a partir de estudos sobre ciganos, torna-se procedente também uma revisão da obra de Manuela Carneiro da Cunha (1987), que é um marco nessa literatura sobre discussões étnicas no Brasil, no que tange as discussões sobre sinais diacríticos como marcos distintivos de um dado grupo, pois a mesma nos aponta que:

*‘Uma maneira de colocar a questão é indagar sobre a substância da etnicidade, substância que já foi pensada em termos biológicos, quando se falava de raças e de sua heterogeneidade. A noção de cultura veio substituir-se à raça, dentro de um movimento que se quis generoso, e que certamente o foi. E já que cultura adquirida, inculcada e não biologicamente dada, também podia ser perdida e não biologicamente dada, também podia ser perdida. Inventou-se o conceito de aculturação e com ele foi possível pensar (...) da diversidade cultural e em cadinhos de raças e culturas’.*

A escolha para trabalhar a etnicidade a partir das elucidações do construcionismo, ocorreu pelo fato de o mesmo ser uma reação ao estrutural funcionalismo. E estudar ciganos é romper com esta vertente, tendo em vista a emergência de novos conceitos ao ser abordada a questão da etnicidade com grupos não territorializados, situação peculiar aos ciganos, levando-se em consideração a trajetória de nomadismo dos mesmos. Pois, para Hans Vermeulen o fenômeno da etnicidade se dá a partir de dois vieses: o da interação e o da consciência. No primeiro percebe-se uma dimensão interligada aos conceitos de Cohen. Enquanto que, no segundo aspecto, surge uma categorização de identificação de forma ideológica, entremeada pela relação com os outros com quem se estabelece o convívio.

De acordo com o legado construcionista, as identidades resultam do movimento, mas também atenta para a variabilidade e a confusão na identificação das mesmas nos contextos de inserção, problematizando a idéia de fronteiras de Barth e não se detendo apenas nelas.

Dessa forma, dar ênfase a consciência do significado do pertencimento étnico, sem deixar de retomar a cultura em seu sentido de representação coletiva, ao mesmo tempo em que os membros do grupo podem ter concepções distintas quanto a origem e a pertença, além claro dos seus mitos fundadores. Isto se aplica muito bem a um trabalho voltado a um grupo étnico como o é os ciganos, onde não há um indivíduo cigano, mas pessoas que pertencem a grupos diversos e, portanto, portadoras de identidades e concepções inúmeras sobre pertencimento e manifestação do mesmo frente aos outros. Identidade esta, construída em face de negociações nas tênues fronteiras vigentes.

## 2. CAPITULO I

### CIGANOS E CIGANIDADE

#### 2.1 UM CONTEXTO HISTÓRICO

A origem dos ciganos foi sempre cercada por uma rede de diversos mistérios, gerando um grande número de lendas e fantasias. Tais como a de serem descendentes de Adão com uma outra mulher, antes de Eva; ou de serem descendentes de Caim, filho de Adão e Eva que assassinou Abel sendo marcado e banido para uma vida de peregrinação. Ainda, surgem como os ingratos que não abrigaram a sagrada família cristã (Maria, José e Jesus) durante a fuga para o Egito, narrada nos primeiros livros do Novo Testamento da Bíblia Sagrada. Sendo os mesmos responsáveis pela confecção dos pregos que pregaram a Jesus no madeiro. Enfim, lendas contadas entre os ciganos que se misturam a história Ocidental, envolvendo as grandes religiões com quem têm contato (PEREIRA, 1989).

Não sendo de admirar estarem, aqui no Brasil relacionados aos cultos afro-brasileiros, religião tão estigmatizada, quanto os próprios ciganos. Relação esta, que me levou adentrar nesta etnografia uma outra questão, sobre como esses grupos vêem os ciganos a partir de experiências da memória e entidades incorporadas que conclamam para si o pertencimento a este grupo étnico. Imagem esta sobre os ciganos que refletem na construção identitária e na performance social dos próprios ciganos com quem realizei a minha pesquisa. Vejamos o que diz uma informante não cigana:

*“Olhe esse menino, eles são bem estranhos, viu são ciganos mesmos, se não forem, são **catimbozeiros, ou coisa parecida**<sup>13</sup>, mas que eles são normal feito a gente, não são não. Acho que são ciganos como eles dizem” (M.J.Silva – vizinha do casal de ciganos residentes no Coque).*

---

<sup>13</sup> O Grifo foi realizado por mim para destacar a ralação direta entre ciganos e religião afro-brasileira

Em outro depoimento, além de fazer referência a esta relação, ainda são ressaltados os estigmas de minoria dos ciganos, relacionando o nomadismo como consequência desses estigmas:

*“Eu tenho é medo deles. Um dia, vieram pra aqui e ficaram, ninguém sabe de onde, se vieram fugidos, se fizeram algum mal. Ninguém sabe. E eu, só sei que num deixo nem os meus fio(filho) perto. Porque se eles são ciganos, eles podem roubar meus fio. **A cigana, ela faz trabaio**<sup>14</sup>. E quando fizeram uma coisa errada vão se embora”.* (S, M.da Costa – outra vizinha do casal de ciganos residente no Coque).

Os censos demográficos não possuem nenhum quesito para que haja a identificação sobre o pertencimento étnico dos indivíduos a não ser o quesito cor. A estimativa sobre a população cigana vivendo atualmente no Brasil, bem como um mapa que mostre a distribuição geográfica dos mesmos, não há. Durante o período da pesquisa entrei em contato com cento e cinquenta e nove ciganos, entre homens, mulheres e crianças na região metropolitana de Recife-Pe.

Falando sobre esta questão de uma necessidade de quantificação dos ciganos, Rodrigo Teixeira (2007) aponta que qualquer número referente aos mesmos será fantasioso:

*“Pois nenhum ciganólogo e nenhuma organização cigana ou pró-cigana de qualquer parte do mundo, e menos ainda a Unesco, têm autoridade para divulgar estimativas populacionais ciganas seja de que país for, a não ser que essas estimativas sejam baseadas em dados confiáveis fornecidos por cientistas ou instituições de pesquisa. E no Brasil, até hoje, nem Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), responsável pelos censos demográficos oficiais, nem qualquer outra instituição e pesquisa demográfica, nem qualquer organização não-governamental, nem cientista algum tem feito levantamentos sistemáticos e confiáveis da população cigana.”* (TEIXEIRA: 2007)

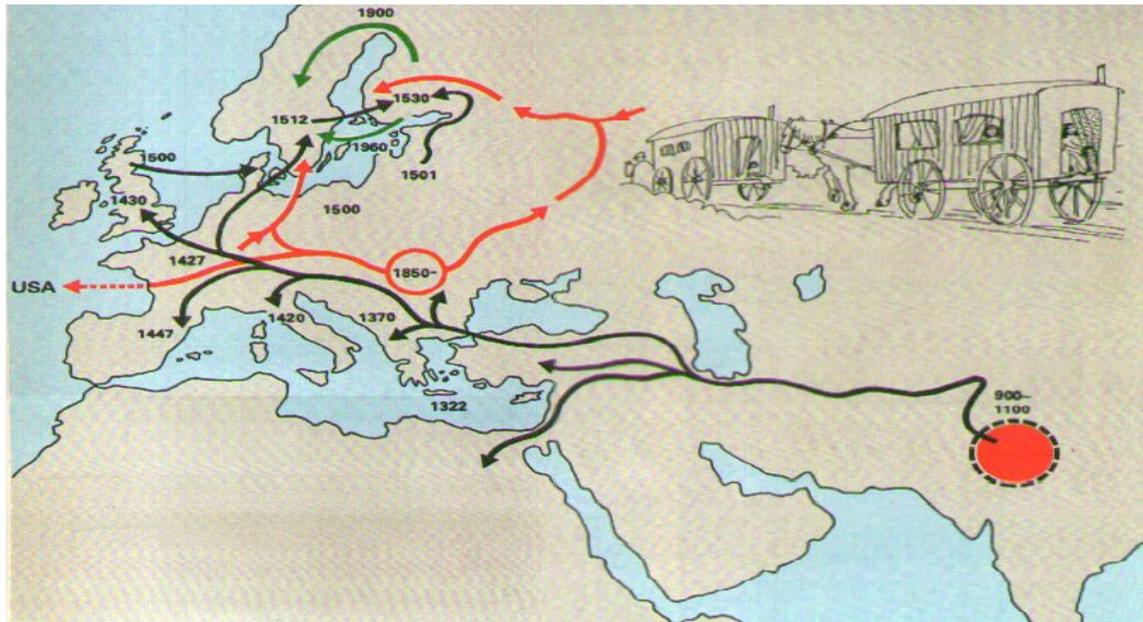
---

<sup>14</sup> Idem nota 6

Segue um mapa que nos ajuda a visualizarmos a dispersão dos ciganos, desde os primeiros estudos sobre os mesmos a partir das comparações lingüísticas no século XVIII:

Mapa de dispersão dos ciganos da Índia para Europa e demais continentes<sup>15</sup>:

**Figura 1**



Deve ser ressaltado, contudo, que a história escrita sobre os ciganos não chega há um milênio e foi marcada constantemente pelas políticas de repressão e exclusão, a fim de negar-lhe a identidade, como por exemplo, no “século das luzes”, na Europa muitos foram forçados a uma sutil forma de genocídio, a assimilação, com a substituição dos nomes, proibição de falarem a sua língua e a contraírem matrimônio entre si.

O primeiro registro sobre eles se deu no ano de 1050, por meio de um documento escrito por um monge grego, no qual, o imperador de Constantinopla solicitou a ajuda de uns homens chamados Adsincani. Por volta do século XII, outro monge fez referencia a alguns domadores de ursos e cobras, e indivíduos que previam o futuro, chamados Athinganoi. Já no século XIII, houve uma proibição contra a Adinganons, “*porque eles ensinavam coisas diabólicas*” (FRASER, 1997), sendo estes, prováveis antepassados dos indivíduos a quem chamamos de ciganos.

<sup>15</sup> Mapa encontrado no site: [www.uarte.rcts.pt/imagens/rota\\_ciganos.jpg](http://www.uarte.rcts.pt/imagens/rota_ciganos.jpg)

Em 1322, na Ilha de Creta, um frade da Ordem Franciscana registra a presença dos Atsinganoi, nome de um grupo de músicos e adivinhadores que não permaneciam muito tempo em um só local (nomadismo).

No século XV, na Europa, os ciganos passaram a ser chamados por diversos nomes: egípcios, gypsy, egyptier, gitan, gitano, grecianos, tsiganos, zíngaros, romanichel, boémiens, ciganos, etc. Contudo, não é citado como os próprios ciganos se designavam, aparece apenas a atribuição pelo outro, ou seja, os não pertencentes a esse grupo étnico, pois o próprio vocábulo “rom” ou “roma”, adotado após o I Congresso Mundial Cigano, ocorrido em Londres em 1971, designa “homem da etnia cigana” ou “marido”.

Apenas no século XVIII, questões pertinentes aos ciganos começaram a ser enfocados numa perspectiva mais seria através dos estudos lingüísticos; na qual foi constatada a semelhança entre as línguas ciganas e o sânscrito. Pois a cada trinta palavras ciganas, treze eram oriundas do hindi, uma língua advinda do sânscrito. Posteriormente, outros lingüistas vieram contribuir com dados que acrescentam mais informações para comprovar tal teoria da origem indiana dos ciganos.

Embora, saibamos que a língua é apenas um aspecto da identificação dos grupos étnicos, como aponta os estudos da Etnolinguística (BARRIO, 2005), mas um aspecto muito relevante, tanto é assim, que Fredrik Barth aponta que na literatura antropológica, a terceira designação para a definição de grupo étnico é, justamente, “*construir um campo de comunicação e interação*” (BARTH, 2000), isto é, uma língua própria. Outros exemplos desta “indianização” podem ser encontrados nos trabalhos de Fraser (1992) e de Fonseca (1996).

Vejamos Fonseca, “*ciganos um povo que vive o melhor que pode, fora da história, únicos entre os povos que não sonham com uma terra natal*” (FONSECA: 1996). Para Nicole Matinez (1998), eles são populações flutuantes, as quais certas tradições e a consciência coletiva ocidental atribuem uma origem nômade única, com critérios étnicos e raciais bem definidos.

Para Mota (2004), os ciganos possuem seus arquétipos testados no transcurso da história, não dando muita importância ao espaço físico e as limitações das fronteiras vigentes que demarcam as nações modernas. Pois, como indivíduos, desterritorializados são:

*“verdadeiros cidadãos do mundo, moram dentro de si mesmos e não aspiram outra coisa senão à graça de continuarem sendo os portadores de uma cultura interessantemente vivida no presente, embora a história sua origem continue esboçada de forma imprecisa ou apenas delineada pelos seus contos e lendas multisseculares” (MOTA: 2004).*

É comum, entre os que estudam os ciganos, constatarem que os mesmos não possuem idéia alguma a respeito de suas origens, visto não haver documentos escritos sobre a história dos ciganos deixados por eles próprios. E o que é falado pelos informantes sobre o seu passado, ser explicitado de forma solta e recheado de contradições e vácuos, ou de histórias de outros grupos com quem têm contato. Sendo a sua história escrita sempre pelo outro, não é de admirar que seja permeada por preconceitos e desrespeitos, para mostrar a superioridade do grupo tido como majoritário, nas relações dos constructos fronteiriços.

Sabendo que cigano é apenas um termo genérico e que são divididos e subdivididos em diversos grupos e subgrupos, vamos nos deparar com os Calon ou Kalé, os denominados ciganos ibéricos, que vivem em Portugal e na Espanha. Esses ciganos foram deportados ou migraram para a América, principalmente, o Brasil, na época da Inquisição, por isso, é constante hoje em dia, devido a esse fato histórico, muitos atribuírem a si, o pertencimento a esse grupo.

Os Calon apresentam uma forte tendência a uma memória sobre um tempo nômade, embora os que pesquisei serem sedentários. Esse grupo Calon aparece em trabalhos de Frans Moonen (1995), Ático Vilas Boas da Mota (1982), Patrícia Goldfarb/Sulpino (2004/1999) e Florência Ferrari (2002).

Entre os antropólogos e lingüistas tornou-se comum o estudo sobre os Rom, os Kalderash e os Lavora, por serem considerados os “nobres e autênticos ciganos”, por atenderem ou se moldarem aos estereótipos existentes na imaginação. Quanto aos demais são tidos como “ciganos espúrios”, mas o fato é que não deixam de ser ciganos, assim como os “nobres e autênticos” nas relações estabelecidas partir dos processos de construção de fronteiras étnicas, na dialética “eu” e o “outro”. Um outro grupo que também

não figura nos trabalhos sobre os ciganos é os Sinti. Contudo, é necessário fazer uma ressalva, devido a algumas particularidades de minha pesquisa, como o material encontrado sobre a “la ursa” e o dirigente do Instituto Cigano do Nordeste.

Os Sinti, também conhecidos com a alcunha de Manouch, falam a língua sintó, de acordo com estudos de outros pesquisadores sobre os ciganos eles aparecem em grande número na Alemanha, Itália e França. No Brasil, como ressalta Teixeira “*nunca foi feita uma pesquisa apurada sobre a sua presença*” (2007). Tem-se como primeiros indícios de sua presença o século XIX, provindo dos países já citados, juntamente com a leva de colonos que para o Brasil vieram pós-período escravocrata.

No entanto, tive o privilégio de em minhas pesquisas sobre ciganos ter entrado em contato, justamente, com um cigano que se apresenta como pertencente aos Sinti e falante da língua sintó, o Senhor Virgílio Vassalo, presidente e organizador do Instituto Cigano do Nordeste.

O mesmo, é de origem italiana, teve como profissão marinho e cozinheiro, chegando ao Brasil na década de noventa do século passado, graças à marinha. Aqui, passou a estabelecer residência, primeiramente nos Estados do Sul e Sudeste e, logo depois, vindo para Pernambuco. Em Pernambuco, entrou em contato com outros ciganos do grupo Calon e diversas pessoas que se diziam ciganos espirituais ou descendentes de ciganos.

Segundo ele, ao ver tantas pessoas conclamando para si a identidade e o pertencimento ao grupo cigano, sem, no entanto, conhecer a “cultura” cigana, resolveu fundar a Organização não Governamental Instituto Cigano do Nordeste, no ano de 2000. Nessa organização seriam compartilhados alguns conceitos da cultura cigana, aprender-se-ia danças, quiromancia, a língua e, entrar-se-ia em contato com outros grupos de ciganos espalhados tanto por Pernambuco, quanto pelo Nordeste.

Tendo sua primeira sede na Rua do Príncipe, centro do Recife, houve uma mudança para a Rua Sigismundo em Olinda-PE; em seguida, para Bairro Novo, Olinda-PE; e, no momento presente, encontra-se com sede em Camaragibe-PE, no quilômetro nove da Estrada de Aldeia.

**Figura 2**



**Figura 3**



(Virgílio Vassalo, Sinti, líder do ICNE)

**Figura 4**



(Banner do ICNE )

**Figura 5**



(Casa onde funciona o ICNE)

**Figura 6**



**JEAN BAPTISTE DEBRET:** *Interior de uma casa de ciganos*, 1823.  
Aquarela sobre papel.

## 2.2.CIGANOS NO BRASIL E EM PERNAMBUCO

No Brasil, a presença cigana data oficialmente do ano de 1574, com alvará de D. Sebastião condenando ao degredo João de Torres, sua mulher Angelina e seus filhos para o Maranhão; embora se acredite que os ciganos, enquanto povo andejo tenha estado antes nas terras brasileiras. Vejamos o texto que trata sobre o degredo:

### JOÃO DE TORRES, O DEGREDADO

1574

*Dom sebastiam etc. faço saber que Johão de torres, çiguanos preso no lymoeyro, me euju diser per sua petição que estamdo na villa de momtalluão morador e jmdo e vjmdo à castella fora preso he acusado pela justiça, dinzendo que sendo ley deste Reyno que toda geração de çiguanos não vjuesem neste Reyno e delle se sahyessem em çerto tempo e por elle não ser sabedor da tall ley por jr he vyr há castella, fora preso he acusado pela justiça, elle he sua molher Amgylyna e condenado per sentença da mor allçada, elle em çimquo anos de degredo pera as gualles e açoutados publicamente, cõ baraço e preguão, e a dita sua molher se sahyrya do Reino em dez dias, visto como se não mostrava certidão de quando hally fora pobricada em momtalluão, homde forão presos, como todo se mostrava da sentença que oferecia. He por que dos haçoutes, baraço de preguão hera feita execuçam e a dita sua molher hera fora do Reyno e elle ser presente, estava no lymoeyro, homde perecia há mjimgoa, e hera fraquo he quebrado, e não hera pera serujr em cousa de mar e muito pobre, que não tinha nada de seu, me pedy a que ouese por bem se sahyse loguo do Reyno ou que fosse pera o brasyll pera sempre e podese levar sua molher avendo respeito a pena que já tinha recebyda etc.; e eu vemdo que me asy dise he pedir emvyou, querendo lhe fazer mercê visto hu parece como o meu pase (?), ey por bem e me praz se assy he como dis, de lhe cummutar os çimquo anos em que foy conenado pera as gualles, pelo caso de que faz menção, visto ho que halegua e declara, em outros çimquo anos pera o brasyll, homde leuara sua molher e filhos, visto outrosy com he feyta execuçam dos haçoutes; por tamto vos mamdo etc. na forma dada em allmerym a vii dias dabrill el rei nosso snr ho mamdou pelos doutores paullo affonso e amtonjo vaaz castello etc. dioguo fernandez a fez, ano*

*do nascimento de nosso snr xpo de m v<sup>o</sup> lxxiiij<sup>o</sup> anos. Roque vieira a fez escreuer.<sup>16</sup>*

A partir deste relato, começaram os registros a respeito dos ciganos em terras brasileiras, chegando aqui como degredados e, portanto, cunhado de estigmas de “gente má” e “ladrões” que perduram até os dias de hoje, como lembra o Senhor Virgílio Vassalo:

“Dizem que os ciganos são todos ladrões, mas deve ser por causa dos que chegaram aqui primeiro, (...) porque o rei expulsou nós pra cá, dizendo isso de nós, que a gente era ladrão. E o povo acha que a gente é mesmo. Mas a gente não é não!”

Sobre os ciganos podemos encontrar citações no livro das “*Denúncias da Bahia*”, datado de 1591-93 e mesmo nas “*Confissões da Bahia*”. Em abril de 1594, o cigano Diogo Sanches residente em Igarassu, Capitania de Pernambuco, é citado no livro “*Denúncias de Pernambuco*”, como “*mercador de lógea de mercearia, sedentário e rico*”. Denotando uma afronta ao pensamento vigente sobre quem seriam os ciganos, geralmente associados ao nomadismo, à pobreza e ao roubo. Contudo, permanece a atividade de renda e do alcançar as posses com as atividades comerciais na venda de mercadorias. Profissão esta, encontrada hoje entre os ciganos pesquisados, assim como o sedentarismo. Sedentarismo este que contradiz a imaginação sobre os indivíduos que compõem este grupo étnico.

Em “*Os habitantes do Brasil no fim do Século XVI*”, uma monografia de pós-graduação apresentada por Tarcízio do Rego Quirino, em 1966, no Instituto de Ciência do Homem (Divisão de História) da Universidade Federal de Pernambuco, buscando por base os livros da visita do Santo Ofício ao Brasil, apresenta dados sobre os ciganos enquanto “*raça*”<sup>17</sup> formadora dos habitantes do Brasil, pois segundo ele:

---

<sup>16</sup> *Archivo Nacional, liv. 16 de Legitim. D. Seb. e D. Henr. fl. 189*. Este manuscrito encontra-se disponível no site: [www.ciganosbrasil.com](http://www.ciganosbrasil.com). (grafia do original)

<sup>17</sup> Vocábulo utilizado pelo autor em sua monografia

*“Tomamos como enfoque principal as ‘raças’ que são formadoras do povo brasileiro. Na classificação dos dados demos prioridade à condição de índio, negro, mestiço e **cigano**. Se não há uma dessas qualidades explicitadas, classificamos o indivíduo segundo as categorias de ‘cristão velho’, ‘cristão novo’ e ‘meio cristão novo’. Supomos que nessas três categorias se encontram os componentes da raça branca, se separarmos **os ciganos**.”*<sup>18</sup> (QUIRINO, 1966)

Dessa forma, percebemos a presença dos ciganos na constituição dos habitantes do Brasil, tanto o é, que o mesmo Quirino vem a destacar que *“é de alguma importância à quantidade de ciganos na Bahia, num total de seis”*. (Idem)

Portanto, não podemos deixar de ressaltar o que a historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro apresenta referente a questões de preconceito e relações raciais envolvendo os distintos grupos que compunham a sociedade colonial:

*“O preconceito racial foi uma realidade no Brasil, durante os três séculos que foi colônia de Portugal. Judeus, mouros, negros, mulatos, indígenas, cristãos-novos e ciganos eram considerados inaptos para participar da sociedade colonial. As origens dessa situação explicam-se em função do processo histórico que determinou a evolução social e étnica da Península Ibérica. Esses elementos herdaram de seus predecessores não apenas uma legislação que os distinguiu dos demais membros da sociedade, mas também uma estrutura social organizada em função daqueles que os discriminavam, considerando-os portadores de sangue de uma raça “infecta” ou, então, qualificando-os com uma série de adjetivos, como vadios, sujos, irresponsáveis”*. (CARNEIRO, 2005).

A partir do final do século XVI, mostraram-se muito visíveis em diversas capitanias, entre elas Pernambuco. Todavia, Pernambuco sempre se mostrou hostil à presença dos ciganos em suas terras. Fato este permanente em nossos dias, pois os ciganos *“como não respeitam tabus básicos, eram rejeitados pela sociedade abrangente”* (BARTH, 2000). Um bom exemplo é citado nos Anais Pernambucanos (COSTA, 1983), onde no dia 15 de abril de

---

<sup>18</sup> Os grifos nos vocábulos “cigano” e “os ciganos” são de minha autoria.

1718 chegou um comunicado ao Governador de Pernambuco apontando o extermínio dos ciganos do reino, assim também, não deviam os mesmos permanecerem nesta capitania.

Apesar das ordens dirigidas ao Governador de Pernambuco, vários ciganos permaneceram contrariando as ordens e se submetendo as perseguições e humilhações de diversas espécies.

Pereira da Costa nos informa que:

*“(...) ficaram na capitania de Pernambuco vários ciganos, aos quais concedeu o vice-rei, por ordem de 14 de dezembro de 1720, que eles fossem estabelecer a sua moradia em Sergipe del-Rei. Permanecendo em Pernambuco avultado número de ciganos, apesar das ordens em contrário, representa contra eles a câmara de Olinda em 126 de dezembro de 1723, dizendo na carta que dirigiu ao soberano, que viviam eles espalhados pela capitania, cometendo toda sorte de crimes, principalmente de furtos e assassinatos, e em tal escala, que não se podia mais tolera-los, concluindo que S. Majestade houvesse de os mandar para o Ceará, onde poderiam prestar algum serviço na conquista do gentio bravio, e ficar assim o povo com algum sossego”. (COSTA, 1983).*

O mesmo Pereira da Costa, falando a respeito dos ciganos em Pernambuco, também enfatiza a ciganos que iam de encontro as acusações a eles apresentadas acima, ganhando honestamente o sustento para sua sobrevivência:

*“Os ciganos andavam em bandos mais ou menos numerosos, e aqueles que não se entregavam à pilhagem, e a certos negócios, como a compra e venda de cavalos, nos quais os indivíduos pouco experientes sempre saíam logrados, eram geralmente caldeireiros ambulantes, e onde quer que chegassem, levantavam suas tendas, e saíam à procura de trabalho que consistia, especialmente, no conserto de objetos de latão e cobre. As mulheres, porém, importunas, astutas e nímiamente loquazes, saíam a esmolar, e liam a buena dicha pelas linhas das mãos, predizendo a boa ou má- sorte do indivíduo, mediante uma remuneração qualquer”. (Idem)*

A respeito dos ciganos que viviam honestamente na capitania de Pernambuco temos mais alguns relatos encontrados em uma edição comemorativa do sesquicentenário do Diário de Pernambuco, com reportagens selecionadas e organizadas por José Antonio Gonsalves de Mello, sobre o Diário de Pernambuco e a História Social do Nordeste, compreendendo um período de 1825 a 1975. Vejamos duas cartas de apresentação do cigano Pedro Antônio da Costa que era um andarilho nas terras pernambucanas e, possivelmente, chefe de um grupo. Uma das cartas do Delegado de Polícia de Nazaré, João Cavalcanti Maurício Vanderlei, e a outra do Visconde de Camaragibe, mostrando que o mesmo gozava de inteira confiança de ambos pela idoneidade que lhe era peculiar.

*“João Cavalcanti Maurício Vanderlei, oficial da Imperial Ordem da Rosa, Tenente-Coronel Chefe de Estado-Maior da Guarda Nacional do Município de Nazaré, por S. M. I. e Constitucional, que Deus guarde, e Delegado de Polícia do termo de Nazaré. – Atesto, por me ser pedido e por inteiro conhecimento do cigano capitão Pedro Antônio da Costa, que desde o ano de 1854 que o conheço transitando sempre por esta comarca, e pelas de Limoeiro, Pau-d’Alho e Goiana, e tem sempre apresentado boa conduta e comportamento em seus tratos e negócios, merecendo todo o conceito e estima, pelas boas maneiras e costume; livre da menor suspeita e isento de crime algum que me conste possa ter praticado; o qual tendo de seguir para as partes do sul, onde não tem conhecimento algum, pede-me que ateste e declare às Ilmas. Autoridades, onde quer que possa apresentar-se, para que o deixem transitar livremente e lhe prestem a proteção que entenderem possa ele merecer; visto que não me consta de ato algum de que possa ter praticado que o desacredite e desabone em seu procedimento até o presente, não só por esta comarca, como pelas que levo acima mencionadas, que possa desacreditá-lo, sob qualquer responsabilidade de traficância; pelo contrário, sempre se tem portado bem, e tem-se distinguido de todos que o acompanham com distinção, o que é puramente verdade quanto levo dito e afirmo, provando se preciso for; é por isto que passo o presente, que vai por mim escrito e assinado. – Delegacia de Polícia do Engenho Cova, 23 de setembro de 1870. O Delegado de Polícia de Nazaré, João Cavalcanti Maurício Vanderlei.”*  
(MELLO, 1975)

*“Ilmo. e Exmo. Sr. Barão de Taquari – o cigano Pedro Antônio da Costa, tendo de ir à Província do Ceará, deseja que eu lhe dê uma carta para V. Exa., dizendo o que dele sei. Este homem é aqui tido e havido como homem honrado e verdadeiro, vivendo em relações com pessoas distintas da Província, as quais todas o abonam. Possui alguma fortuna e passa por cumpridor dos seus tratos. Por saber da verdade do que acabo de expor, não tenho dúvida em declara-lo. Prezo-me de ser com a mais perfeita estima e consideração. – De V. Exa. Muito atento venerador e criado. Visconde de Camaragibe.” (Idem)*

Em se tratando de ciganos em Pernambuco não é possível deixar de citar a chegada dos mesmos a Fernando de Noronha <sup>19</sup>, quando a ilha foi convertida em degredo. Vem desse período a lenda: *O Cajueiro da Cigana*, que aparece no livro *“Risos e Lágrimas”*, de Gustavo Adolfo Cardoso Pinto, impresso no Recife em 1882. Houve um tempo, no passado, em que todos os ciganos do Brasil foram banidos para Fernando de Noronha, possivelmente em 1738 ou 1739. Era a definição de "limpeza da raça", com o afastamento daquele povo considerado desordeiro e vadio. Tal como ocorreu séculos depois durante a Segunda Guerra Mundial, como cita Mirella Karpati, doutora em Pedagogia e diretora da revista italiana de estudos ciganos “Lacio Drom”:

“O holocausto dos ciganos costuma ser minimizado ou escondido. O próprio governo de Bonn<sup>20</sup> reconheceu somente em 1965 os ciganos como perseguidos raciais, enquanto que anteriormente sustentava que em relação a eles haviam sido tomadas medidas somente de prevenção à delinqüência. 500.000 vítimas, das quais metade eram crianças, apenas para prevenir a criminalidade? De fato, nas primeiras deportações (para Dachau a partir de 1936) os ciganos foram classificados como ‘a-sociais’, mas mediante o decreto sobre os ciganos (zingeunererlass) de 18/12/1938 a questão cigana era inserida na questão racial; seguiram-se, em maio de 1941, a ordem de liquidação dos ciganos ‘indesejáveis em termos raciais e políticos’ e o Decreto de

---

<sup>19</sup>Arquipélago formado por uma ilha maior, Fernando de Noronha cerca de 20km<sup>2</sup> e por outras dezenove ilhas menores, ocupando um total de 28,4 Km<sup>2</sup>. Situa-se a 4° abaixo da linha do Equador, entre 3°45’ e 3°56’ Lat. &. e 32°20’ e 32°30’ Long. O de Greenwich. Foi re-anexado ao Estado de Pernambuco em 1988. É o maior do Brasil.

<sup>20</sup> Bonn foi a capital da República Federal Alemã entre 1949 e 1989, sendo sede dos ministérios e do governo alemães.

Auschwitz de 16 de dezembro de 1942 que determinava a 'solução final' não somente dos ciganos da Alemanha mas ainda dos territórios ocupados pelo grande Reich" (KARPATI, 1997)

No rastro dessa história real de perseguição e sobrevivência, a lenda "O cajueiro da Cigana" fala de uma linda cigana que, vivendo num casebre na ilha, que tinha ao lado um frondoso cajueiro, plantado por ela. Num lugar sem mulheres, onde ela era, talvez, a única exceção, esta bela mulher prostituiu-se, entregando-se a muitos homens.

#### O CAJUEIRO DA CIGANA

*Conservara as tradições  
que esbelta e linda cigana,  
tinha aqui, pobre cabana  
nestas ermas solidões;  
certo, a buena-dicha lia,  
porém disto não vivia.*

*Mas certos amores vendeu...  
era bela o mais quem sabe?  
dizer a mim não me cabe,  
depois dizem que morreu,  
e por memória deixou  
esta árvore que plantou.*

*Desde então, nesta paragem,  
junto d'este cajueiro  
apareceu ao caminheiro  
um eqüestre personagem;  
fronte altiva e marcial,  
vestido de general.*

*Outras vezes, diz a gente  
que um vulto — rara beleza,  
pelas formas — com certeza,  
mulher, — alma padecente  
se vê perdida na estrada  
como que vai de jornada.*

*Não se sabe o que julgar  
dessa estranha aparição:  
mas, afirmam que, um caixão  
se se cavam há de achar  
que é férreo cofre, um tesouro,  
que contém da Holanda o ouro.*

*São antigos cabedais  
que ajuntaram os holandeses;  
amontoados na paz,  
e, depois, de imiga guerra,  
escondidas sob a terra.*

*Morreram... talvez — quem viu?  
e essas imensas riquezas,  
n'estas imotas devesas,  
pela terra se sumiu:  
Hoje, buscam uma oração,  
talvez, — por d'ouro um caixão.*

*Quem sabe? mas, o que é certo,  
verdade que muitos contam,  
e vários fatos apontam  
É que, d'esta árvore perto  
uma noite — de passagem,  
vira um preso uma visagem.*

*Meia-noite, mais ou menos  
ouviu confuso tropel:  
Olha, e lá avista um corcel  
galopar nestes terrenos;  
após outros mais atrás,  
três ao todo, não eram mais.*

*E a cavalgada se avança,  
pára junto do cajueiro,  
num montava um brigadeiro,  
galopa n'outro ordenança  
n'outro alfim fradalhão  
em guisa de capelão.*

*Trajava o velho general  
gibão e armado chapéu;  
o capelão — solidéu,  
e o seu burel monacal:  
E que por ser d'ordens passa  
cimeira, lança e couraça.*

*O general se aproxima,  
e a mão levando da espada  
gesto frio — vista irada,  
medir-lhe de baixo acima,  
depois dá-lhe uma moeda,  
e da vereda se arreda.*

*Assombrado quis correr,  
no chão súbito caiu...  
quando, após, o olhar abriu,  
começava a amanhecer:  
Todo o campo era deserto  
mas estava de ar've perto.*

*Depois, mais não viu tornar;  
ou a outros revelavam  
a causa porque penaram  
e foram, alfim, descansar:  
pois, após isto que aponta.  
quarenta invernos já conta.*

*Contudo, inda há quem quer  
que, caminho do Sueste\*  
arrastando uma'alma veste,  
passa uma noite uma mulher.*

*Mais, não afirmo nem nego,  
e a descrição isto entrego.*

Ao morrer, o lugar tornou-se mal-assombrado e sua alma errante começou a aparecer junto ao cajueiro que plantara. Ao seu redor, fantasmas materializados de alguns desses homens aos quais enfeitiçou: generais, ordenanças, padres, também apareciam, amedrontando as gerações que se seguiram com o estranho relato.

Uma crença que tem raízes na história, na presença de ciganos em Fernando de Noronha, a partir de 1738, banidos do continente como “gente de má índole” e “perigosa para o trato com os homens”. Contudo, dois séculos depois, tornou-se uma história carnavalizada pela Escola de Samba Mangueira do Rio de Janeiro, em 1995, num carro alegórico de símbolos “gitanos”, seguido pela ala de ciganos de todas as cores e enfeites.

Compartilhando essa lenda com os ciganos pesquisados, em uma das visitas realizadas, houve o seguinte comentário:

“É a gota mermo! Né? (Risos) Dizem que as nossa mulher é de vida fácil, mas veja fácil fazer o que disseram que essa cigana fez. Num é não. Mas morrer de fome é que ela não ia, né? Nossas mulher são forte e muito esperta pra cuidar de tudo. Elas (...) só num é de vida fácil, pelo meno as daqui de casa, isso elas num é não.”

A persistência dessa mulher na citada lenda e os comentários do informante lembram uma outra cigana que marcou a história do comércio brasileiro, Francisca Rotz no século XVII, a qual, a Câmara Municipal de São Paulo de Piratininga, concedeu licença em 1603, para a abertura de uma casa comercial na cidade, recebendo a alcunha de “Cigana Francisca Roiz”. Sendo, pois, considerada a primeira comerciante de São Paulo (SCHUMA & BRASIL, 2000).

Essa mesma esperteza da mulher cigana é ressaltada em uma crônica de Xico Sá, divulgada na coluna “Modos de Macho & Modinhas de Fêmea”, que é parte integrante do Diário de Pernambuco. Mesmo sendo recheada de idéias depreciativas quanto aos ciganos não deixa de ser enfatizada a sutileza

da mulher em conseguir atingir o seu objetivo, isto é, conseguir dinheiro a partir do comércio simbólico do “dom” de predizer o futuro e recontar o passado:

“A cigana escolhe justamente as pessoas que contaram histórias mais tristes ao telefone. Ai é só chegar e, pimba, é loa de tiro certo no ouvido do camarada ou da senhorita.” (SÁ, 10 de nov. de 2007).

Assim, é perceptível o papel da mulher cigana no sustentáculo da família como também uma provedora, capaz de atos diversos a partir da “esperteza” que lhe é particular, como é citado acima, para ganhar o necessário para continuar sobrevivendo. Isto corrobora o que aponta Teixeira (2001): *“Desde a Colônia a mulher cigana tinha um comportamento completamente oposto ao da mulher branca das camadas superiores”*.

Um outro material iconográfico que pode ser citado demarcando o papel dos ciganos e a sua inserção na sociedade é o jornal “*A Cigana*”, onde o primeiro número (possivelmente o único) foi editado em oito de setembro de 1874, em Recife.

Dessa forma, nota-se a presença dos ciganos em todos os ciclos geoeconômicos do Brasil, embora sempre estigmatizado, mas contribuindo para torná-lo possível em seus múltiplos aspectos de desenvolvimento. Dessa forma Barth (2000) nos ajuda a compreender esta relação socioeconômica, a partir do contraste e da conjugabilidade dentro do sistema social entre um grupo étnico minoritário e o grupo majoritário:

“um contraste cultural preestabelecido passa a se conjugar com um sistema social também preestabelecido, tornando-se relevante de diversas maneiras para a vida local.”

### **2.3 O GRUPO CALON**

Calon é o termo utilizado para designar os ciganos advindos da Península Ibérica. Os mesmos possuem um dialeto próprio que lhes é comum respeitando, claro, as variações lingüísticas, próprias dos grupos humanos

(BAGNO, 1999), contudo, nem sempre compreensível aos demais grupos. Esse grupo é formado por exímios comerciantes (MELO, 2005), primeiro com cavalos e, na atualidade, com carros e o que for possível para propiciar-lhes sobrevivência econômica como é possível verificar em uma das falas de um dos informantes, ao ser questionado sobre as atividades econômicas por ele praticadas para angariar fundos para sua sobrevivência:

*“Olhe, eu não sei dessa história de cigano ser ladrão, pois, olhe, eu já passei fome, mas roubar eu nunca roubei, já pedi. Pedi mesmo. Porque eu gosto mesmo é de vender, eu vendo tudo, se você quiser duvidar é só me dar um negócio que você vai ver se eu não vendo. Porque cigano, cigano mesmo, é bom de vender. Meu povo é um povo de comércio. O meu grupo, o que eu faço parte é que é de comércio mesmo, porque tem cigano também que não é de comércio, de venda, é de circo e de apresentação. (...)”.* (M. C. Ferraz – 32 anos - cigano Calon).

Durante o século XV, eles conseguiram se estabelecer na Espanha, onde, no reinado de Carlos III, foram aproveitados para diversos ofícios, principalmente os ligados a expressões artísticas, corroborando a fala do informante a cima mencionado, sobre alguns ciganos serem de *“circo e de apresentação”*.

Desse período de repressão e torturas severas destinadas aos ciganos, há de ser lembrado o *“discurso contra los gitanos”* de Don Juan de Quinones, reprimindo toda forma de expressão de algum indício de identidade cigana pelos próprios ciganos. Chegando ao ponto de mantê-los em guetos, ato esse que passariam a vivenciar novamente durante a Segunda Guerra Mundial, juntamente com judeus e outros grupos minoritários (GUIMARÃES, 2003).

Os governantes espanhóis do século XVI, no tocante aos ciganos trataram de:

*“proibir-lhes o uso de seus trajes típicos, a própria autodenominação de egipcianos e o uso do idioma caló. Proibiu-lhe ainda a prática de qualquer tipo de comércio, além de obrigá-los a viver, sedentariamente num bairro isolado.”* (MOTA, 1986).

Era dessa forma, uma imposição colonialista aos ciganos, cabendo aos mesmos serem usuários das atividades agrárias, não sendo de admirar como consequência dessas sanções o sedentarismo dos mesmos nos dias atuais. Para os que não se propusessem a este “enquadramento social”, restava unicamente o degredo e a expulsão e, não raro, as fogueiras da Inquisição. Alimentando, desse modo, o mito do nomadismo aos ciganos, ou impelindo-os a vivenciarem o mesmo.

Pois como aponta Lilia K. M. Schwarcz (1993) em o “*Espetáculo das Raças*”, a discriminação primeira adveio pelo caráter religioso, não é, pois motivo de espanto nos dias atuais encontrar uma reportagem de retratação pela Igreja Católica Romana para com os ciganos.

*“O Vaticano condenou ontem, durante o I Encontro Mundial de Sacerdotes, Diáconos, Religiosos e Religiosas Ciganos, o racismo contra os ciganos, considerando que este os tem privado de necessidades básicas como o trabalho e a escola um pouco por todo o mundo A agência de notícias católica Ecclesia revelou que a posição da Santa Sé foi manifestada no Encontro Mundial de Sacerdotes, promovido pelo Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, que decorreu em Roma. Portugal não esteve presente no encontro, uma vez que não tem padres e freiras católicos de origem cigana, contrariamente a Espanha ou França, explicou em declarações à Agência Lusa o diretor-executivo da Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos, Francisco Monteiro. O subsecretário do Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, D. Novatus Rugambwa, sustentou que a sociedade contemporânea "ainda está cheia de preconceitos que marginalizam muitos jovens e adultos que não encontram trabalho, ainda que tenham formação profissional, por serem ciganos". O responsável advogou ainda ser "uma vergonha" que "os acampamentos dos ciganos estejam privados do necessário", criticando a indiferença relativa à escolarização das crianças, cerca de quatro milhões na Europa em idade escolar. De acordo com o Vaticano, há cerca de uma centena de religiosos ciganos na Igreja Católica, sendo a Índia o país com maior número de padres: 20. Em Abril, a Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia havia alertado que a comunidade cigana era, entre todos os grupos étnicos dos 27 Estados-membros, a minoria "mais vulnerável à discriminação", sendo esta "persistente na Educação e nos serviços públicos de Saúde". Em Portugal, segundo a página oficial na*

*Internet da Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos, existem cerca de 40 mil ciganos, dos quais "alguns milhares" são católicos. A maioria dos cigana religiosa professa, no entanto, a Igreja Evangélica Filadélfia. "Há menos ciganos católicos em Portugal do que, por exemplo, em Espanha ou França, pelo que, automaticamente, há menos abertura para o sacerdócio", concluiu o diretor-executivo da Pastoral dos Ciganos, Francisco Monteiro. Racismo contra os ciganos"*<sup>21</sup>

Fazendo uma análise sobre o papel das igrejas na Idade Média e Moderna, em questões referentes aos ciganos, especificamente os do grupo Calon, o lingüista Fabio Melo declara:

*"E num gesto nada condizente com sua doutrina, as igrejas consideradas asilos invioláveis para todos os criminosos, assumiu para com os ciganos atitude de desdém". (MELO, 2005)*

---

<sup>21</sup> HOME PAGE O PRIMEIRO DE JANEIRO, 25.9.2007. Fonte: Clipping da 6ªCCR do MPF.

### 3. CAPITULO II

#### OS CIGANOS POR ELES MESMOS

A escolha pelo termo grupo étnico se deu devido à identidade cigana se constituir a partir de transitoriedade e mutabilidade, de acordo com as negociações realizadas e construídas com “os outros”, isto é, com quem estabelecem fronteiras (BARTH, 2001; CUNHA, 1986).

Com os ciganos a negociação identitária é notória, mesmo escutando falas como “*é pelo sangue que se reconhece um cigano*” ou “*o meu sangue é cigano legítimo*”. Contudo contrariamente a essas afirmativas encontrei outras falas em que o ato de adotar ou do apego faz com que o sangue não seja o elemento primordial de pertencimento e, sim, a aceitação e a identificação pelos membros do grupo, como um símbolo de inclusão ou exclusão. De forma a percebermos essa ênfase no sangue como uma metáfora da experiência de pertencimento, tal como expõe Giralda Seyferth ao tratar dos alemães no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, no seu trabalho “*Nacionalismo e identidade étnica*” (1981).

Como exemplo, temos o caso citado pelo chefe da família Ferraz da cidade de Igarassu-PE, de um menino J. P. S. (onze anos), agregado dessa família, onde em falas subseqüentes desse chefe e de seus filhos, “o sangue” é tido como fator de pertencimento ao grupo e de algumas atitudes dos homens desse grupo, todavia, esse mesmo “ser cigano”, não é negado, mesmo a quem não possua o “sangue” cigano, sendo com isso acionado outros elementos para pertencimento e a inclusão ao grupo, tais como a aceitação dos membros do próprio grupo e uma vivência dentro do que eles denominam de ‘modo de vida’ seu. Vejamos a fala:

*“Esse menino (apontando para o menino), olhe, brincava com os meus netinhos. E a mãe, coitada! Nem tinha nada. Foi-se embora, o bichinho pra num ficar sofrendo ai pelo mundo, como nós já sofreu, né? Por que pra quem não é cigano é mais difícil a vida pelo mundo de meu Deus. Então, ela foi embora e ele ficou com a gente. Hoje ele é um de nós, é*

*como um de nós. Não tem o sangue, né? Mas, o bichinho é um de nós. Ela não quis, nós adotou e ficou com ele. Ele é um de nós mesmo, é como nós.”*

Essa conversa remeteu a uma conversa com a antropóloga Goldfarb, em que ela expôs a questão do chefe dos Calon de Souza não ser um cigano de Sangue, mas reconhecido por todos dessa comunidade cigana, como um cigano, portanto, incontestável seu pertencimento. Pois quem define o grupo é o próprio grupo, com seus mecanismos e símbolos próprios de inclusão ou exclusão.

Outro ponto que já abordava essa questão era o filme em preto e branco “*Dança, Amor e Ventura*”<sup>22</sup>, produzido em 1927, com direção de Ari Severo, na fase áurea do cinema pernambucano da década de vinte do século XX.

O filme é ambientado em Recife na década de vinte do século XX, aparecendo no elenco interpretações de personagens ciganos, falsos ciganos, bandidos, elementos da sociedade de Recife, um artista pintor e a polícia. Pois de acordo com o enredo do filme, os ciganos eram trapaceiros, mas por outro lado muito corajosos; têm por chefe Bentes Lemano. Vivendo entre eles uma heroína. Próximo a eles, haviam uns bandidos, entre os quais Mauricio que decide abandonar a vida de bandido e adere ao grupo de ciganos. Surgindo daí, um grande amor entre Maurício e a heroína. Há uma briga violenta entre Mauricio e o cigano Bernardes. Artur, primo de Maurício, se disfarça como cigano e entra para o bando a fim de matar Maurício por causa de uma herança que o mesmo iria receber.

Um casal da sociedade de Recife, ao visitar uma exposição de pintura, reconhece em um quadro que retratava uma moça cigana, sua filha que lhes tinha sido raptada por ciganos quando menina. O pintor informa que a mesma é do bando de Bentes Lemano. Os pais vão à polícia, que prende o bando, inclusive Artur. Esclarecem-se as identidades e a cigana “agregada” acaba se casando com Maurício e acolhendo o bando de ciganos em suas terras.

---

<sup>22</sup> Foi cedido, por meio de cópia pela Fundação Joaquim Nabuco, Recife-PE, um trecho deste filme com oito minutos de duração, tendo em vista outras partes estarem espalhadas na cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

**Figura 7**



**Figura 8**



(Cenas do filme "Dança, Amor e Ventura": O acampamento cigano e a heroína cigana)

Esse filme é importante por dois motivos, primeiro, pelo fato de registrar a presença dos ciganos em Recife-PE no início do século XX; e, segundo, por abordar o acolhimento dos ciganos aos que não possuem o sangue, mas mesmo assim se dispõem a vivenciarem o seu modo de vida e de forma que se sintam um do grupo, pois o próprio grupo passa a reconhecê-lo como pertencente ao mesmo.

Parafraseando Edgar Teodoro da Fonseca, em um artigo publicado nos Cadernos de Antropologia e Imagem, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, intitulado “Índio imaginado: cinema, identidade e auto-imagem”, podemos afirmar que a focalização do cigano expresso no imaginário social, com o olhar dos não ciganos construiu e expressou um conjunto de imagens e valores em relação aos ciganos.

Ao realizar uma sessão de cinema privado com membros da família Ferraz em sua residência, pude constatar alguns comentários, principalmente dos mais idosos, apontando não no enredo, mas nas imagens trazidas com a fotografia do filme, afirmando:

*“Era daquele jeito mesmo, quando nós era criança na estrada. Parece até que eu to vendo o povo embrenhado no meio do mato, fazendo uma fogueira e nós assentado ao redor. Mas hoje, tudo mudou, né?”* ( Sr.º Ferraz- 78 anos, chefe cigano residente em Igarassu-PE)

Enquanto que para os mais jovens, esta realidade de vivência nômade em acampamentos, como foi no passado para o chefe deste grupo, deve continuar onde está, apenas na memória dos idosos. Havendo desse modo, uma repulsa quanto à instabilidade de uma vivência em um acampamento, como relembrou o chefe Ferraz.

*“Deus me livre viver assim. Parece que nós era bicho vivendo nos mato, escondido. Se cigano era isso, desse jeito do filme, eu num queria ser assim não”* (J. A. Ferraz, 16 anos, cigano neto do chefe Ferraz)

Em uma outra sessão ao exibir o meu achado visual no Instituto Cigano do Nordeste, a reação também não foi diferente quanto às imagens apresentadas no filme:

*“que cabra danado esse homem que fez esse filme, parece que ele viveu mesmo com os ciganos, pois quando eu era pequeno lembro de minha mãe falando das dificuldades de ser cigano e ter que viver perambulando pelos matos e as imagens desse filme passa isso pra gente, até parece que tô vendo os ciganos daquela época, chego a ficar arrepiado.”* ( Sr.º Virgílio Vassalo, cigano e fundador do Instituto Cigano do Nordeste)

A partir do nome do filme “Dança, Amor e Ventura”, lembrei também, dos dançarinos encontrados na feira esotérica que se intitulavam ciganos espirituais, e de um outro grupo que encontrei durante o período de pesquisa intitulado de “*Nação de Ciganos Viajantes no Tempo*”. Esse grupo foi fundado em 1992, em Olinda-PE, onde se reúnem em sua sede mensalmente. O mesmo é composto segundo a entrevistada “*por pessoas não ciganas que buscam resgatar os valores do povo cigano ao longo do tempo.*” (J. M. Coutinho, – fundadora do grupo “*Nação de Ciganos Viajantes no Tempo*”). J. M. Coutinho é reconhecida como descendente de ciganos, pois mesmo sendo uma líder religiosa, é tida como cigana “autêntica”, tendo o reconhecimento tanto de Virgílio Vassalo, como do Sr.º Ferraz, como “*uma cigana que luta pelo reconhecimento do seu povo e para preservar a cultura.*”

Nesse ínterim, vem à tona novamente a questão da legitimação e do autêntico pertencimento ao grupo, ou o não pertencimento, tendo em vista essa noção ser um produto dos mecanismos internos do processo construtivo do grupo, onde as negociações de inclusão e exclusão dos membros no grupo perpassam a questão sanguínea, indo à abrangência dos sinais diacríticos utilizados pelo grupo para se designarem como pertencentes ao grupo.

**Figura 9**



(Família Ferraz)

### 3.1 A FAMÍLIA FERRAZ

Ao entrar em contato com o Instituto Cigano do Nordeste, fui levado a conhecer ciganos que residem na cidade de Igarassu-PE. Uma família constituída por quarenta e cinco pessoas ao todo, sendo dezenove homens e vinte e seis mulheres. Moram em duas casas de alvenaria, com condições precárias de saneamento, sendo a do chefe intitulada de “casa grande”. Desta forma, é perceptível a relação direta encontrada entre a família nuclear e a extensa, onde esta concorre com o que aponta Adolfo (1999) em seu livro “Rom: uma odisséia cigana”, quando se refere à constituição das famílias ciganas, sendo esta a realidade encontrada com os ciganos que compõem a família Ferraz:

“A unidade mínima de organização social e política é a família nuclear que se liga de forma intrínseca à família extensa. A família é gerida pelo pai dentro de um sistema patriarcal, patrilocal<sup>23</sup> e gerontocrático<sup>24</sup>”.

O primeiro contato com um dos membros dessa família de sobrenome Ferraz, se deu na própria sede do Instituto em Camaragibe-PE, na estrada de Aldeia, km 9. Ao ser apresentado a esse membro do grupo ele se mostrou receptivo a futuros diálogos comigo, tendo em vista eu gozar da confiança de Virgílio Vassalo, presidente do Instituto Cigano.

Ao fazer-lhes algumas perguntas, com sua autorização para que fossem gravadas as respostas, fui convidado a conhecer o local de residência deles, para que pudesse conversar com o Sr.º J. A. Ferraz, chefe da família e “*detentor do conhecimento*” sobre os ciganos. Convite este aceito de imediato.

No dia marcado, perguntei se poderia ir de ônibus, o que foi respondido que sim, pois dadas às instruções sobre como chegar ao local em que moravam, dignei-me a ir. Desci na parada de ônibus mais próxima à casa deles e segui caminhando. Durante o percurso, tive a oportunidade de fazer perguntas a algumas pessoas que encontrava no trajeto. Ao perguntar sobre os ciganos que ali moravam, quase todos os conheciam e indicavam o caminho para chegar a casa deles. Isso já me alertava sobre o reconhecimento pelos

---

<sup>23</sup> Pelo casamento a mulher passa a ir morar no local onde mora o marido.

<sup>24</sup> Governo exercido por anciãos.

outros com quem estabeleciam fronteiras e afirmavam a sua identidade, instigando-me a tentar compreender quais seriam os símbolos apresentados por essa família para ser reconhecida pelos seus vizinhos.

Conversando com um senhor idoso para saber se estava perto da casa dos Ferraz, ele me perguntou se acaso eu seria policial, ou se tinha conhecimento de quem eram aquelas pessoas. Respondi que não era policial e lhe fiz uma outra pergunta a respeito de quem seriam aquelas pessoas. Como resposta obtive a assertiva de que eram ciganos e, portanto, tivesse cuidado para com eles.

Neste momento, mesmo com tantos anos de residência naquele local, percebi que ainda eram discriminados pelos estigmas de minoria de ladrões e “pessoas capazes de fazer o mal”, por serem considerados como espertalhões, dessa forma, na concepção geral, merecedores de um cuidado especial para com eles, para não ser vítima de seus embustes.

Ao chegar à residência, bati palmas à porta, logo uma senhora veio atender, enquanto isso crianças me cercaram para saber o que eu estava fazendo ali. Esta foi também a primeira pergunta feita pela mulher, disse que era amigo de J. B. Ferraz e havia combinado de vir para conversarmos com o Sr.º J. A. Ferraz. Enquanto ela chamava o restante da família, pude observar a casa.

A casa era de alvenaria com poucos móveis, onde circulava todos que os que a habitavam além dos que residiam na outra casa já citada. Podia se ver uma mesa com seis cadeiras, dois sofás, de dois e de três lugares, alguns bibelôs de adornos, entre esses bibelôs havia algumas estátuas de santos católicos que me chamaram a atenção e um quadro ilustrativo da travessia do “Mar Vermelho”, narrado no livro de Êxodo da Bíblia Sagrada.

A curiosidade para saber quem eu era, tornou-se enorme, contudo, foi perceptível que as perguntas só foram realizadas após a chegada dos homens da casa. Ao chegar um senhor idoso com trajes de quem estava trabalhando no arado da terra, calça rota e camisa surrada pelo tempo e as atividades físicas do trabalho, um chapéu na cabeça e demonstrando muita vitalidade, foi logo se apresentando como o “chefe desse bando de ciganos”.

Seu filho, a quem tive oportunidade de conhecer no Instituto Cigano do Nordeste, estava com ele, disse que já havia falado da minha vinda a casa

deles e sobre o que e quem eu estava pesquisando, enfatizou também o fato de eu ser amigo do Sr.<sup>o</sup> Virgílio Vassalo. O que para eles, percebi ser um mote para que pudessem confiar em mim, visto já ter tido contato e ter sido enviado por alguém que eles julgavam como sendo um cigano que luta pelos direitos dos ciganos e que conseqüentemente, fará valer alguns direitos para os próprios ciganos, sendo eles beneficiados com isso, lembrando o “*Ensaio sobre a Dádiva*” de Marcel Mauss (1974), pois o que estava acontecendo entre eles o Instituto Cigano do Nordeste e, agora comigo, era um processo de reciprocidade, no qual eles conversariam comigo mostrando quem eram e, em troca, a partir do que fosse escrito sobre os mesmos poderia render-lhes algum benefício de visibilidade e, conseqüentemente, ganhos econômico.

Já sentados no sofá, após as devidas apresentações minhas e deles, pude conversar mais livremente sem tantas reservas e formalidades, pedi para gravar nossa conversa, o que foi autorizado, contudo, foi gerado um constrangimento, pois estando eu com um MP3 ligado, era constantemente perguntado sobre quando eu iria retirar o meu gravador da bolsa para poder iniciar as gravações e, durante esse diálogo diversas vezes, expliquei que aquele pequeno instrumento estava realizando as gravações, houve risos, pois segundo o Sr.<sup>o</sup> Ferraz, “*aquilo era um negócio de computador e não podia estar gravando o que a gente conversava, não tinha espaço, nem ele podia ver a fita passando*”.

Paramos a conversa e coloquei o fone no MP3 para que ele pudesse escutar a própria voz, o que ficou impressionado e rendeu-me mais uma duas horas de conversa sobre como as coisas mudaram e como “*o mundo está avançado*”. O que foi bom, pois foi o momento em que ele passou a narrar um pouco sobre a sua adolescência e juventude na “*estrada*”, tratando sempre em fazer comparações sobre a vida pela qual ele passou, com a que ele possui nos dias atuais, bem como a sua família. Perpassando dessa forma, o que é ser cigano para este chefe de uma família cigana, suas conquistas e seus conflitos, no embate com “*os outros*” para não deixar “*morrer*” sua identidade e “*modo de vida*”.

*“Hoje, tá muito bom, esses cabras<sup>25</sup> não sabem como é que é viver na estrada, já nasceram aqui na casa, mas eu e minha mulher (apontando para a mesma), não tivemos este conforto não. Nascermos foi na estrada, com nossos pais sem poderem ficar em cidade nenhuma, pois quando a gente chegava era logo expulso, porque cigano ninguém nunca gostou não. Não foi só a minha mãe que me teve na estrada não, ela teve mais oito irmãos meus além de mim. A minha mulher depois, se você quiser, pode conversar com você para contar sobre a vida dela antes da gente se casar. Mas agora, eu vou contar da minha, né?. Eu nasci quando a gente não tinha lugar, vivia pelo mundo. Ainda tem cigano assim, você sabe. Mas é muito perigoso, o mundo não mais como era quando eu era pequeno. O povo só tinha medo da gente (risos). Hoje, nós é quem tem medo do povo. Porque cigano era assim mesmo, era da vida, da estrada, hoje é que nós não pode mais.” (Sr.º Ferraz- 78 anos, chefe cigano residente em Igarassu-PE)*

Ao ser instigado a falar sobre o seu passado, enquanto criança que vivenciou ainda o nomadismo lembrou da mãe, realizando quiromancia e mendigando para sobreviver, sendo segundo ele, um dos ofícios para sustento das famílias exercido pelas mulheres em “tempos difíceis”, gerando para os dias atuais a alcunha de “catimbozeiro” para os ciganos, sendo rica a sua fala por descrever algumas de suas crenças religiosas, as quais ele aponta como próprias dos ciganos, especificamente das mulheres.

*“ As coisas mudaram muito desde que eu era pequeno. Minha mãe quando meu pai não tinha o que vender pra gente comer, ela ia adivinhar o futuro das pessoas no meio da rua, as vezes a gente ia com ela, alguns chegavam perto, mas a maioria das pessoas corriam com medo da gente e a gente só queria ter o que comer, né? Minha mãe era boa nisso, disse que tinha aprendido com as ciganas mais velhas, aquelas que vieram lá de longe do outro país, mas é que toda cigana é boa nisso mesmo. Se tem uma coisa que cigano nasceu foi para vender e para adivinhar o futuro, a mulheres é boa nisso, por isso que chamam a gente de catimbozeiro também, até porque tem muita casa de macumba que diz que recebe o meu povo. Eu num duvido não, cigano está em tudo quanto é lugar e que com essas coisas não se brinca. Mas eu sou católico, minha família todinha é, fui batizado, mas tive vários padrinhos,*

---

<sup>25</sup> Referência alusiva aos próprios filhos.

*parece que fui batizado duas vezes, quando eu era criança, daquele tamanhinho (apontando para um neto de colo). Minha mulher é gosta de fazer umas coisas, sabe?. Mas é uma benzeção com mato, uns banho quando os meninos estão com olhado, ascende umas velas para os santos da gente e para os mortos também, para eles não perturbarem a gente.*

*Mas olhe, quando eu era pequeno, cigano não vivia em casa não, vivia no meio das rodagens e das ruas. Era acampamento que a gente ficava feito esses soldados que tão fazendo uma estrada entre Pernambuco e Paraíba. Meu pai ele negociava com cavalos e com o que tivesse para vender. Minha mãe, que 'Deus a tenha!', ficava cuidando da gente e andando pelas ruas para ver se alguém dava alguma coisa". (Sr.º Ferraz- 78 anos, chefe cigano residente em Igarassu-PE)*

Em um outro momento da conversa, há uma reflexão sobre as condições socioeconômicas dos ciganos e a necessidade de sedentarização para poder ser assegurada uma vida de mais "conforto" para os descendentes deste chefe cigano.

*"Eu fui muito pobre, hoje é que a vida está melhor um pouquinho, tenho a minha casa, tenho umas terrinhas, estou aposentado, empresto um dinheirinho de vez em quando e as pessoas me pagam depois com um pouquinho a mais né?. Mas no começo da minha vida foi com muita dificuldade. Fui do tempo que a gente andava em cima dos burro. Hoje é bom a gente ter o nosso lugarzinho (...), se fosse pra viver pelo mundo num sei pra donde a gente ia, as cidade num tem mais aqueles escampado pra gente ficar. É tudo casa e casa, diferente de quando eu era menino." ( Sr.º Ferraz- 78 anos, chefe cigano residente em Igarassu-PE)*

Falando sobre o casamento e a vida em família, o chefe Ferraz é enfático em tratar da mudança de comportamento dos ciganos a partir de seus filhos e os novos arranjos de família com a inclusão de não ciganos em seu grupo. Para tanto, ele cria uma categoria interessante a "de meio cigano", isto é, os agregados que não possuem sangue cigano, mas vivenciam o seu "modo de vida".

*“Me casei cedo, porque cigano do meu tempo se casa cedo. Meu pai um dia chegou e disse que já tinha acertado tudo e que eu ia me casar, eu nem sabia o que era isso direito pensava que casar era só dormir junto (risos), coisas de menino. Me casei tinha uns treze anos e ela (apontando para a esposa) devia ter uns onze ou doze. Foi bonito o casamento da gente. Outro dia que você vier aqui à gente conta como foi. Mas ser cigano é assim mesmo. Ser cigano é de sangue, eu sou cigano de sangue. Mas hoje tem uns meio ciganos, a gente não pode dizer que as mulheres dos meu filhos que não são do sangue cigano, que elas não são meio ciganas. Porque elas deixaram a casa delas pra vir morar com a gente, e são muito boas para os meus filhos e para mim também. Não tenho o que falar agora, mas quando eles quiseram não gostei, porque cigano devia era se casar com cigano e não ficar se enrabichando por mulher que não fosse cigano. Mas as coisas mudam e nós recebemos elas aqui e são como a gente agora. Igual aquele menino que está com a gente, a mãe deixou e ele agora é cigano também”.* (Sr.<sup>o</sup> Ferraz- 78 anos, chefe cigano residente em Igarassu-PE)

Sendo propício diante da fala utilizada acima lembrarmos a concepção de Max Weber (1968) sobre grupo étnico, para nos ajudar a compreender a mobilidade encontrada no sentimento de pertença e, como este é reorganizado para atender as mudanças advindas do contato:

*“We shall call ‘ethic groups’ those groups that entertain a subjective belief in their common descent because of similarities of physical type or of customs or both, or because of memories of colonization and migration; this belief must be important for the propagation of group formation; conversely it does not matter whether or not an objective blood relation exists”.* (WEBER, 1968)

Nesta citação, mesmo sendo do início do século XX, Weber nos chama a atenção para algo, que muitas vezes, desconsideramos que a relação de pertença não se dá unicamente por meio do sangue, ou de um mito de origem comum, mas a similaridade de costumes, como apontou a fala do chefe Ferraz. Sendo, o que Hans Vermeulen e Cora Govers (1997) irão denominar de

identidade de consciência e interação, advinda, não raro, da conveniência dos grupos ao acolher um de fora com o título de pertencente ao próprio grupo.

Ao questionar a que grupo de ciganos pertencia, o chefe Ferraz não titubeou em responder ser Calon. Para tanto, ele utilizou para indicar o seu pertencimento o aspecto lingüístico, advindo de algumas palavras ensinadas por seu pai e de histórias contadas pelo mesmo, mostrando que os Calon era um grupo, entre tantos outros, generalizados unicamente como ciganos. Durante o período de contato com esta família não foi perceptível registrar nenhum vocábulo da língua calon pronunciado por algum de seus membros, pois os mesmos faziam questão de em alguns momentos cochicharem entre si, para não haver compreensão do que estava sendo dito.

*“Nós é Caló, porque meu pai dizia que nós tinha vindo de um lugar de lá dos outros lugar depois do mar, mas que tinha outros ciganos que se chamava de outra coisa, de outro nome, mas que era ciganos também, as vezes até brigava com os da gente mas era tudo cigano. Tinha uma língua, nós tem uma língua, mas não é pra você aprender não, para não revelar os nossos segredos. Porque quando os outros povo aprende, ai vai revelar os nossos segredos e isso não é bom. A gente fica a mercê dos outros. Meus filho aprenderam as pouquinho palavras que eu sei, tanto eu quanto minha mulher, a gente tratou logo de ensinar, porque cigano que é cigano aprende para chegar e falar com outro, assim meu pai e minha mãe dizia e assim a gente faz. Meus netos é que não querem aprender, mas um dia eles vão ver que é importante e ai espero que já não seja tarde”. (Sr.<sup>o</sup> Ferraz- 78 anos, chefe cigano residente em Igarassu-PE)*

Abordando a relação dos ciganos com os não ciganos, é possível verificar que a mesma não ocorre de forma harmônica, devido aos estigmas que envolvem o seu “povo” e o desconhecimento dos não ciganos para com os mesmos, gerando uma série de preconceitos.

*“ Quando a gente chegou por aqui não tinha nada, era só mato, isso já faz uns trinta anos. Eu não estou mais no meio do mundo, mas eu não deixei de ser cigano viu?. A gente chegou e começou plantar as nossas coisinhas e a construir o nosso barraco. Depois as coisas foram melhorando para nós e a agente foi ficando por aqui. O povo ainda é*

*meio desconfiado com nós, porque somos ciganos. Vivem dizendo que a gente rouba e que somos pistoleiro. Mas isso é conversa deles. É porque querem tomar as terrinhas da gente. Mas enquanto eu tiver aqui, não tomam não. Porque eu sou muito homem pra não deixar. Cigano é assim mesmo tem sangue quente e sabe brigar quando é pela justiça e pelas coisas da gente. É inveja também, porque eu empresto dinheiro e se não querem pagar os meus filhos e os meus netos vão e cobram.*

*Meus filhos e meus netos sofrem com isso, primeiro quando vão para a escola, porque se some alguma coisa dizem logo que foram eles que roubaram e ai ficam xingado eles de ciganos e de ladrão Teve até uma professora que veio saber se nós era ciganos mesmo e quando viu a gente morando em casa disse que não era, mas eu disse que nós era e quem era ela para dizer que nós não era cigano?. Eu disse até que nós era caló, ela nem sabe o que é isso. Porque pra o povo que não é cigano. Cigano é tudo igual, mas você sabe que não é, né? Eu não sei ler muito, sei assinar meu nome". (Sr.<sup>o</sup> Ferraz- 78 anos, chefe cigano residente em Igarassu-PE)*

Quanto aos ciganos nos tempos atuais, ele confirma que há muitas mudanças, decorrente, principalmente, pelo fator juventude e desobediência ao que ele denomina de sua "tradição", enfocando o exemplo das mulheres para ilustrar a sua fala.

*"A juventude tudo muda, veja essas meninas mesmo (apontando para as netas) usando essas saias assim curtinha, cigana que cigana não mostrava as pernas, eu canso de falar, mas não me ouvem, dizem que é moda, mas cigana é cigana. Minha mulher mesmo, ela se casou, botou logo lenço na cabeça, mas essas meninas... Sei não?". (Sr.<sup>o</sup> Ferraz- 78 anos, chefe cigano residente em Igarassu-PE)*

Sobre "ser cigano", ele aponta a relação direta com a liberdade, advinda dos tempos do nomadismo e alguns mitos, tanto judeus, quanto cristãos, que segundo ele envolvem o seu grupo.

*"Cigano não gosta de prisão não. A gente é de ser livre, assim como Deus criou, está vendo aquele quadro ali (apontando para o quadro da passagem do livro do Êxodo), era de quando a gente tava preso, ai veio um homem e fez a gente sair de onde tava, foi quando a gente começou*

*a sair pelo mundo. Já disseram até que nós fez os prego que matou 'Nosso Senhor' lá na cruz, mas não foi assim, foi um de nós quem roubou o prego. Roubou mesmo, os mais velhos diziam, quando eu era pequeno, porque se não a dor dele ia ser maior. Ai ele perdoou a gente, mas os outro não entendeu e ficou vindo atrás da gente e a agente teve sair e fugir pelo mundo. Até agora tem cigano fugindo, sem ter um lugar, como esse que nós tem. É assim mesmo né? Mas cigano é sangue e também é sina, não são todos que aquentariam ser cigano não.” (Sr.º Ferraz- 78 anos, chefe cigano residente em Igarassu-PE).*

Na fala do cigano Ferraz é perceptível uma constante rememoração ao tempo do nomadismo, remetido aos vocábulos “*estrada*”, “*vivia no mundo*”, “*rodagens*” e “*pelo meio das ruas*”. Contudo, esse ato de rememorar não se procede de uma maneira saudosista, por isso a ênfase nas expressões utilizadas por ele na referência aos dias atuais “ser bem melhor”, pelas comodidades advindas da vida sedentária, como ele deixou claro.

Pois com o sedentarismo o que seria considerado os “perigos da estrada”, tais como a incerteza de onde pernoitar, o enfrentamento frente aos não ciganos, bem como a violência ocasionada desse enfrentamento e o constante ser escorraçado por quem não os conhece e os estigmatiza, já não ocorre com ele e sua família. Como é relatado em uma reportagem veiculada no Jornal do Comercio em 08 de abril 1994. Matéria esta realizada por Miguel Anacleto Júnior, que na época era o presidente do Instituto Brasileiro de Amizade e Solidariedade aos Povos (Ibasp).

*“A caminho da comunidade indígena Atikum, localizada na Serra do Una, Alto Sertão, tive a oportunidade de fazer contato com um grupo cigano que há anos perambula naquela região inóspita onde a monotonia do cenário seco e cinza só é quebrada pelo verde isolado do mandacaru. No interior de uma tenda simples e colorida, entre goles de um café forte e amargo, ouvi de meus anfitriões relatos impressionantes. Desde logo, a constatação do tremendo contraste entre a vida cotidiana dos ciganos e a imagem usada vez por outra em ridículos seriados e novelas de televisão. Atentamente, escutei histórias alegres e até cômicas, mas também episódios trágicos, indo desde o estupro de garotas por desocupados filhotes de fazendeiros até verdadeiras chacinas. A distância e o isolamento impedem que esses*

*crimes cheguem até a imprensa. Normalmente, se toma os ciganos como um bando de vadios que decidiram vagar pelo mundo afora roubando varais e animais desgarrados. Ledo engano. Os ciganos constituem, na verdade, um povo de tradição milenar, detentor de um patrimônio cultural singular. (...) Via de regra os grupos ciganos são pobres e maltrapilhos. Os que permanecem fiéis ao nomadismo, diminuem a cada ano. Poucos conhecem a sua história e muito menos seus direitos enquanto povo. Guardam, contudo, ao menos dois nobres sentimentos comuns a todos os seus congêneres: o amor pela criança e o gosto pela música, coisas que muita gente 'civilizada' ainda não aprendeu."*

Essa reportagem reflete bem as palavras do entrevistado Ferraz quando se referiu ao perigo advindo do nomadismo e a necessidade de ser sedentário para continuar sobrevivendo. Pois o que havia sido dito anteriormente pelo Senhor Ferraz foi ratificada no relato de Miguel Anacleto Júnior.

A identidade cigana é diretamente associada, anteriormente, ao fenômeno de nomadismo, apresentado por alguns grupos de ciganos, um dos quais pertencia o Senhor Ferraz, antes do sedentarismo. Contudo nos dias atuais, o ser cigano está relacionado a própria noção de pertencimento e, em alguns momentos é conclamado o laço sanguíneo para justificar o pertencimento e explicações para com algumas atitudes tomadas, principalmente entre os homens, referente a valentia e a sexualidade exacerbada que dizem possuir.

"Quando a gente vai pra cidade e se veste deixando a titela a mostra, botando um chapéu, e de cavalo, as menina de lá fica tudo doida, dando mole pra gente, né? Você sabe como é que é. Isso porque nós é cigano. É coisa de sangue." (R. J. Ferraz, 22anos, cigano)

Novamente, vem a tona a questão sangue, para justificar os atos, mesmo se tendo consciência que são metáforas de valores, como abordado anteriormente. Maria Patrícia Lopes Sulpino em sua dissertação de mestrado "*Ser Viajor, Ser Morador: uma análise da construção da identidade cigana em Sousa-PB*", referindo-se ao sangue aponta:

*“O sangue é uma categoria que dá conta não apenas da transmissão biológica, mas sobretudo realiza uma articulação com a ordem da cultura, na medida em que é pensado como uma materialização da alteridade cultural. Através do sangue se transmite valores, que não estão inscritos na natureza, mas sobretudo nos processos de socialização.” (SULPINO, 1999)*

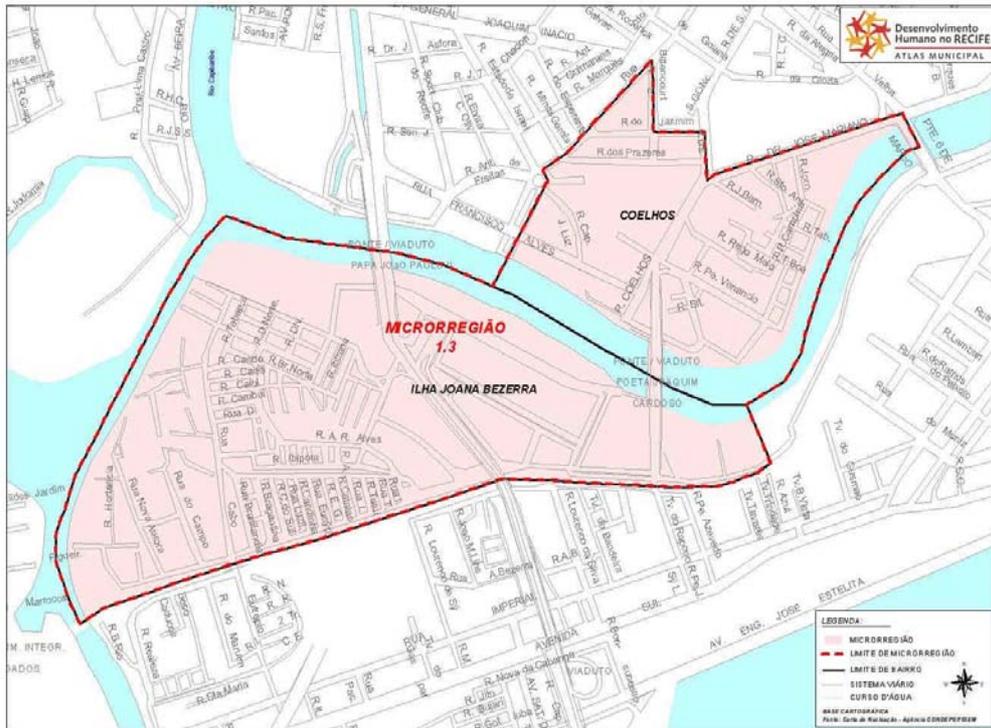
Na fala do Senhor Ferraz é possível ainda percebermos uma preocupação quanto à aceitação pelos não-ciganos, primordialmente com os que estabelecem fronteiras, mas, sobretudo, com todos os não pertencentes aos grupos ciganos, um bom exemplo disso é sua narrativa quanto ao acesso e permanência das crianças na escola, pois mesmo tendo anos de sedentarização no local onde mora, ele percebe que não são ainda aceitos de bom grado. Fato constatado e relatado no início da conversa sobre a trajetória para chegar a casa dos Ferraz, onde era abordado por seus vizinhos alertando para que me precavesse tendo em vista os Ferraz serem ciganos.

### **3.2 CIGANOS NO COQUE – A FAMÍLIA SILVÉRIO**

Desde Morgan (1871), com o seu conceito de família, exposto na publicação de “Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family”, até as atuais conjunturas sobre esse tema, temos nessa estrutura um excelente material de análise para pensar as questões da etnicidade. Além, claro, de ser com a família onde se aprende as primeiras lições de pertencimento e de identificação, quando pertencente a algum grupo étnico.

Por isso, escolhi para descrever e interpretar uma outra situação de afirmação de identidade, frente a não pertencentes (OLIVEIRA, 1976) e analisar como a mesma é construída (HANS VERMEULEN, 1997) contextualizado com os debates no campo da antropologia, as observações realizadas também, com uma família nuclear que se identifica como ciganos, instalada no bairro de Joana Bezerra conhecido como Coque, bairro tão estigmatizado quanto os próprios ciganos pesquisados.

Figura 10



(Mapa de localização do bairro do Coque na Região Metropolitana do Recife-PE)

Figura 11



(Pátio coberto da Escola Municipal Novo Mangue)

Fiz contato com esta família que se autodenomina cigana constituída por três indivíduos: um homem, uma mulher e uma criança; em uma escola da rede municipal de ensino<sup>26</sup>, no início do ano letivo<sup>27</sup>.

Enquanto uma música tocava, pois era o primeiro dia de aula do ano letivo e os alunos estavam sendo recepcionados pelo corpo docente e direção da escola, uma mulher se destacava por causa do vestuário, mesmo sendo uma das maiores favelas do Recife-PE e os moradores utilizarem muitas vezes roupas recebidas como donativos, não era comum, até entre as mulheres evangélicas das igrejas neo-pentecostais, usarem o tipo de roupa com que ela estava trajando (lenço vermelho na cabeça, camisa amarela e uma longa saia colorida).

A música toca e ela realizava movimentos circulares, embalada pelo ritmo da mesma, dançando e distribuindo sorrisos, era um “exotismo” proposital, pois não demorou muito para que essa mulher bradasse em alto e bom som o seu pertencimento étnico ao grupo cigano:

*“Sou alegre desse jeito porque sou uma cigana. Uma cigana que vim do antigo Egito, vamos dançar. Dançar é bom pra alma. Vamos nos alegrar minha gente.” (J.A Silvério – Cigana)*

Logo, percebi a imagem estereotipada com a “identificação simbólica” na atribuição de significado (CASTELLS: 1999). Pois, o mesmo aponta:

*“A construção de identidade vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais<sup>28</sup>, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (Idem).*

---

<sup>26</sup> Escola Municipal Novo Mangue, situada na Avenida Central, s/n, no bairro do Joana Bezerra, em Recife – PE.

<sup>27</sup> O ano letivo compreende dois semestres: o primeiro estende-se dos meses de fevereiro a julho; e o segundo os meses de agosto a dezembro.

<sup>28</sup> O grifo não é do autor, é meu

A identidade que essa mulher apresentava era pertinente com a construção da existente na memória coletiva dos que não se auto-identificam como ciganos, por isso o seu “exotismo” (BALANDIER, 1997) diante dos demais indivíduos, gerando-lhe uma posição de destaque, por parecer diferente. Valendo salientar a significação das fantasias pessoais na construção dessa identidade cigana, quando ela utiliza o jargão de pertencimento a um determinado grupo, no caso, os ciganos, para ser a causa de sua felicidade.

Um outro aspecto em sua fala que se mostrou interessante foi a referencia a uma ancestralidade egípcia, fato muito comum entre os ditos ciganos desde o século XVI, que se perpetua até nossos dias, como foi possível verificar em manifestações culturais, como os pastoris encenados no ciclo natalino, nos quais aparecem as figuras de ciganas cantando a seguinte toada com estes versos:

*“Somos ciganas do Egito  
Que viemos de Belém,  
Adorar um Deus menino  
Nascido pra nosso bem.”*

Essa mesma constatação de ancestralidade referente ao Egito é registrada nos pontos entoados em um terreira de Umbanda<sup>29</sup>, situado no bairro do Ipsep, Recife – PE, em uma cerimônia denominada de noite do Oriente, ou festa dedicada aos ciganos, que ocorre aos segundos sábados de cada mês.

Essa referência confusa se dá, segundo alguns estudiosos, devido a passagem dos ciganos por uma região da Grécia denominada de Pequeno Egito. Também, pelo fato de o Iluminismo os ter exaltado como egípcios. “A Europa inteira sonha com a sabedoria egípcia e sob o nome de Isis rede culto à deusa Razão” (MATIRNEZ, 1989).

---

<sup>29</sup>Umbanda: religião brasileira que agrupa elementos de diversas etnias em seus ritos e doutrinas, destacando-se os afro-indígenas e os espíritos Kardecistas, além do catolicismo. Para maiores informações, ver Ortiz, 1999.

Nos primeiros dias, o nosso contato se deu apenas sob o aspecto do “olhar”. Pois todas as vezes que tentava aproximar-me dela, era execrado, ou com palavras ou com olhares e atitudes. Pensei em desistir de tentar uma aproximação, mas já havia lido em Fonseca (1995) que com ela também não foi fácil o contato com os ciganos, tendo em vista:

*“a posição apaixonada da maioria dos ciganos ainda é de que os gadje são perigosos, não merecem confiança e no interesse da sobrevivência do grupo, devem ser evitados, exceto nos negócios.” (Idem),*

Esse relato, também escutei de outros pesquisadores, que o primeiro contato era comparado a *“um parto a fórceps”*, pela desconfiança dos ciganos para com quem se aproxima deles, até o momento de em que se consegue uma parcial confiança, pois eles frisavam sempre que *“cigano que é cigano, só confia em outro cigano e, não, em quem não é cigano”* ( J. Silvério)

Só depois de uma reunião pedagógica entre pais, responsáveis e professores, tornou-se possível as etapas do “ouvir”, para depois “escrever” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998). Nesta reunião estava presente, além da cigana I. A. Silvério, o cigano J. Silvério, a quem pude ter mais acesso, pelo fato de ser do sexo masculino.

Com a devida autorização de J, Silvério, pude conversar com I. A. Silvério, sua esposa. Compreendi nesse momento a minha ignorância, mesmo já tendo lido diversas vezes sobre a relação de gênero existente entre as famílias ciganas, principalmente, as que seguem uma conduta patriarcal.

J. Silvério se apresentava como um exímio comerciante, pois se dizia capaz de vender qualquer coisa que lhe caísse às mãos. Sua forma de vestir não era diferente dos não-ciganos, o destaque de sua ciganidade, segundo ele eram algumas jóias que usava e um canivete que conservava sempre em seu bolso, talvez referência à relação de gênero, voltada a um símbolo de masculinidade. Segundo o mesmo, esse canivete fora presente de seu pai e pertencera, respectivamente, a seu avô e bisavô. Ele o repassaria a seu neto, pois não tinha um filho e sim, uma filha (nota-se em sua face uma expressão de tristeza, neste momento).

Em outro período da pesquisa, esse casal que se auto-identificava como cigano apresentou traços de nomadismo, fenômeno que permeia tanto o imaginário sobre os ciganos, quanto faz parte de um dos seus estigmas de minoria (GOFFMAN, 1988). Os mesmos disseram ser natural do Estado de São Paulo – Brasil: contudo, fizeram uma relação extensa dos muitos lugares por onde haviam passado, até chegarem à cidade do Recife – PE. É uma mobilidade que constitui um universo simbólico (HALL, 2003; CASSIRER, 1972; MAFFESOLI, 2001). Ao serem questionados sobre o grupo a que pertencia, responderam ser Calon, em suas palavras “calé”.

I. A. Silvério ia todos os dias da semana, ou seja, de segunda à sexta, levar e buscar o neto na escola; uma indumentária não lhe faltava: o lenço a cabeça. Isso me despertou a curiosidade e perguntei o porquê do lenço, ela me respondeu ser identificador de seu estado civil (sinal diacrítico), dado por sua mãe ao haver a consumação de seu casamento. Este mesmo lenço na cabeça, foi constante em todas as mulheres ciganas pesquisadas quando referiam-se ao fato de serem casadas, pois assim como a aliança no dedo anelar da mão esquerda simboliza na sociedade ocidental o laço matrimonial, o lenço na cabeça, possui o mesmo valor entre as ciganas pesquisadas.

Quanto ao casamento, como ambos se afirmavam ser ciganos, pude constatar um fator de endogamia. Quando perguntei sobre sua filha, I. A. Silvério respondeu que sua filha era casada com um outro cigano também e que morava longe.

I. A. Silvério levava e ia buscar o seu neto porque, segundo ela, ele poderia fugir ou ser raptado por outros. Estigma criado durante a Idade Média que perdura até nossos dias. O que me fez refletir sobre outro estigma dos ciganos: o de serem ladrões de crianças. Porque agora, era uma cigana que tinha medo que sua criança fosse raptada. Isso se dá devido ao contato interétnico, em que a identidade vai se moldando, adaptando, construindo e surgem as novas fronteiras étnicas (BARTH, 2000; OLIVEIRA, 1976; CASTELLS, 1999).

Também, por sua vez, por meio de conversas posteriores pude constatar que a família, os pais de etnia cigana desconfiam da escola e da sua função educativa, vendo-a como danosa e destrutiva da sua cultura. Pois, a educação do menino cigano, ao contrário de algumas práticas educativas se dá

em torno da sua família, unidade básica de organização social, econômica e educativa, onde os fracassos ou insucessos são vividos como experiências a serem incorporados nos seus saberes.

Na instituição escolar a criança cigana experimenta a conflitualidade com outras crianças e com os professores. Experimenta viver uma cultura que não é a sua, passando muitas vezes a serem marginalizados e estigmatizados em palavras e atos, por falta de conhecimento dos não ciganos. Como já foi exposto anteriormente, quando o Sr.<sup>o</sup> Ferraz fazia referência ao preconceito sofrido por seus filhos e netos no ambiente escolar.

Portanto, não é difícil ser constatado um grande índice de analfabetismo entre os ciganos, fruto de situações de conflito gerado a partir da identidade, da socialização e relações interpessoais; visto em nossa cultura o “outro” ser sempre considerado como o intruso.

Não é de se admirar, pois sendo a pesquisa realizada a partir do âmbito escolar tive a curiosidade de verificar o significado do vocábulo cigano em um dicionário utilizado pela instituição escolar e deparei-me com a seguinte:

*“indivíduos de povo nômade espalhado pelo mundo, que vive de artesanato e da quiromancia, e que tem tradições e código ético peculiares”.* (XIMENES, 2005)

Como refletir sobre a inserção desse grupo étnico se a definição que lhes são atribuídas não condiz com a realidade? Como esperar uma aceitação pelos não pertencentes a esse grupo, se os mesmos são desconhecidos e apresentados como detentores de uma imagem social exótica e, portanto, negativa?

Pois, as representações sociais acerca das comunidades ciganas são respaldadas em sua origem a comportamentos racistas, evidenciados na negação, por parte de indivíduos da sociedade majoritária, evidenciando um preconceito contra os ciganos enquanto povo, com representações depreciativas, constituindo uma inibidora situação de uma real integração social.

Assim como o marido era comerciante, I. A. Silvério, também se apresentava como tal, só que o seu comércio era simbólico, ele advém do

poder de sua identidade e o que a essa identidade é atribuída, no caso, o mistério e o esoterismo. Era comum “olhar” e “ouvir”, oferecendo-se para trabalhos de quiromancia<sup>30</sup> e cartomancia<sup>31</sup>, corroborando Castells quando diz que *“identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolve”*. (CASTELLS, 1999).

A criança A. da S. Silvério, em diversos momentos de interação com as demais crianças, sempre fazia questão de enfatizar a sua identidade cigana, ratificando o que aponta Oswaldo Macedo (MACEDO, 1992) e Nicole Martinez (MARTINEZ, 1989) quando afirmam ser na infância a construção de pertencimento a identidade cigana, a partir de embasamentos da tradição oral, repassadas de pais para filhos e assimilação e internalização dos ensinamentos por parte dos mesmos.

Posteriormente, ao final do primeiro semestre, encerramos contato, pois para cumprir a sua denominada “sina” cigana (referencia ao nomadismo), seguiram para outra cidade, a qual não foi informada a localização.

### **3.3 A família de Paulista**

A etnografia realizada no Templo Espiritualista Pai Oxoce, que será apresentada no capítulo quatro, mostrou-se muito pertinente devido a um fato ocorrido a uma família de ciganos na cidade de Paulista-PE. Pois a família em questão, como sempre ocorria nos primeiros momentos de abordagens, não se admitia enquanto cigana, contudo, passadas duas visitas a esta família, ocorreu uma simpatia para comigo, de forma a não ser mais visto como alguém perigoso para eles.

Essa família, assim como as demais que contactei, residia em uma zona periférica da cidade. Era constituída por vinte e três membros, entre adultos, idosos e crianças. Quem aparentava ter o comando da família era a avó, talvez pelo fato de receber uma aposentadoria e sustentar os demais

---

<sup>30</sup> É a arte de ler ou predizer passado, presente e futuro, a partir das linha da mão. É a “buena dicha” cigana.

<sup>31</sup> É a arte de ler a sorte através das cartas (baralho ou tarot).

membros da família nos momento de crise financeira, ou em suas palavras, “*nos dias de aperto e aperreio*”. Ela era carinhosamente chamada por todos de “mãe”.

A casa era de alvenaria com dois quartos, as paredes não eram revestidas de nenhum reboco e, onde deveria ser o suposto quintal do terreno, havia “*um puxadinho*”, com mais dois quartos improvisados com tábuas, papelões, tijolos, cobertos com telhas, palhas de coco e laminas de zinco de latas de tinta para pintura de parede abertas.

Essa família se dizia evangélica e, por isso, segundo a avó esse “*negócio de ser cigano já era, pois Jesus havia libertado ela e sua família, cigano era só o sangue que tinha dentro de suas veias*”. Mais uma vez, o sentimento de pertencimento a partir do sangue.

Mas durante alguns diálogos, ela fazia referência a um tempo de estrada. Tempo este com seus pais que:

*“eram difíceis, porque faltava tudo e se tinha muito medo de serem pegos ou serem colocados para fora dos lugares, fazendo com que dormissem ao relento, sem terem uma casa, sem terem ‘eira, nem beira’, ficando a mercê da caridade dos outros.”*

Quanto há esses tempos, perguntei se ela lembrava mais alguma coisa, o que ela me retrucou dizendo:

*“não gosto de lembrar, porque passei por muitas dificuldades, mais do que passo hoje e não quero isso para os meus netos, nem para os meus filhos. Agora, pelo menos sei onde vou descansar a cabeça à noite, coisas que naquele tempo, ficar mais do que dois dias em um só local era um luxo”.*

Contudo, à medida que o tempo foi passando e na terceira visita foi possível observar uma mudança de comportamento entre eles, os membros da família, mais especificamente por parte das mulheres, quando me questionaram sobre se eles teriam direito a uma “*bolsa família*”, ou a uma “*feira básica do governo*” se acaso afirmassem ser ciganos.

Pronunciei-me que não saberia responder a tais perguntas, até mesmo, porque já havia escutado algumas reclamações tanto acadêmicas, quanto entre outros amigos antropólogos que pesquisavam sobre indígenas e quilombolas a confusão que esta medida assistencialista do programa de governo provoca entre as populações por eles pesquisadas. Comigo não foi diferente.

Ao realizar uma quarta visita, ao chegar, fui recepcionado por duas noras de “mãe” com saias longas e lenço no cabelo, saias essas utilizadas para irem a igreja que freqüentavam, além de exibirem algumas bijuterias, tais como brincos grandes, pulseiras e anéis. Vestuário esse, que se contrapunha a confissão religiosa por elas proferida anteriormente, tendo em vista fazerem parte de uma igreja evangélica neo-pentecostal, na qual, os usos e costumes não admitem esses adornos.

Neste momento, “Mãe” chegou para mim dizendo que realmente era cigana mesmo, que iria me contar a sua vida e quando havia chegado naquele local e se “*disfarçado*” para ninguém saber e, que seus filhos também o eram. Em seguida, perguntou quando chegariam as feiras básicas, pois ela havia conversado com algumas pessoas e disseram-lhe que “*esse negócio de cigana dava dinheiro e dava feira (alimentos)*”. Então, ela havia ido a uma “*casa de fazer macumba*” para aprender a ser cigana novamente, pois ela queria voltar a ser cigana para honrar o sangue que corria em suas veias. Ao questionar a que casa ela estava se referindo, ela me disse que era uma casa que ficava em Recife, “*lá para as bandas do IPSEP*”, num dia de sábado. Logo, associei ao Templo Pai Oxoce e lhe perguntei se sabia o nome da casa, a qual ela respondeu ser de uma tal “Mãe Celeste”. E que o povo de lá se vestia de cigano mesmo.

Isto me levou novamente a refletir sobre como identidade, ou mais restritamente, o que se tem como sinais diacríticos dos ciganos estão baseados na memória e na imagem criada por meio dos não ciganos sobre os mesmos.

Na visita seguinte, houve a informação de que não seriam possíveis mais visitas, pois um de seus parentes fora assassinado e, diante disto, haver a necessidade de mudança desta família para outra localidade, de forma que temiam repressões de quem cometera o ato contra o seu familiar. Que

segundo “Mãe”, era cigano e por isso não levava desaforo para casa, tendo como consequência uma morte belicosa.

Neste momento, houve a lembrança de uma situação contrária ao que ocorria com aquela família, eram os Calon do bairro do Catumbi, no Rio de Janeiro, onde os ciganos se especializaram como oficiais de justiça. Sendo esta uma situação impar entre os ciganos, surgida a partir da necessidade de sobrevivência e de inserção no mundo dos estabelecidos, como aponta Mello e Souza (2006):

“Ao que parece, os calom souberam aproveitar a oportunidade de trabalho surgida, a despeito de toda a rejeição que lhes era dirigida. Entre os grupos definidos como culturalmente estrangeiros, e em relação aos quais são impostas várias restrições à interação social, é comum o desprezo pelos estereótipos imputados a certos ofícios, pois o mais importante é encontrar e ocupar uma posição na sociedade em questão”.

#### 4. CAPÍTULO III

### REPRESENTAÇÃO

## OS CIGANOS PELOS OUTROS

*Cigano*. S. m. 1. Indivíduo de um povo nômade, provavelmente originário da Índia e emigrado em grande parte para a Europa Central, de onde se disseminou; povo esse que tem um código ético próprio e se dedica à música, vive de artesanato, de ler a sorte, barganhar cavalos, etc. Definição do dicionário Aurélio<sup>32</sup> sobre os ciganos.

Apesar de um verbete representar um sentido para quem o pesquisa em um dicionário, não é possível esquecer o que Pierre Bourdieu (1983) aponta ao declarar que “o dicionário está cheio de uma certa mitologia política”. Pois no primeiro dicionário da língua portuguesa editado em Portugal, surge em pauta nas palavras do Padre Raphael Bluteau em 1712, compilador do mesmo, a seguinte definição sobre os ciganos:

*“Ciganos – Nome que o vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros que se fingem naturais do Egito e obrigados a peregrinar pelo mundo sem assento nem domicílio permanente, como descendentes dos que não quiseram agasalhar O Divino Infante quando a virgem Santíssima e S. José peregrinaram pelo Egito.”* (Cf. TEIXEIRA, 2007).

No século XIX, essa definição continuou, contudo, sobre a égide dos discursos sobre raças, tanto é, que dicionário do Padre Bluteau passou a ser editado sob a direção de um brasileiro, Antônio de Moraes Silva, com a seguinte definição sobre o verbete a respeito dos ciganos:

*“Raça de gente vagabundo, que diz vem do Egito, e pretende conhecer de futuro pelas rayas, ou linhas da mão; desde embuste vive, e de trocas, e baldrocas; ou de dançar, e cantar: vivem em bairros juntos, tem alguns*

---

<sup>32</sup>FERREIRA, Aurélio B. Holanda, 2004. Dicionário da Língua Portuguesa. 6 ed., Curitiba: Positivo Editora.

*costumes particulares, e uma espécie de Germânia com que se entendem. Cigano, adj., que engana com arte, subtileza e bons modos”*  
(Idem)

Nessas definições sobre os ciganos estão imbricadas todo um pensamento sobre como eram vistos pela sociedade dominante, sendo constantemente ressignificados os seus atributos de povo ou de raça, a partir dos estigmas de minorias a que são submetidos ao longo da História, nos seus inumeráveis contatos com os outros grupos, quer étnicos, quer sociais. Assim, neste capítulo é objetivo axial expor a representação apreendida enquanto processo de contatos culturais dos não ciganos para com a imagem dos ciganos nas festas populares, na celebração da “Corrente Oriental” em um templo umbandista e na percepção dos vizinhos com quem estabelecem fronteiras.

#### **4.1 PELOS VIZINHOS**

Um outro aspecto do reconhecimento de uma identidade étnica é a atribuição pelas não pertencentes ao grupo étnico, no caso, os outros indivíduos com o qual esta ocorrendo o contato interétnico. Segundo Cardoso de Oliveira é a “oposição” existente entre o “nós” e o “outro” (OLIVEIRA: 1976).

Para Barth a expressão grupo étnico se refere a:

*“um conjunto de membros que se identificam e são identificados por outros, como constituindo uma categoria que pode ser distinguida de outras categorias da mesma ordem”. (BARTH: 2000).*

Sabendo que a identidade étnica passa automaticamente pelo crivo da identificação do “outro”, não poderíamos deixar de levar em consideração o que os demais moradores do Coque, que não são ciganos, concebiam sobre essa família que se identifica como ciganos.

Para isso, foram entrevistados indivíduos, que eram vizinhos dessa família. Um fato interessante é que todos esses indivíduos os reconheciam

como sendo diferentes; logo. Eram portadores de uma identidade ou de um “povo” diferente deles.

Um terceiro depoimento de um homem aponta a ciganidade do citado casal, por meio de outro estigma de minoria, o de enganadores.

*“São enganadores e fazem medo a gente. Esses s... devem ser ciganos. Eles não vieram igual a gente daqui e contam muitas historias, viu”.*  
(A.A. Pereira – vizinho do casal de ciganos)

Então, diante dessas atribuições por parte dos não pertencentes a etnia só podemos corroborar a teoria de Castells quando faz distinção entre “*as formas e origem da construção de identidades legitimadoras, de resistência e de projeto*” (CASTELLS:1999). Nas quais podemos encontrar em diversos momentos, essa família que se identifica como cigana.

Em relação a esse tipo de identidade apresentada pelos ciganos, devemos lembrar ainda Castells, quando afirma:

*“Essas identidades, no entanto, consistem em relações defensivas contra as condições impostas pela desordem global e pelas transformações, incontroláveis e em ritmo acelerado. Elas constroem abrigos, não paraísos.”* (idem.).

## **4.2 CIGANOS NOS FOLGUEDOS**

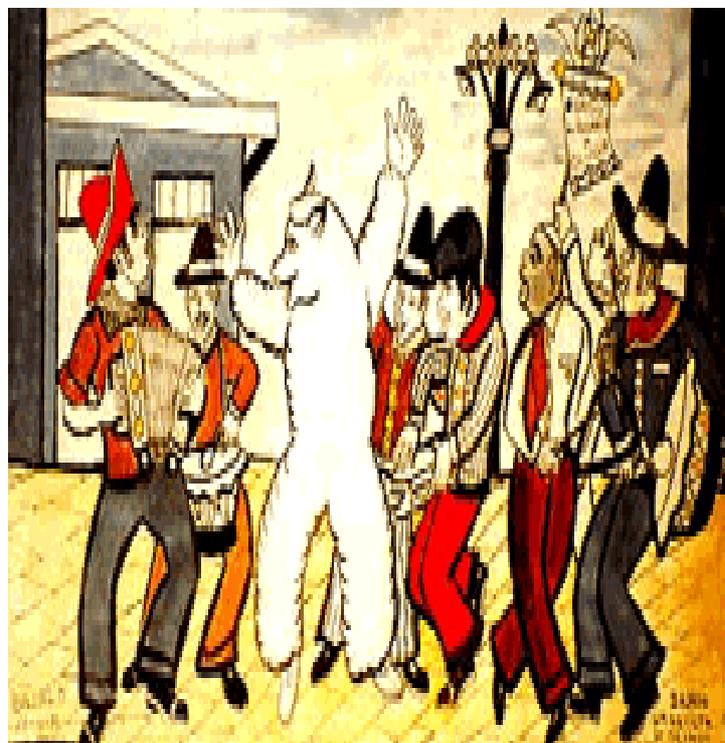
Pesquisando sobre ciganos na região metropolitana do Recife-PE, fui levado a refletir sobre a influencia da presença dos mesmos sob diversos aspectos e manifestações sócio-culturais, que compreendiam desde elementos da denominada cultura popular até manifestações religiosas. Pois como aponta Hall (2003), os aspectos da diferença a partir das representações, tanto podem ser positivas, quanto negativas, dependendo do enfoque a elas dado. De forma, que a imagem produzida e repassada, sob o olhar dos não pertencentes, irá corroborar ou não os estigmas, ou a real ciganidade, dependendo da orientação de quem a produz, desse modo a representação se traduz em poder de quem a manipula.

#### 4.2.1 Ciganos no Ciclo Carnavalesco - A La Ursa

Figura 12



Figura 13



Uma das brincadeiras mais estimadas no Carnaval do Recife é a La Ursa, cujas origens encontram-se nos ciganos da Europa que percorriam a cidade com seus animais, presos numa corrente, dançando, de porta em porta, em troca de algumas moedas, ao som da ordem: "dança la ursa".

A figura central é o urso, geralmente um homem vestindo um velho macacão coberto de estopa, veludo ou pelúcia com sua máscara de papel-machê pintada de cores variadas, preso por uma corda na cintura, seguro pelo domador. A orquestra do urso é geralmente formada por sanfona, triângulo, bombo, reco-reco, ganzá, pandeiro; havendo outras mais elaboradas, nas quais aparecem violões, cavaquinhos, clarinetes e até trombones.

Essa presença influente dos ciganos originando mais essa possibilidade para os brincantes de divertimento neste período de festejos, foi abordada por Gilberto Freyre, em "*Nordeste, aspectos da influência da canna sobre a vida e a paisagem do Nordeste*" (1937). O mesmo nos diz que:

"nos engenhos e nas feiras do Nordeste os ciganos traziam ursos verdadeiros, ou então fingidos (só a pele por cima de um homem) que dançavam ao som de pandeiros, e por macacos ou macacas grandes, vestidas de sinhás, cheias de laços de fitas que também dançavam e faziam graças".

Sobre esta relação dos ciganos com os ursos Teixeira (2007) comentando João Dornas Filhos (1948), do texto "Os Ciganos em Minas Gerais", publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, aponta:

"Em fins do século XIX, ciganos vindos da Europa Central e dos Bálcãs trouxeram para o Brasil também ursos, animais exóticos capazes de atraírem multidões de curiosos, porque inexistentes na fauna brasileira. Certamente esses ciganos pertenciam ao subgrupo dos Ursari, assim denominados porque se especializaram no adestramento de ursos. Seja como for, no interior mineiro tornaram-se 'famosos os ursos de cigano, que dançavam canhestramente ao som do pandeiro e do canto monótono do boêmio, que o segurava por uma corrente presa a argola do focinho'."

Assim, percebemos que esse fenômeno dos ciganos estarem atrelados aos ursos e que influenciaram a criação da 'la ursa' no período carnavalesco não se deu isoladamente, mas em outros estados brasileiros.

Estes são alguns Ursos que fizeram ou fazem à alegria do carnaval de Pernambuco:

Polar de Areias - fundado em 1950

Preto da Pitangueira - fundado em 1957

Texaco - fundado em 1958

Branco da Mustardinha - fundado em 1962

Popular da Boa Vista - fundado em 1964

Minerva - fundado em 1969

Pintado do Pina – fundado em 1971

Brilhante do Coque – fundado em 1982

Mimoso do Coque – fundado em 1983

Quanto à questão dos ciganos no carnaval, temos um fato interessante, pois Dona Santa<sup>33</sup> fundou originalmente uma troça denominada “Rei de Ciganos” que se transformou posteriormente no Maracatu Porto Rico do Oriente.

Para tentar compreender esse ocorrido envolvendo uma troça organizada por uma descendente de africanos com um nome de uma brincadeira por ela criada, voltado a um outro grupo étnico, fui pesquisar e dialogando com o historiador Reinaldo Carneiro Leão, aconteceu à compreensão de uma relação direta que ocorria em Pernambuco entre os ciganos e os negros, pois segundo informações dessa conversa, no Pátio do Terço entre as denominadas “Tias do Terço”<sup>34</sup> moravam duas ciganas em intensa interatividade com as mesmas, isso, talvez, tenha dado origem a esse entrelace de fricções culturais entre esses dois grupos étnicos, e tenha também resultado na presença tão forte de entidades ciganas nos cultos

---

<sup>33</sup> Maria Júlia do Nascimento, a Dona Santa, nascida em 24 de março de 1877, no pátio de Santa Cruz, no Recife, foi uma das figuras mais representativas do carnaval pernambucano. Morreu no Recife, em 1962.

<sup>34</sup> Famosas yalorixás Sinhá e Iaiá, líderes do terreiro que ficou conhecido como a Casa de Badia, no Pátio do Terço.

afro-brasileiros, principalmente em Recife, sob a figura das Pombagiras e das Mestras.

Ao mostrar fotos da personagem cigana no pastoril e de brincantes no carnaval vestidos de “La ursa”, em um dos nossos encontros, e tecer considerações a respeito da “La ursa” ser de origem cigana, houve o seguinte comentário:

“É nos cigano é danado mermo. Viemo e aqui a gente deixou o nosso rastro de pó e o povo ainda diz que nós num presta. Veja mermo até no carnavá nós ta. Eu nem sabia que esse negócio de ‘la ursa’ era de noi. Mai deve ser mermo, porque noi é que é corajoso pra ficar cum urso cara-a-cara. Deve ser do tempo de noi no circo. Minha mãe falava de quando em quando sobre quando noi era de circo. Deve ser né?” (A. J. Ferraz, 56 anos, Calon)

Nesta fala é perceptível, não o desconhecimento, mas falta de associação, entre o visto nas dramatizações dos brincantes e a informação contida na memória, pois assim que a mesma foi acionada, a partir dos estímulos da leitura do texto sobre a “La ursa”, logo veio à tona as lembranças de algumas falas dos mais velhos sobre a vida cigana e o circo, com uma relação direta corroborando a imagem de ligação do cigano ao urso, não como uma brincadeira, mas como um ato de coragem, reforçando a idéia da representação como diferenças de poder, interpretada segundo o contexto e a visão de quem manipula as informações nela contida. Enquanto para o brincante é apenas um divertimento, para o cigano é o símbolo de coragem em tempos ainda vivos na memória.

#### 4.2.2 Ciganas no Ciclo Natalino

Figura 14



Figura 15



(Ciganas do pastoril, no Pátio de São Pedro, Recife-PE)

O pastoril tem suas raízes no teatro religioso medieval, onde eram representados autos que misturavam elementos pastorais, alegóricos, bailados, textos e danças. Ele simbolizava a jornada de um grupo de personagens a caminho de Belém para louvar Jesus Cristo e sua família. Esse folguedo desenvolveu-se no Brasil a partir do século XIX, especialmente nos Estados de Pernambuco e da Bahia. Em meados dos anos 50 do século XX, foi amplamente divulgado no Recife.

Entre as personagens aparece a figura da cigana, que representa o povo cigano que vem dizer o destino, a sorte de Jesus e que “às vezes, lê a sorte das pastoras e das pessoas da platéia, lendo a mão na tradição da ‘buena dicha’ para recolher o dinheiro”. Pela descrição de como era celebrado este folguedo a Cigana vestia saia comprida e usa brincos, lenços, colares de moedas douradas.

Segundo Asséde Paiva, um Bacharel em Direito e Administrador, autor de “*Brumas da História do Brasil: ciganos e escravos a verdade*”, em conferência apresentada no Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora MG, em 24 de abril de 2003, nos diz:

*“No Folclore pernambucano de Francisco Augusto Pereira da Costa, encontramos referências aos ciganos nos chamados pastoris, onde algumas ciganas fazem parte do auto, declamando poeticamente a sorte do menino Jesus.”*<sup>35</sup>

Eis alguns trechos da transcrição de tal auto, enfocando a fala da cigana:

Somos ciganas do Egito  
Que viemos de Belém,  
Adorar a um Deus menino  
Nascido p’ra nosso bem...  
(...)  
Deste menino formoso  
Vindo de origem divina,  
Em suas mãos pequeninas  
Eu vou ler a sua sina.

---

<sup>35</sup> Disponível na Internet no site: [http://www.ciganosbrasil.com/novo/ciganos\\_na\\_historia\\_do\\_brasil.doc](http://www.ciganosbrasil.com/novo/ciganos_na_historia_do_brasil.doc)

(...)

Daí-me soberano infante  
Daí-me esta linda mãozinha,  
E vereis que uma cigana  
A vossa sina advinha.

Quando comentamos sobre este texto e algumas fotos foram mostradas sobre a atuação da personagem cigana neste folguedo natalino, sobre a representação houve os seguintes comentários:

“É tão bonita as roupas delas né? Será que ainda tem ciganas que se vesti assim? Acho que lá pras banda de baixo<sup>36</sup>. Nós não têm mais dinheiro pra se vestir e as meninas num ia aceitar tá assim. O povo já fala de nós e se vistindo assim aí é que iam falar mermo, né? Essas roupa era de antigamente, de hoje não. A gente vesti o que pode né? Essas roupa é só provo dizer que noi, mai num é assim não com a gente.” (M. J. Ferraz, 68 anos, Calon)

“É bonito né? As roupas delas, mas eu acho que pra ser cigana não precisa mais disso não. Imagina a gente cheia de ouro no meio da rua, iam roubar a gente tudinho, mas eu acho bonito essas roupas delas. Acho que deviam era chamar a gente pra dançar né? Eles num quer cigana, nós somos né?” (A. P. Ferraz, 14 anos, Calon)

Dessa forma, ao analisarmos essas duas falas e compararmos, é perceptível uma lembrança de tempos “de antigamente”, contudo não sendo possível esse tipo de vestuário, tanto pela situação socioeconômica, quanto pelos perigos a que estariam expostas, por causa dos furtos praticados pelos não ciganos, além de serem expostas a uma situação de constrangimento diante dos outros, devido aos estigmas a que estão sujeitas, por pertencerem a este grupo étnico.

---

<sup>36</sup> Regiões Sul e Sudeste do Brasil.

#### 4.2.3 Cigana no Baile do Menino Deus

Figura 16



Figura 17



(Atuação da cigana no Baile do Menino Deus, Marco Zero, Recife-PE)

O texto do Baile do Menino Deus conta a história de dois Mateus que andam seguidos por crianças. Eles procuram uma casa onde nasceu um menino e em cuja porta existe uma estrela como sinal. O grupo demora a achar a tal morada e, quando a encontra, ela está fechada. A dupla pede, então, ajuda a burrinha Zabelim para abrir a porta. Depois de mil peripécias, finalmente os donos da casa aparecem, José e Maria. Diante do casal, Mateus pede licença para realizar um grande baile, que nada mais é que a festa natalina, em louvor ao nascimento do Menino Jesus. Na festança, várias outras personagens aparecem como a formosa Ciganinha, o Anjo Bom, o Sol, a Lua, a Estrela e, até mesmo, o terrível monstro Jaraguá.

A cigana no “Baile do Menino Deus” entra em cena com um pandeiro, dançando e lendo as mãos de outros personagens que se encontra em cena. Ao que parece é uma cena que sugere um fluxo como de uma feira-livre, talvez para corroborar a imagem da cigana como uma comerciante simbólica dos seus dons divinatórios, além de reforçar a idéia de que é sempre possível encontrar ciganos onde há um aglomerado de pessoas. Essa imagem, à medida que ia assistindo a encenação, fez com que pudesse lembrar um encontro com um grupo de ciganas no Mercado de São José, no centro do Recife, onde era possível visualizá-las com suas roupas coloridas, um olhar desconfiado e atento, tentando conseguir algum dinheiro ao abordarem alguns transeuntes que faziam compras.

Quando a cigana entra em cena no palco é entoada a seguinte música:

Cigana morena do Egito  
Com cheiro de cravo e canela,  
Balança as pulseiras de ouro  
E a saia de seda amarela.

Ai, ai, ciganinha bela,  
Quem te deu cravo e canela?

Cigana agita o pandeiro  
Que trouxe na viagem dela,  
Nas linhas da mão ela lê

A sorte que a vida revela.  
Ai, ai, ciganinha bela,  
Quem te deu cravo e canela?

Cigana procura uma casa  
Que tem um sinal na janela,  
Lá dentro uma luz alumia,  
Ai, quem será que mora nela?

Ai, ai, ciganinha bela  
Quem te deu cravo e canela?<sup>37</sup>

Mais uma vez vemos por meio desta música um referencial a uma ancestralidade egípcia dos ciganos e o recorrente retorno ao nomadismo cigano, como se o único sinal diacrítico residente na memória coletiva fosse o mesmo, reforçada pelo vestuário das mulheres ciganas repletos de adereços, sem deixar de levar em consideração o aspecto do comércio simbólico tendo como referencial a quiromancia.

Após haver uma sessão de conversas tendo como base a amostra de fotografias aos Calon presentes na conversa, a atitude não foi diferente do que ocorreu quando aconteceu a sessão com o material da representação dos ciganos no pastoril. Não ocorrendo uma identificação com a imagem repassada pelos atores, diferentemente do que ocorria quando houve a exibição do filme “dança, Amor e Ventura”, onde havia lembranças de tempos contidos na memória, por experiências acontecidas durante um período de nomadismo dos mais velhos. Agora no que estava sendo apresentado não havia um reconhecimento, apenas comentários de roupas bonitas e risos, seguidos de reflexão sobre se todas as ciganas utilizavam ciganas para dançar, pois este não é um dos seus símbolos diacríticos, apenas elemento criado pelos não ciganos para indicar um caráter de ciganidade que há entre os ciganos, pelo menos entre os que estavam sendo pesquisados.

---

<sup>37</sup> Cf. Brito (2003)

### 4.3. CIGANOS NA UMBANDA: TEMPLO FUNDADO A PARTIR DE UMA PROFECIA CIGANA

Figura 18



(Vulto destinado à Corrente Oriental no Templo Pai Oxoce)

Figura 19



(Vestimenta indiana das mulheres na Celebração da Corrente Oriental)

Entre essas manifestações que envolviam os ciganos, uma em particular me chamou a atenção, a presença de entidades que se apresentavam como ciganas nas religiões de matizes afro-brasileiras, mais especificamente na Umbanda, por ter uma maior aproximação, além de ter sido citado um caso de espelhamento no comportamento e no vestuário dos frequentadores deste templo na constituição do vestuário das mulheres da família cigana pesquisada, onde a matriarca afirmou ter ido “*para ver as ciganas vestidas*”.

Nesses questionamentos, fui levado a pensar sobre como os símbolos diacríticos de um grupo étnico, no caso os ciganos, são apropriados e re-significados por um grupo religioso híbrido, tendo como referência entidades incorporadas e a referência figurativa a partir da experiência do contato residente na memória coletiva dos umbandistas frequentadores do Templo Espiritualista Pai Oxoce<sup>38</sup>.

A relação entre os ciganos e as religiões já havia se apresentado em minhas pesquisas bibliográficas, contudo, sempre em forma de preocupação com trabalhos voltados a grupos ciganos, como a Pastoral dos Nômades, da Igreja Católica Apostólica Romana, A Igreja Evangélica Cigana, e alguns livros da bibliografia judaica, escritos por alguns rabinos sobre os períodos de diáspora, onde ciganos e judeus constantemente se encontram, quer nos caminhos errantes, quer nos guetos, mas sempre em fuga, causada pelos “estabelecidos” e dominantes (GIDDENS, 2003), por causa dos estigmas de minoria que acompanham os grupos tidos como minoritários (GOFFMAN, 1988).

Detendo-me mais nas leituras de cunho antropológico, voltadas às religiões de matizes afro-brasileiros deparei-me com vasto campo a ser pesquisado, pelo menos em termos de bibliografia, contudo, quando o assunto mais especificamente são os ciganos, torna-se muito escasso, pois praticamente não há pesquisas sobre os mesmos, ou sobre as entidades que se apresentam como sendo ciganas no universo dessas religiões, quando muito, os autores lhes dedicam uma página, aparecendo, contudo em quase

---

<sup>38</sup> O Vocabulo Oxoce grafado com a letra “c” e não com dois “ss”, como em Verger (2002:112) e outros, se dá a partir da grafia utilizada pelo referido templo umbandista em seus registros na Federação de Culto-Afros, por isso preferi utilizá-lo tal e qual é corrente no campo pesquisado.

todas as pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, quando a temática das dissertações e teses são cultos de Matizes Africanos e cultos de Jurema, embora sem aprofundamentos.

Essa falta de literatura específica sobre os ciganos nos cultos afro-brasileiros inquieta-me, visto em minhas pesquisas como observador em terreiros e centros ser alertado constantemente sobre a presença de entidades identificadas como pertencentes a esse grupo étnico, merecendo, portanto, um maior enfoque nos temas abordados, ou apresentando-se como um amplo campo a ser pesquisado no rico universo das religiões afro-brasileiras.

Além, claro, das inúmeras associações entre os grupos ciganos com as práticas mágico-religiosas que permeiam a imaginação sobre este grupo, como denota algumas falas de informantes não ciganos, por isso, não havia como não abordar sobre ciganos deixando de lado um aspecto que se mostrou muito presente durante a minha pesquisa.

A escrita aqui apresentada se deu em único local, com observações-participantes e entrevistas com perguntas abertas a "mãe-de-santo" e cinco "filhos-de-santo" - médiuns trabalhadores, em dois momentos distintos, uma celebração da Corrente Oriental no segundo sábado de abril do ano de 2007 e na festa de Santa Sara Kali em vinte e oito de maio, do mesmo ano, mas essa pesquisa foi profícua no interesse para futuramente realizar maiores aprofundamentos sobre os ciganos enquanto entidades incorporadas e para ampliar o leque de temas a serem trabalhados nas religiões afro-brasileiras, principalmente em sua vertente umbandista.

O Templo Espiritualista Pai Oxoce, conhecido na comunidade pesquisada como a casa do amigo, está situado na Rua Ibipituba, número 450, no bairro do IPSEP, em Recife-PE. Está em funcionamento desde 1970, conforme uma placa comemorativa encontrada nas paredes internas do salão dedicado as celebrações religiosas.

É dirigido por Maria Celeste dos Santos e José Júlio da Silva, conhecidos como "Mãe Celeste" e "Pai Júlio". Segundo "Mãe Celeste", esse templo surgiu a partir da profecia de uma cigana com quem ela se consultou, quando ainda era "mocinha", nos idos dos anos sessenta do século passado, tanto é, que em conversas, ela sempre enfatiza que o templo está construído

justamente no local onde essa cigana que “previu o seu futuro” estava acampada com o seu grupo. Por isso, ela se diz tão achegada a Corrente Oriental, compreendida como a Corrente dos Ciganos.

#### 4.3.1 A CORRENTE ORIENTAL

Dia nove de abril de dois mil e seis, segundo sábado do mês, cheguei ao Templo Espiritualista Pai Oxoce às dezenove horas e trinta minutos. Ao descer do carro, deparei-me com muitos outros carros ao redor do templo e de alguns, saiam pessoas trajando roupas que no imaginário popular são atribuídas aos ciganos, em sua maioria mulheres, vestindo saias longas em estilo indiano e com muitos adornos (jóias, bijuterias e lenços) e homens com faixas amarradas a cintura, medalhões pendurados no pescoço e lenço na cabeça. Corroborando o que Manuel Castells diz em sua obra “*O Poder da Identidade*”:

*“A construção de identidade vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.” (CASTELLS, 1999).*

Ao adentrar pelo portão principal, observei que algumas pessoas tocavam nas paredes de dentro do portão e balbuciavam algumas palavras ou se persignavam. Em conversa posterior, disseram-me que ao entrar os “filhos-de-santo” no portão deveriam pedir licença aos exus e dizer “*Salve Exu da Meia Noite e Galo Branco*”, que são os exus guardiões daquele templo.

Ao dirigir-me a porta principal do salão de culto, visto haverem duas outras portas laterais, a direita de quem entra dará acesso ao calçadão de Aruanda<sup>39</sup>, onde ficam os vultos<sup>40</sup> dos orixás e é possível firmar pontos para eles (acender velas); a porta a esquerda dá acesso à secretaria, biblioteca, dois sanitários, um vestuário feminino e ao calçadão da Jurema, onde estão pintados os vultos do Mestre Zé Pelintra, Erês, Caboclos, Boiadeiros, Preto-Velhos, Ciganos, Exus e Pombagiras e da Mestra Paulina, local onde são

---

<sup>39</sup> Aruanda seria o “céu” dos espíritos da Umbanda, onde estão os Orixás.

<sup>40</sup> Vultos é o nome dado as pinturas dos orixás nas paredes.

realizadas as consultas espirituais; além de uma outra que dá diretamente na cantina do templo.

Percebi que as pessoas também se curvavam ao entrar pela porta principal, tocavam no chão com a mão e em seguida tocavam na cabeça, ao perguntar sobre aqueles atos a um informante, disse-me que era para saudar “Exu Tronqueira”. Em seguida iam ao pegi, colocavam as guias no pescoço, levantavam as mãos, baixavam as mãos, tocavam no altar, encostavam a cabeça no mesmo, ajoelhavam-se em seguida, fazendo o sinal da cruz no chão em frente a uma duas estátuas de dois exus que ficam embaixo do altar e iam até a estrela, inclinavam-se ao chão, tocando-lhe com as pontas dos dedos e levando-os a fronte. Esse ritual é denominado de “bater cabeça”. Em seguida, dirigiam-se a “Mãe e Pai-de-Santo” e pediam-lhes à benção, saudando também outros presentes, ou denominados “cabeças grandes”, isto é, os médiuns que possuíam os cinco Orixás feitos<sup>41</sup>.

Adentrando pela porta principal, visualiza-se o salão, com destaque para a pintura em formato de estrela de seis pontas no centro e um círculo pequeno sitiado em uma das pontas, que segundo os informantes, representa o símbolo onde são guardadas as armas da casa e os fundamentos.

O templo estava com um axó<sup>42</sup> branco e fitas coloridas decaindo sobre o pegi (altar), onde era possível visualizar cinco estátuas representativas de ciganos, duas masculinas e três femininas, um candelabro com nove velas brancas, dois copos com água e uma taça com água e uma rosa vermelha dentro, disseram-me que era a taça de “Maria Padilha”, a Pombagira de “Mãe Celeste”. Está fala me remeteu a uma nota feita por Roberto Motta em um artigo publicado no livro “*Vertentes do Imaginário*”, na qual relaciona Maria Padilha a uma rainha cigana a partir de uma leitura do conto “*Carmen*”<sup>43</sup> de Prosper Mérimée, vejamos suas palavras:

*“Uma das maiores surpresas que já tive, sobre uma entidade do Candomblé ou de Umbanda, diz respeito a Maria Padilha. (...) Quis*

---

<sup>41</sup> Na Umbanda a cada sete anos é feito um Orixá, chegando a um total de cinco, levando um tempo de vinte e oito anos para o membro tê-los todos.

<sup>42</sup> Axó são cortinas, bandô e tecidos utilizados para enfeitar o templo durante as ritualísticas.

<sup>43</sup> Prosper Mérimée, “Carmen”, em *Neuvelles Completes II*, Paris, Lelivre de Poche, 1965, p. 142 ( a edição original de “Carmen” data de 1845).

acreditar, a princípio, que se tratasse de uma criação do imaginário autenticamente brasileiro, igual a Zé Pelintra, Maria do Acais, Mestra paulina e tantos outros, sem antepassados diretos (era o que eu achava) em mitologias européias, africanas ou ameríndias. Meu espanto foi grande, como se pode perfeitamente calcular, quando a encontrei, nada mais nada menos, do que em Prosper Merimée, em **Carmen**<sup>44</sup>, que passo a citar. ‘Ela (Carmen) estava diante de uma mesa, olhando numa terrina cheia d’água o chumbo que havia feito derreter e que havia jogado aí dentro. Estava tão ocupada com sua magia, que nem se apercebeu do meu regresso. Ora ela pegava num pedaço de chumbo e, com um ar de tristeza, o revirava de todos os lados, ora ela cantava uma dessas canções mágicas em que as ciganas invocam Maria Padilha, a amante de Dom Pedro, que foi, ao que se diz, a **Bari Crallisa**<sup>45</sup> ou a grande rainha dos ciganos” (MOTTA, 1995)

**Figura 20**



(Mulher vestida para celebração da Corrente Oriental com pandeiro na mão)

Os médiuns dirigem-se cada um as suas respectivas aldeias de Orixás para compor a gira<sup>46</sup>, ficando a assistência (visitantes) a ocupar o restante do salão, eram aproximadamente umas cento e cinquenta pessoas. Na

---

<sup>44</sup> Negritos do autor.

<sup>45</sup> Negritos do autor

<sup>46</sup> Dois círculos de pessoas, um masculino com aproximadamente setenta homens e outro feminino com aproximadamente cento e trinta mulheres, formando segundo eles uma corrente espiritual.

assistência também havia mulheres vestidas conforme já foi citado, com os trajes “típicos das ciganas”, segundo a compreensão desse grupo religioso. Algumas mulheres, tanto médiuns como visitantes, traziam também na mão um pandeiro. Em três médiuns foi possível visualizar cartas de baralho presas a cintura, que após, quando já houvesse a incorporação, seriam utilizadas para realizar consultas.

Tem início o ritual com a defumação de todos os presentes, começando pela gira e em seguida a assistência, ao som de um ponto cantado. Logo depois, a “Mãe-de-Santo” acendendo as velas do candelabro e o “Pai-de-Santo” com um copo com água nas mãos encruzando o templo, sacudindo um pouco dessa água nos cantos do templo e saindo pela porta que dá acesso ao calçadão da Jurema. Ao retornar, percebi que se agachava e acendia mais algumas velas embaixo do pegi. Ele sentou-se ao lado da “Mãe-de-Santo”, pois havia uma pequena mesa defronte ao pegi, com duas cadeiras, destinadas respectivamente a ambos.

Houve um silêncio e foi recitada uma oração denominada de “*Consagração do Aposento*”, que segundo informaram sempre é recitada na “Corrente dos Ciganos”. Em seguida, foi entoado o ponto “*Deus vos salve Arara-Branca*” e a “Mãe-de-Santo” incorporou uma entidade denominada de “Cigana Milena”, que dirigiu os trabalhos daquela noite. Ela iniciou com a seguinte expressão “*Hosana! Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor!*”, sendo responsoriado pelos presentes com a seguinte: “*Salve Davi o Rei de Israel!*”. Em seguida, houve as saudações aos Orixás Oxoce, Oxum, Ogum, Iansã e Omulú.

Houve o início do ritual do passe,<sup>47</sup> a “Mãe-de-Santo” incorporada da Cigana Milena chamou sete médiuns, posicionando-os na estrela de seis pontas pintada no centro do salão, um em cada ponta e um no centro da estrela. Avisando que à medida que os outros médiuns fossem incorporando os espíritos da “caravana dos ciganos” também poderiam ir aplicando o passe. Formou-se uma fila grande com os visitantes masculinos recebendo o passe primeiro, em seguida os visitantes femininos e, por último os médiuns que compunham a gira.

---

<sup>47</sup> Segundo informações, é uma transmutação de energias e tem como objetivo normalizar as funções vibratórias dos órgãos, por meio da dispersão de energias negativas e imersão de energias positivas.

Após tomar o passe as pessoas dirigiam-se a duas bandejas que estavam sendo servidos um pedaço de pão e um copo descartável pequeno contendo vinho. Era o simbolismo da comunhão, pois segundo informantes, esse ritual remete-se as festas ciganas onde sempre há uma fogueira e é realizada a comunhão entre eles. Contudo, para quem é cristão lembraria muito os ritos eucarísticos celebrados em suas igrejas, principalmente as protestantes.

Todo esse ritual se dava ao som de muita música, inclusive alguns mantras indianos, que já havia escutado antes num Centro Hare Krishna em Recife-PE, por mim visitado, tais como: “*Govinda Jaya Jaya*” e “*Maha-Mantra Hare-Krishna*”,<sup>48</sup> levou-me esse episódio a lembrar-me sobre o processo de “indianização” pelo qual passam os ciganos citado por Nicole Martinez em “*Os Ciganos*” (1989).

À medida que eram entoados os pontos (como são denominadas as músicas cantadas nos cultos de origem afro-brasileiros), foi verificada uma “ciganidade” que remonta a origem egípcia das entidades que estavam sendo incorporadas pelos médiuns freqüentadores do templo, tanto nos nomes “*Maria do Egito*”, quanto nos pontos entoados. Pois no imaginário popular há a idéia de que esse grupo advém do Egito. Dentro do pensamento antropológico podemos associar esse tipo de pensamento ao Hiperdifusionismo Britânico, pois de acordo com essa vertente todas as culturas teriam como centro primeiro de difusão o Egito.

A Escola Britânica Difusionista, também conhecida como: o Hiperdifusionismo foi a última a aparecer no cenário antropológico das discussões do período de 1900 a 1930, contudo, foi a primeira a ser superada, devido aos chamados devaneios epistemológicos ao qual estava fadada, isto é, que toda a cultura havia sido oriunda do Egito, sendo este “o único grande centro, a partir do qual a civilização se teria difundido para todas as regiões do mundo.” (CASTRO:2004, 17).

O inglês Grafton Elliot Smith, um biólogo anatomista especializado no estudo de cérebros, indo ao Egito estudar o cérebro de múmias, entrou em contato com resquícios da antiga cultura egípcia. Do contato, surgiu um

---

<sup>48</sup> Músicas encontradas no CD “*Mantras*” da interprete Iva Rothe, gravado no Estúdio Apce Music, em Belém-PA e lançado em 2004.

entusiasmo por essa cultura, levando-o a considerar o paralelismo cultural, percebendo traços culturais semelhantes aos da cultura egípcia em tudo o quanto fora povos civilizados. Sendo com isso, reconhecido como fundador dessa nuance da Escola Difusionista.

Mas, uma análise mais apurada das idéias de Elliot Smith, é possível perceber que o seu pensamento etnocêntrico e difusionista de um único povo culturalmente “ascencionado”, ou “eleito” para ser o motor da dinâmica do ethos cultural a ser copiada (difundida) pelos demais povos, não se encontra tão distante dos estudos antropológicos do século XXI, basta ser lembrado as pesquisas realizadas com a etnicidade judaica, onde, por parte de alguns pesquisadores, pretende-se encontrar traços da cultura judaica em todos os demais grupos étnicos, principalmente nos estabelecimentos negociativos das fronteiras e assimilação por meio do contato.

Não é por acaso que esta escola ficou conhecida e foi ferrenhamente criticada por seu método científico hipotético e por sua especulação fantasiosa da difusão cultural tendo como zênite o Egito.

Elliot Smith esquematiza os seguintes dogmas para apoiar seus argumentos irremovíveis para explicar a origem da civilização, segundo Barrio (2005):

- 1.A cultura surge só sob circunstâncias excepcionalmente favoráveis, já que o homem é pouco criativo. É quase impossível que nasçam culturas distintas de modo independente.
- 2.As circunstâncias descritas se deram no antigo Egito, por isso a cultura de outras regiões, excetuando aspectos singelos, deve-se ao resultado da difusão desta superior civilização.
- 3.A civilização se vai diluindo ao propagar-se a zonas marginais. A decadência é uma fase importante na história humana.

Diante desses pontos elencado, é notória a concepção dogmática e pouco empírica dessa escola, justificando o seu rápido declínio, embora, por vezes, ressurgindo com outra roupagem, como o citado caso dos estudos voltados a questões do judaísmo. Outras vezes, como é notória no tópico dois, essa idéia de hiperdifusionismo servia também para justificar o processo de colonização, onde uma cultura seria superior a outra e, portanto, a dita “inferior”

deveria ser analisada sob a égide da “superior”, como ocorreu durante algum tempo com os estudos culturais, para justificar uma implantação da chamada europeização da cultura, nos países que foram colônias.

Contudo, mesmo sendo Elliot Smith o fundador, quem melhor se expressou e empenhou na exposição da corrente da escola Hiperdifusionista foi W. J. Perry no livro “The Children of the Sun”, apresentando a Teoria Heliolítica ou Pan-egípcia que teria no Egito o foco da cultura a ser difundida. Dentro da perspectiva conceitual de W. J. Perry a cultura de todo o mundo moderno era basicamente a mesma por conta do fenômeno da difusão. Um grupo étnico que certamente poderia servir de base para uma amostragem que ratificaria a teoria do Hiperdifusionismo, seriam “os corvos do Egito”, ou seja, os ciganos.

Notemos um dos vários pontos entoados para verificarmos a associação direta entre as entidades ditas ciganas e o Egito:

*“Meu navio apitou  
Já tem gente embarcando  
Eu vim de Jerusalém  
Eu vim buscar meus ciganos.*

*Eu mandei vir  
Mandei buscar  
A corrente dos ciganos  
Que chegou pra trabalhar.*

*Eu mandei vir  
Mandei buscar  
A corrente do Egito  
Que trabalha tão bonito  
Para vir me ajudar.”*

Após o término do passe, pude contemplar no meio do salão pessoas incorporadas com entidades que se denominam pertencentes às caravanas ciganas que ali estavam. Em suas performances pude verificar uns movimentos bem parecidos com os executados nas danças flamengas, além, claro, do uso dos pandeiros. Neste ínterim, algumas das entidades incorporadas no salão eram puxadas para locais mais reservados onde poderiam dar consulta, por meio da leitura de mãos (quiromancia), leitura de cartas de tarô e aconselhamentos.

As nove e quarenta e cinco, a entidade que atuava na “Mãe-de-Santo”, a “Cigana Milena”, subiu (desincorporou), então foi tocado um sino, anunciando que aquela parte da liturgia havia sido encerrada, realizou-se uma prece e, em seguida, foi anunciado pela “Mãe-de-Santo” trinta minutos de intervalo e descanso para os presentes.

Durante o período de intervalo, percebi que alguns dos presentes, tanto visitantes quanto médiuns trabalhadores da do templo dirigiram-se para o portão principal, o qual foi aberto, para saírem do templo. Os que ficaram dividiam-se em grupos, alguns sentados no salão principal, outros nos jardins que circundam o templo em frente aos pegis dos orixás. E, ainda, algumas outras que se enfileiravam em frente à cantina, para compra de lanches, que fica nas dependências do calçadão da Aruanda.

As vinte duas horas e quinze minutos foram retomados as atividades religiosas, com os médiuns trabalhadores do templo que permaneceram retornando para seus respectivos lugares na gira, assim como os visitantes da assistência acomodando-se por trás da mesma. Reiniciou-se cantando um outro ponto para chamar a “Cigana Milena” que retornou e continuou na direção dos trabalhos realizados. A reunião seguiu tal como na primeira parte com exceção do ritual do passe. Foram cantados pontos e entidades declarando-se ciganos vieram para dar continuidade às atividades desenvolvidas na primeira parte.

As vinte e três horas e trinta minutos ocorreram o encerramento dos atos religiosos com o entoar de um ponto de subida para a desencorporação das entidades, inclusive a da “Mãe-de-Santo”. Houve uma prece final, os presentes fizeram o sinal da cruz e, em seguida, foram novamente bater-cabeça, saudar a “Mãe-de-Santo” pedindo-lhe a benção e encaminharam-se para o portão principal a fim de irem embora.

### 4.3.2 FESTA DE SANTA SARA

Figura 21



Conta o mito que Maria Madalena, Maria Jacobé, Maria Salomé, José de Arimatéia e Trofino, juntamente com Sara, uma cigana escrava, foram atirados ao mar, numa barca sem remos e sem provisões. Desesperadas, as três Marias puseram-se a orar e a chorar. Aí então, Sara retirou o lenço da cabeça, chamou por Jesus Cristo e prometeu que, se todos se salvassem, ela seria escrava d'Ele e jamais andaria com a cabeça descoberta em sinal de respeito. Por um milagre, a barca, que estava perdida e sem rumo, atravessou o oceano e aportou com todos salvos em Petit-Rhône<sup>49</sup>, hoje conhecida como Saintes-Maries-de-La-Mer<sup>50</sup>. Sara então cumpriu sua promessa até o fim de seus dias. (PIRES FILHO, 2005).

Em outras versões como a apresentada por Schepis (1999), narra que Sara já habitava esta região da França e quando essas outras mulheres chegaram, ela havia se apiedado delas concedendo asilo aos tripulantes daquela embarcação. Pois, a mesma Sara seria uma sacerdotisa do deus Mitra ou de alguma divindade feminina ligada ao culto agrário. Em outras narrativas,

---

<sup>49</sup> Zona estuarina, situada em águas do Mar Mediterrâneo.

<sup>50</sup> Cidade erguida na voz do rio Ródano, região da Provença, sul da França.

Sara foi uma rainha do Egito ou de alguma localidade africana, o que poderia ser a explicação para a sua tez negra.

Tendo posse dessas informações, pude refletir sobre a questão do colonialismo nas escolhas das datas e feriados no Brasil, pois o Dia Nacional dos Ciganos, dedicado a todos os ciganos, contudo a data significativa para a escolha é justamente uma dedicada a uma santa, que por sua vez está entronizada em altares católicos, templos espiritualistas e afro-brasileiros, fazendo-me lembrar o fato de os ciganos não possuírem religião, enquanto grupo étnico, mas admitindo a religião local de onde eles encontrem. Daí, Ciganos católicos, protestantes, evangélicos, espíritas, espiritualistas, candomblecistas, umbandistas, islâmicos, hinduístas. Restando conceber esta data como apenas mais uma data envolta ao pensamento de folcloristas ou grupos “tradicionais” que se dizem guardadores da “genuína cultura cigana”, deixando de levar em consideração todos os demais membros, que em sua maioria, caracterizam e pertencem ao grupo.

Às dezenove horas e trinta e cinco minutos do dia vinte e oito de maio estava de volta ao Templo Espiritualista Pai Oxoce para realizar mais uma observação, tendo em vista ser celebrada uma festa dedicado a Santa Sara Kali, comemorada no dia vinte e quatro de maio, pois segundo informantes seria a santa padroeira ou de devoção dos ciganos. Data esta (vinte e quatro de maio) corroborada pelos poderes públicos, pelo menos no Brasil, pois é a data destinada a ser celebrado o “Dia Nacional do Cigano”, instituída pelo governo do Presidente Luis Inácio Lula da Silva, no ano de 2006.

Ao entrar no templo, além dos rituais já descritos anteriormente e de como o é, verifiquei um andor defronte do pegi com uma imagem de Santa Sara Kali. Havia mais duas estátuas, uma no pegi, ocupando uma posição central ladeada por quatro estatuas de ciganos, sendo duas masculinas e duas femininas; a outra, era um busto que se encontrava sobre a mesa que fica em frente ao pegi.

Uma outra coisa que despertou o meu olhar foi um grande galho de árvore coberto com algodão onde estavam depositados alguns lenços, que segundo os presentes eram o símbolo adotado por Santa Sara Kali e aqueles lenços expostos ali eram tanto para agradecimento por graças alcançadas, como para petições. O axó colocado era amarelo, contudo, haviam muitas fitas

colocadas descendo por ele, nas cores azul royal e branco, pois estas três cores seriam as cores de Santa Sara Kali. Houve a distribuição de um pedaço de papel xerocado com um ponto dedicado a referida santa.

Após todo ritual realizado no início da liturgia como foi descrito anteriormente até o passe e a distribuição da comunhão, foram chamados dois médiuns trabalhadores do templo, um realizou uma prece à Santa Sara e, o outro, leu o texto contendo a história do mito de Santa Sara Kali e como ela foi adotada como santa protetora dos ciganos, segundo o mesmo foi retirada do livro esotérico "*Ciganos os Filhos Mágicos da Natureza*" (SCHEPIS, 1999).

O andor que estava exposto no salão em frente ao pegi foi retirado em procissão percorrendo as dependências do templo, e ao ser trazido para a porta principal, houve uma orientação para que as pessoas que haviam trazido velas as acendessem, pois as luzes seriam apagadas para a entrada do andor. Quando o andor despontou na porta principal, as velas já estavam acesas e foi entoado pelo coral da casa "Flor de Jurema", a "Ave Maria" em latim. Quando percorreu o salão foi entronizado no centro do mesmo no meio da estrela, já descrita anteriormente, as pessoas passaram a ovacionar com palmas e gritos de "Salve Santa Sara!" Após tal ato, os presentes foram orientados a depositarem as oferendas<sup>51</sup> trazidas, assim como as velas e flores no vulto dedicado aos ciganos no calçadão da Jurema. Foi formada uma procissão, percebi que as mulheres coloram os lenços por sobre a cabeça e foram se retirando para depositarem as oferendas no local predeterminado.

Após todos retornarem para o salão, a "Cigana Milena" mandou servir um chá<sup>52</sup> que segundo ela seria "milagroso", servindo tanto para harmonizar, como para curar certas doenças, bastava apenas acreditar. Neste momento, um dos médiuns trabalhadores que estava trajando roupas que condiz com o imaginário sobre como um cigano deveria se vestir foi instigado a dançar juntamente com uma visitante da assistência que se declarava como sendo uma cigana calon a bailarem em uma belíssima coreografia compreendida por todos como uma dança cigana. Houve o intervalo, às vinte e duas horas e vinte

---

<sup>51</sup> Essas oferendas eram constituídas por incensos, frutas (maçãs, uvas, ameixas e figo), pães e cereais.

<sup>52</sup> O chá seria composto de preparado contendo os seguintes ingredientes: cravo da Índia, canela, chá preto, noz moscada e mel.

minutos o sino badalou mais uma vez para que todos retornassem ao salão para que fosse dada continuidade a cerimônia de louvação a Santa Sara Kali.

A “Cigana Milena” passou a coordenar um círculo de orações com todas as aldeias presentes em louvor à santa protetora dos ciganos, de acordo com a doutrina do templo. Foram entoados mais alguns pontos seguidos por sucessivas incorporações dos presentes.

A meia noite foi entoado um ponto para Exu, pois segundo os presentes é “a hora grande”. Aconteceram várias incorporações de exus, vindo logo depois as “Pombas Giras” e as “Ciganas Ricas”. Depois desse momento denominado de “a hora grande” foi servido o amalá<sup>53</sup> e o curiador<sup>54</sup>. Sendo a gira encerrada e a reunião acabando, com as pessoas dirigindo-se ao portão principal para irem embora do templo. Ao questionar a um médium trabalhador porque não houve o ritual do bater cabeça para sair, ele explicou-me que após a meia noite não seria mais necessário. Sobre os atos ocorridos nestas celebrações, para a análise do ritual poderia ter sido utilizado Victor Turner (1974), contudo este não era o foco desta etnografia e, sim, observar como os umbandistas representavam os ciganos em suas liturgias.

Ao conversar com os ciganos pesquisados sobre a questão de santa Sara, muitos deles se mostraram anátoma, fazendo compreender que não sabiam quem era esta santa, a qual, a data de sua celebração litúrgica, corresponde ao Dia Nacional do Cigano. Pois segundo a família Ferraz a sua santa de devoção era “Nossa Senhora Aparecida” e a “Virgem da Conceição”, fazendo-nos pensar, sobre como os não ciganos e alguns grupos procuram justapor a sua opinião e visão do que é ser cigano, ou não aos demais grupos e pessoas que fazem parte deste grupo étnico e auto-declaram como tal.

Portanto, diante de exposições abordadas sobre a presença dos ciganos e como os mesmos são representados pelos não ciganos é impossível não ser citado o que Elisa Maria Lopes da Costa, historiadora e autora do livro “A família cigana e o povoamento do Brasil – uma história singular”, diz sobre os ciganos:

---

<sup>53</sup> Comida ofertada ao santo e/ou comida abençoada pelo santo e distribuída aos participantes da liturgia, nesta festa a comida distribuída foi composta por bolo de chocolate, pães, frutas e empanados.

<sup>54</sup> Bebida do santo e/ou abençoada pelo santo e distribuída aos participantes da liturgia, nesta festa o curiador foi composto por vinho branco servido em copos descartáveis de 30 ml.

“Desde os primórdios, os ciganos estiveram nos quatro cantos do Brasil. Por isso, bem se pode afirmar que, para compreender a cultura brasileira em sua totalidade, é preciso investigar as contribuições dos ciganos para as artes, a toponímia, o trajar, os hábitos, enfim, para a vida tradicional do país” (COSTA, 2006)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Região Metropolitana do Recife é perceptível entre os ciganos uma identidade pautada em fatores da memória a respeito de um nomadismo histórico, vivo apenas nas lembranças dos mais velhos, que não condiz com a realidade de uma vida sedentária apresentada por eles, por motivos de segurança, conforto e estabilidade, permanecendo assim, mais distante das hostilizações da sociedade majoritária, ocasionando uma maior aceitação, embora nem sempre aconteça, como apontaram as falas anteriormente, tanto dos ciganos, como dos não ciganos. Embora, para os que os desconhece, a imagem construída sobre eles é a que figura ainda em muitos dicionários e na imaginação, a de andarilhos nômades, exacerbando certo exotismo, advindo provavelmente da imagem romântica ou preconceituosa produzida sobre este grupo.

Há, também, uma alusão constante ao sangue como pertencimento ao grupo étnico e para justificar algumas atitudes, tais como valentia, esperteza, dons divinatórios e adaptação para continuar sobrevivendo em zonas onde as fronteiras são perpassadas nos locais de construção da ciganidade, na relação pertencente e não pertencente. Contudo, este mesmo sangue é compreendido como uma metáfora, tendo em vista o acolhimento de não ciganos, por meio de casamentos e agregações (adoções), aos quais é concedida a alcunha de “meio ciganos”, pois estando em meio aos ciganos passam a vivenciar a cultura dos mesmos e exibir os símbolos diacríticos de pertença e aceitação pelo grupo.

O termo cigano aparece apenas de forma genérica, o mesmo perdura em nossa sociedade como pejorativo e imbricado de estigmas, não designando a realidade das comunidades e famílias, por nomes dados a elas próprias para si. Entre os pesquisados, eles se autodenominavam pertencentes ao grupo Calon, por ser historicamente um dos maiores grupos vindo para o Brasil, desde o século XVI e marcando aos que conviveram e convivem com seus hábitos e costumes. Desta forma, como aponta Teixeira (2007), a história dos ciganos é rechaçada em um caminhar transcurso nas línguas, estéticas,

políticas, leis, religiões, filosofias, com os quais os inúmeros ciganos puderam ter contato, influenciando e sendo influenciados, para assim, manifestar a sua universalidade.

O único a proclamar para si um pertencimento a um grupo diferente foi o Sr.º Virgílio Vassalo, definindo-se como Sinti, principalmente, por motivos lingüísticos, sendo o mesmo falante da língua Sinto e não o calom ou “cale”, como dizem os informantes. Mas, este fato não lhe causa constrangimento e aborrecimento com os demais grupos, pois segundo ele, “*é até melhor*”, porque só demonstra que cigano, independente da forma como se denomine, será sempre cigano e visto como um estranho entre os “estabelecidos”.

Ao falar sobre ciganos, muitas vezes, não nos apercebemos de que as relações de pertença para os que conclamam para si o uso do termo, não advêm de uma etnicidade baseada na territorialização, mas em elementos que constroem em contextos diversos a sua identidade, de forma que como aponta Carlos Jorge Sousa, pesquisador português e pedagogo, no artigo “Um Olhar Cúmplice” (s/d):

“a ‘identidade cigana’, não é homogênea, definitiva e estanque no seu agir temporal e espacial: ela transforma-se ou se altera, em função de inumeráveis circunstâncias endógenas umas, exógenas outras. Combinado a tradição com a inovação, a identidade cigana transmuta-se em processos de interação social.”

A diáspora e a relação direta ao fenômeno de nomadismo pelo qual passaram e passam alguns grupos ciganos, propiciou inúmeros contatos interétnicos e adaptações às condições espaço-temporal, tornando as suas identidades construídas a partir de conjuntos de sinais diacríticos ambíguos, mostrando que não existe uma identidade única entre os ciganos. Pois, de uma forma geral, desconhecem todos os detalhes da identidade dentro do contexto em que estão inseridos, pois cada indivíduo deste grupo étnico é portador de um conjunto singular de sinais diacríticos dessa identidade em constante construção. Embora quando recorram ao pertencimento seja constante a referência ao nomadismo, mesmo que apenas presente nas recordações dos mais velhos, no caso dos ciganos por mim pesquisado, assim como ao falarem no sangue cigano, contudo, esses aspectos não demonstrem uma noção de

individualidade tal como no mundo ocidental, sobre o pertencimento ou o não pertencimento, servindo como demarcador da relação nós e os outros, contudo não impedindo a assimilação desses “outros” com a alcunha do termo “meio cigano”, como encontrei entre os ciganos residentes em Igarassu-PE.

Mesmo não sendo um grupo religioso, mas ao longo de minha pesquisa pude verificar uma relação direta feita pelos não ciganos para com os ciganos, associando-os aos cultos de matizes afro-brasileiros, pelo singular aspecto de esoterismo, envolvendo a cartomancia e a quiromancia atribuídas a eles e, reforçando alguns estigmas, entre eles o de aproveitadores e falso “misticismo”.

Dessa forma, não se convêm confundir os ciganos com os discursos que foram produzidos sobre eles, ainda que se possa reconhecer a existência de conexões entre eles, mas repletos de preconceitos e discriminações para com os mesmos.

## 6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ACTON, T. 1974. *Gypsy politics and social change*. London and Boston: Routledge & Kegan Paul.
- ADOLFO, S. P. 1999. *Rom: Uma odisséia cigana*. Londrina: UEL.
- ANTÔNIO DE ALMEIDA, M. [1854-5] 1998. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Klick Editora.
- ALENCAR, J. de. 1975. *O guarani*. São Paulo, Ática.
- AUGÉ, M. 2005. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 5 ed., Campinas, SP: Papirus.
- AZEVEDO, A. [1890] 1973. *O cortiço*. São Paulo: Ática.
- BAGNO, M. 1999. *Preconceito Lingüístico*. 2.ed., São Paulo: Loyola.
- BALANDIER, G. 1997. *A Desordem – Elogio do Movimento* – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BARTH, F. 2000. *O Guru, O Iniciador e Outras Variações Antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- BAUER, M. W. & GASKELL, G. 2005 *Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BAUMAN, Z. 2005. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BETTENCOURT, D. E. Historia da Religião: quem são os ciganos? *Pergunte e responderemos*. Rio de Janeiro, ano IV, dezembro de 1961, nº 48, p.528-536.
- BHABA, H. 1998. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- BORHEIM, G.: a. ET. Alli.1997. *Cultura Brasileira – Tradição/Contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BRITO, R. C. & LIMA, A. (2003). *Baile do Menino Deus*. Rio de Janeiro:Objetiva.
- BRANDÃO, C. R. 1986. *Identidade e Etnia. Construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense.
- BOSI, E.1994. *Memória e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras.

- BOURDIEU, P. 1983. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- BURITY, J. (org.) 2002. *Cultura e Identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A.
- \_\_\_\_\_. *Globalização e Identidade: desafios do multiculturalismo*. Fundação Joaquim Nabuco. Instituto de Pesquisas Sociais Recife, nº 107, 2001, 11p.,(mimeografado).
- CANCLINI, N. G.1997. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, São Paulo: Editora USP.
- CARNEIRO, M. L. T.. 2005. *Preconceito Racial em Portugal e Brasil Colônia: os cristãos-novos e o mito da pureza do sangue*. São Paulo: Perspectiva..
- CASCUDO, L. da C. 1954. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- CASTELLS, M. 1999. *O Poder da Identidade*. 2 ed., São Paulo: Paz e Terra.
- CERVANTES, M. de S. [1613] 1989. La gitanilla in: *Novelas ejemplares*. Madrid: Cátedra.
- CHINA, J. B. d'O. 1936. *Os Ciganos do Brasil (subsídios históricos, etnográficos e lingüísticos)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- CLIFFORD, J. 2002. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed., UERJ.
- COELHO, F. A. 1892. *Os Ciganos de Portugal*. Lisboa.
- COHEN, A (Org.) 1974. *The Lesson of Ethnicity*. London. Tavtocki.
- COSTA, E. M. L. da. Ciganos em Terras Brasileiras. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: SABIN, ano 2, n.º 14, p. 16-19.
- COSTA, F. A. P. da. 1983. *Anais Pernambucanos*. 2 ed., Recife: FUNDARPE.
- CUNHA, M. C. da. 1987. *Antropologia do Brasil*. 2 ed., São Paulo: Brasiliense.
- ELIAS, N. 2000. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ERIKSEN, J. H. 2002. *Ethnicity and Nationalism: Anthropological Perspectives*. 2<sup>nd</sup> edition, London and Sterling, VA: Pluto Press.
- FERRARI, F. 2002. *Um olhar oblíquo – contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. São Paulo: USP.

FONSECA, I. 1996. *Enterrem-me em Pé: os ciganos e a sua jornada*. São Paulo: Companhia das Letras.

GASPARET, M. 1999. *O Rosto de Deus na Cultura Milenar dos Ciganos*. São Paulo: DIFEL.

FREYRE, G. 1937. *Nordeste; aspectos da influência da canna sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.

FRASER, A. 1997. *História do Povo Cigano*. Lisboa: Editorial Teorema.

GARCÍA LORCA, F. [1924-7] 1998. *Romancero gitano*. Barcelona: Editorial Optima.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. [1967] 1982. *Cien años de soledad*. Barcelona: Orbis.

GEERTZ, C. 1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.

GIDDENS, A. 2003. *A Constituição da Sociedade*. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_.2002. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. 2000. *Mundo em Descontrole*. Rio de Janeiro: Record.

\_\_\_\_\_. 1978. *Novas Regras do Método Sociológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GIL VICENTE. [1525] 1974. *Farsa das ciganas*. Lisboa, Sá da Costa.

GOLDFARB, M. P. L. 2004. *O “tempo de atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. João Pessoa: UFPB.

GOFFMAN, E. 1988. *Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara.

GUIMARÃES ROSA, João. [1967] 1985. Tutaméia — *Terceiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GUIMARÃES, S. T. L. 2003. Paisagens e Ciganos: uma reflexão sobre paisagens de medo, topofilia e topofobia. In ALMEIDA, M. G. & RATTTS, A. J. P. *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, pp. 49-69.

HALL, S. 2003. *Da Diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG: Brasília, DF: Unesco.

\_\_\_\_\_. 1999. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 3 ed., Rio de Janeiro: DP&A.

\_\_\_\_\_. 2000. Quem precisa de Identidade? In SILVA, J.da. – *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, cap.3, p.103-133.

\_\_\_\_\_. 1997. *Representation*. London: SAGE.

HEREDIA, J. De.D.R. 1983. *Nosotros los Gitanos*. Madri: Ediciones 29.

HOBSBAWN, E. & RANGER, J. (Orgs).1997. *A Invenção das Tradições*. 2 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HUGO, Victor. [1831] 1975. *Notre Dame de Paris*. Paris: Gallimard.

KARPATI, M. 1997. Ciganos. *Travessia*. São Paulo:CEM, ano X, nº27, p. 08-11, janeiro-abril.

KRISTEVA, J. 1974. *Historia da Linguagem*. Lisboa: Edições 70.

KUPER, A. , 2002. *A cultura a visão dos Antropólogos*. Bauru: EDUSC.

LEACH, E.1978. *Cultura e Comunicação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LE GOFF, J.1996. *Historia e Memória* Campina: UNICAMP.

LOCATELLI, M. A.1981. *O Ocaso de uma cultura: uma análise antropológica dos ciganos* Santa Rosa (RS): Barcelos.

LOUREIRO, S. A. G. 2004. *Identidade Étnica em Re-Construção*. Belo Horizonte: O Lutador.

LUZURIAGA, J. M. D. 2001. *Jurema e Cura*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife: UFPE.

MACEDO, F.1992. *Ciganos, Natureza e Cultura*. Rio de Janeiro: Imago.

MACHADO DE ASSIS. 1889] 1997. *Dom Casmurro*. São Paulo, Klick Editora.

MAFFESOLI, M. 2001. *Sobre o Nomadismo*. Rio de Janeiro: Record.

\_\_\_\_\_. 1996. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes.

MALINOWSKI, B. 1976. *Argonautas do Pacífico Ocidental*.(Coleção os Pensadores) São Paulo: Abril Cultural.

MARTINEZ, N. 1989. *Os ciganos*. Campinas: Papyrus.

MAUSS, M. 1974. "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". In IDEM: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU.

MELLO, J. A. G. (Org.) 1975. *O Diário de Pernambuco e História Social do Nordeste (1840-1889)*. Vol. 1, Recife: Diário de Pernambuco.

MELLO, M. A. S. & SOUZA, M., A. de. 2006. Meirinhos Aristocráticos. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: SABIN, ano 2, n.º 14, p. 29-32, novembro.

MELO, F. J. D. de. 2005. *Os Ciganos Calon de Mambaí: a sobrevivência de sua língua*. Brasília: Thesaurus.

MELO NETO, J. C. de. 1995. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

MERIMÉE, Prosper. [1845] 1960. *Carmen*. Paris: Garnier Frères.

MOLIÈRE. [1671] 1996. *Oeuvres complètes de Molière*. Paris: Garnier Frères.

MOONEN, F. 1995. Ciganos Calon no sertão da Paraíba. *Cadernos de Ciências Sociais*. Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Mestrado em Ciências Sociais, João Pessoa, p. 1-51.

\_\_\_\_\_ 1994. As Minorias Ciganas e os Direitos: os projeto de estudo interdisciplinar *Cadernos de Ciências Sociais*. Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Mestrado em Ciências Sociais, João Pessoa, n 32, p 1-56.

MORAIS FILHO, A. J. de M. 1904. *Fatos e memórias*. Rio de Janeiro: Garnier.

\_\_\_\_\_ 1886. *Os Ciganos do Brasil: contribuição etnográficas*. Rio de Janeiro: Garnier.

\_\_\_\_\_ 1885. *Cancioneiro dos Ciganos: poesia popular dos ciganos da Cidade Nova*. Rio de Janeiro: Garnier.

MORIN, E. 1990. *Cultura de Massas no século XX: o espírito do tempo*. 8 ed., Rio de Janeiro: Forence Universitária.

MOTA, A. V. B. da (Org). 2004. *Ciganos Antologia de Ensaios*. Brasília: Thesaurus.

\_\_\_\_\_ 1982. *Contribuição à História da Ciganologia no Brasil*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás – Goiânia (GO), ano IX, nº10.

MOTA, O. 1933. *Seleção Moderna*. São Paulo: Nacional.

NARO, A. J. 1973. *Estudos Diacrônicos*. Petrópolis: Vozes.

- OLIVEIRA, J. P. (Org.). 1998. *Indigenismo e Territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- OLIVEIRA, R. C. 1976. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira.
- PEREIRA, A da A. 1985. *Povo Cigano*. Rio de Janeiro: Autora.
- PEREIRA, C. da C. 1989. *Os Ciganos Continuam na estrada*. Rio de Janeiro: Ribro-Arte.
- PENA, M. [1845] s/d. O cigano in: *Comédias*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- PIRES FILHO, N. 2005. *Ciganos*. São Paulo: Madras.
- POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. 1998. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP.
- RAMOS, A. 1947. *Introdução à Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante.
- ROBINS, R. H. 1981. *Linguística Geral*. 2 ed., Porto Alegre: Globo.
- SANSONE, L. 2005. *Negritude Sem Etnicidade*. Salvador/ Rio de Janeiro: Edufba; Pallas.
- SANT'ANA, M. de L. 1983. *Os Ciganos: aspectos de organização social de um grupo cigano em Campinas*. São Paulo: USP.
- SCHEPIS, R. M. 1999. *Ciganos os Filhos Mágicos da Natureza*. 4 ed., São Paulo: Madras.
- SCHUMA, S. & BRAZIL, É. V. (Org.). 2000. *Dicionário de Mulheres: de 1500 até a atualidade*. 2 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SCHWARCZ, L. M. 1993. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SOUZA, A de O. e. 1921 – Questões Sociais, Os Ciganos Brasileiros. *Revista do Brasil* (Seção: Debates e Pesquisas), Rio de Janeiro, março.
- SULPINO, M. P. L. 1999. *Ser viajor, ser morador: uma análise da construção da identidade cigana em Sousa – PB*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: UFRGS.
- TEIXEIRA, R. C. 2007. *Ciganos em Minas Gerais: uma breve história*. Belo Horizonte: Crisálida.

TUAN, Y. 1980. *Topofilia*. São Paulo: DIFEL.

TURNER, V. 1974. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes.

VELHO, G. 1987 *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WEBER, M. 1968. *Economy and Society: An Outline Interpretative Sociology*. Vol I, Berkeley: University of California Press.

WOOLF, V. [1928] 2000. *Orlando* [tradução de Cecília Meireles]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

XIMENES, S. 2005. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ediouro.

## **ANEXOS**

 **Notícias****SID**

26.01.06

**Grupo de Trabalho de Políticas Públicas para a Cultura Cigana**

*A Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural criou no dia 19 de janeiro, o Grupo de Trabalho Cigano, para discutir e propor políticas públicas de culturas para as comunidades ciganas*

O Ministério da Cultura por intermédio da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural, vem atendendo a determinação da atual Gestão do Governo Federal no sentido de desenvolver ações tanto do âmbito governamental, quanto por meio de diálogos diretos com a sociedade civil e desde o início dessa nova gestão tem procurado implementar ações que justificam a missão institucional desta secretaria que tem como principal vertente a interlocução com setores culturais desprovidos de políticas públicas. No Brasil ainda não existem políticas anti ou pró-ciganas, nem leis que tratem especificamente das minorias ciganas. Oficialmente, os Rom, Sinti e Calon sequer são considerados minorias étnicas.

A Constituição Federal do Brasil de 1988 atribuiu ao Ministério Público Federal a defesa dos direitos e interesses indígenas (CF, Art. 232), antes atribuição exclusiva da Fundação Nacional do Índio. Um dos resultados práticos foi a criação, na procuradoria da República, da Coordenadoria de Defesa dos Direitos e Interesses das Populações Indígenas /CDDIPI. Alguns anos depois, a Lei Complementar 75 de 20.05.1993, ampliou ainda mais a ação do MPF ao atribuí-lo também a proteção e defesa dos interesses relativos às comunidades indígenas e minorias étnicas (Art. 6, VII, "c"). Diante disto, em abril de 1994, a CDDIPI foi substituída pela 6ª Câmara de Coordenação e Revisão dos Direitos das Comunidades Indígenas e Minorias, incluindo-se nesta as comunidades quilombolas e as minorias ciganas. Considerando o disposto no Art. 215 da Constituição Federal, que determina, "O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais" e que "o Estado protegerá as manifestações populares, indígenas e afro-brasileiras, e as de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. Considerando a necessidade de se estabelecer instâncias de diálogo entre o Estado e a sociedade civil para a formulação e deliberação de políticas culturais.

Considerando a necessidade de adequação às novas diretrizes definidas pelo planejamento estratégico do Ministério da Cultura, resolve:

Art. 1º Instituir Grupo de Trabalho, com o objetivo de indicar políticas públicas para as culturas cigana, em parceria com os povos ciganos, através de uma metodologia de atuação que contemple efetivamente a interlocução com as representações ciganas.

Art. 2º O Grupo de Trabalho será coordenado por um dos representantes dos seguintes órgãos e entidades:

I – Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural; II – Secretaria de Articulação Institucional;

III – Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN; V – Núcleo de Estudos Ciganos;

VI – Pastoral dos Povos Nomades; VII – Centro de Cultura Cigana;

VIII – Associação de Preservação da Cultura Cigana – APRECI

Parágrafo único. O Grupo de Trabalho será coordenado por um dos representantes da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural deste Ministério que expedirá o respectivo ato de designação dos integrantes titulares e suplentes, quando da instalação do grupo de trabalho.

Art. 3º O Grupo de Trabalho poderá, se considerar necessário, e a qualquer momento, convidar pessoas ou outras instituições ou entidades da sociedade civil, para participarem das discussões;

Art. 4º Os trabalhos do Grupo de que se trata esta Portaria serão considerados de relevante interesse público, não ensejando qualquer remuneração pela participação de seus integrantes.

Art. 5º O Prazo para conclusão dos trabalhos encerrar-se-á em 31 de dezembro de 2006.

(Fonte: Max Rodrigues SID/Minc)



**Presidência da República**  
**Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial**  
**Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais**

**REUNIÃO DE LIDERANÇAS CIGANAS E LANÇAMENTO DO GT CIGANO**

Reunião realizada pela Subsecretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, no dia 21 e 22 de fevereiro de 2006, com o objetivo de discutir as políticas públicas do Governo Federal voltadas para a erradicação das desigualdades raciais e a melhoria da qualidade de vida de grupos socialmente discriminados como a etnia cigana.

### **1. Introdução**

Em 2004, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – Seppir/PR, realizou a I Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial representando um grande avanço nas políticas voltadas para a superação das desigualdades raciais.

No período pré-Conferência, aconteceu a Audiência Cigana ,no Hotel St.Paul em Brasília-DF , quando lideranças ciganas de diversas regiões do país , debateram as suas necessidades e aprovaram um conjunto de 41 propostas, que identificavam a real demanda dos ciganos no tocante às políticas públicas.

As ações em curso ,visam contribuir para o diagnóstico, divulgar o acesso , bem como, subsidiar a gestão destas políticas públicas , para a melhoria da qualidade de vida dos ciganos no Brasil.

A partir das demandas oriundas da Audiência e referendadas na I CONAPIR , foram definidos alguns encaminhamentos para dar continuidade ao processo de discussão e elaboração de diretrizes.

### **2. Metodologia**

Frans Moonen , Luciano Mariz , estudiosos das etnias ciganas no Brasil, e Márcia Yáskara Guelpa, participaram dessa reunião como expositores , visando a reprodução de conhecimentos sobre a cultura , origens e modo de vida dos ciganos brasileiros.

Participaram também entidades representantes da etnia cigana:

- APRECI /PR - Sr. Cláudio Iovanovitchi, integrante do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial e Tatiane Iovanovitchi;
- APRECI/SP – Sra. Márcia Yáskara Guelpa, Lara Orlow e José Cralos Silva/CEDRO-SP;
- Fundação Santa Sara Kali/RJ – Sra Mirian Stanescon Batuli;
- Associação de Ciganos de Goiás-Jesus Manoel Soares,Pedro da Silva e Maria do Socorro Soares

No âmbito do Governo Federal vários Ministérios apresentaram encaminhamentos e/ou elaboração de diretrizes priorizando o segmento étnico cigano, conforme tabela abaixo:

Tabela 1- Relação das demandas e propostas debatidas na reunião.



**Presidência da República**  
**Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial**  
**Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais**

|   | <b>DEMANDAS</b>   | <b>PROPOSTAS</b>   |
|---|---|--|
| <b>Ministério da Previdência Social</b> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Facilitar o acesso a informações e serviços</li></ul>   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Curso de formadores em Previdência Social e / ou palestras e orientações do Programa de Educação Previdenciária</li><li>• Atendimento da Unidade Móvel de Previdência Social – PREVMÓVEL</li></ul>   |
| Ministério da Saúde                     | <ul style="list-style-type: none"><li>• Facilitar o acesso aos serviços disponibilizados pelo SUS</li><li>• Disseminação de informações através de campanhas de planejamento familiar; DST/AIDS e vacinação</li></ul> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Planejamento e implementação da Carteira de Saúde para atendimento no SUS com diferencial para as etnias ciganas concomitante com marketing ( vídeos , cartilhas e cartazes) esclarecendo sobre o SUS,</li><li>• Realização de cursos de capacitação para profissionais do SUS sensibilizando para a questão do atendimento das etnias ciganas.</li><li>• Estudo para o Lançamento de Edital de Pesquisa objetivando o levantamento das condições de saúde das etnias ciganas.</li></ul> |
| <b>Secretaria de Direitos Humanos</b>   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Erradicação do subregistro</li><li>• Informação sobre direitos dos ciganos</li></ul>  | <ul style="list-style-type: none"><li>• Planejamento para a realização do Balcão de direitos</li><li>• Elaboração de cartilha para informação de direitos das etnias ciganas</li></ul>   |
| Ministério das Cidades                  | <ul style="list-style-type: none"><li>• Acesso a serviços de infra-estrutura nas comunidades fixas e acampamentos , citado como exemplo o projeto da Prefeitura de Curitiba</li></ul>                                 | <ul style="list-style-type: none"><li>• Programa de Subsídio à habitação de Interesse Social destinadas a famílias com renda até três salários mínimos.</li><li>• Programa Crédito Solidário para famílias organizadas em cooperativas ou associações</li></ul>  |
| Ministério da Cultura                   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Preservação do patrimônio cultural e conhecimento tradicional da etnia cigana</li></ul>   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Criação do GT Cigano para discussão de política específica do MinC objetivando o resgate e a proteção das manifestações culturais da etnia cigana</li><li>• Dar maior visibilidade à produção cultural cigana</li><li>• Inclusão do dia 24 de maio como o dia nacional do cigano, por se comemorar nesta data o dia de Santa Sara Kali</li></ul>   |
|   |   |  |

### 3. Conclusão

Pela primeira vez na história do Brasil, o Governo Federal através da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, está efetivamente avançando no fortalecimento da justiça social focado na etnia cigana.

Cabe lembrar, que o processo da promoção da igualdade racial deve ser contínuo e permanente, sempre aberto ao diálogo e a cooperação, principalmente, priorizando ações coordenadas e participativas nas três esferas de governo.

Desse modo, os fortalecimentos do diálogo com as lideranças ciganas e a elaboração conjunta de diretrizes, constituem premissas básicas para a melhoria da qualidade de vida das comunidades ciganas no Brasil.



**Presidência da República**  
**Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial**  
**Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais**

**DOCUMENTO:**  
**INTERESSADO:**  
**ASSUNTO: Previdência Social**  
**NOTA TÉCNICA Nº. 017/2006-SUBCOM/SEPPIR**

Senhora Diretora,

1. Em atendimento à solicitação de informações sobre as demandas das comunidades de Etnia Cigana e Comunidades de Terreiros, referentes a Previdência Social, encaminhamos algumas propostas e informações como subsídios para a elaboração de plano de trabalho.

2. Etnia Cigana

2.1 São considerados, pela Pastoral Nômades do Brasil – PNB,<sup>1</sup> como povos de mobilidade humana, os ciganos, circenses e parquistas, estimados em 800 mil brasileiros que não possuem documentações legais e residência fixa.

2.2. Os ciganos atuam como vendedores autônomos de porta em porta, atuam também em circos e parques de diversão conforme informações da Associação de Preservação da Cultura Cigana Apredi's do Brasil.

2.3 O conhecimento e respeito as diferenças desta significativa parcela da população brasileira, com características tão diferenciadas como o nomadismo e a língua ágrafa, constituem grandes desafios para a inclusão social.

3. Comunidades de Terreiros

3.1 As comunidade de terreiros, assim denominados o seguidores das religiões de matriz africana, sofreram perseguição perpetrados a essa forma de manifestação religiosa, seus territórios, objetos sagrados e aos seus adeptos. Sendo assim, é necessário envidar todos os esforços no sentido de superar as formas de estereótipos que ainda se mantêm, bem como lhes conferir direitos idênticos aos das demais religiões e fortalecer os mecanismos legais que punam exemplarmente as ações segregatórias e discriminatórias

3.2 Diante do exposto, as comunidades de terreiros apresentaram como demanda ao Ministério da Previdência Social a necessidade do reconhecimento das sacerdotisas e sacerdotes das religiões de matriz africana, assim como os pajés e xamãs, a qualidade de religiosos, assegurando a respeitabilidade e legitimidade social das funções por eles(as) desenvolvidas.



**Presidência da República**  
**Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial**  
**Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais**

4. Considerado o objetivo de promover a inclusão social e facilitar o acesso das comunidades tradicionais aos serviços e benefícios da Previdência Social, é necessário pensar estratégias de acesso diferenciado.

5. Sendo assim, propomos:

- Definir agenda para a realização de Seminários nas 05 ( cinco) Gerências Regionais visando sensibilizar os gerentes regionais, gerentes executivos e chefias para as questões relacionadas à raça e etnicidade.
- Definir agenda para a realização de cursos “Formadores em Educação Previdenciária” nas 102 Gerências Executivas visando a capacitação das lideranças de etnia cigana e comunidades de terreiro para atuarem como multiplicadores em suas comunidades.
- Priorizar o atendimento das comunidades de etnia cigana e de terreiros, por meio das unidades móveis do INSS – Prevmóvel e Prevbarco.
- Atendimento da unidade móvel dentro dos acampamentos, circos e parques de diversão.
- Palestras informativas nos acampamentos e comunidades de terreiros.
- Distribuição de material informativo sobre os serviços, benefícios e formas de acesso.
- Pensar alternativas para o comprovante de residência para as comunidades de etnia cigana.
- Atenção especial ao idoso cigano e de comunidades de terreiros quando do requerimento do benefício da LOAS.

6. Tecidas as considerações acima, encaminhamos à superior consideração.

Brasília, 01 de agosto de 2006.

Lea B de Sousa Gomes

MAT. 0528593

### Cigana de rodoviária

Entre as velhas e novíssimas profissões, o que mais encanta são aqueles ofícios joão-griliscos, entre a esperteza e a teimosia com a vida, um quase desmamar pedras, vaqueiros de fazendas aéreas, malasartes da sobrevivência, mungangas para manter-se no jogo e resistir à inevitabilidade do sol seguinte a queimar as pestanas.

O cara que vive de rolo é um destes heróis. Transita ali quase na linha de sombra da ilegalidade, não pega no alheio, mas bota para frente um bode meio suspeito, uma bicicleta, uma sucata qualquer da feira do troca-troca. O escambo, aliás, é a sua grande arte: é capaz de fazer de um moinho enferrujado uma nova vida, é capaz de vender na folha as próximas duzentas safras. Vender na folha é uma espécie de mercado futuro da roça, quando o matuto vende seu milho, por exemplo, ainda em boneca.

Outro admirável ofício era o de fiscal de safadezas de forró, mais conhecido como fiscal de p..., a criatura que ficava ali de um canto a outro do salão, com uma varinha de marmeleiro em riste, pronto para flagrar e advertir os cabras safados que dançavam armados - como no clássico musical do Trio Nordestino. Como a esculhambação tomou mesmo conta do mundo - e isso não é obrigatoriamente ruim, não sejamos moralistas -, o tal profissional praticamente perdeu sua utilidade sobre a terra.

Somente no saudoso Forró de seu Elói, promovido pela rádio Araripe do Crato, o ofício de fiscal de fulleragens contava com 50 caboclos de olhos bem abertos em nome da virtude e dos bons costumes da família caririense.

Em Mossoró, onde estive agora na Feira do Livro, tem um raro fiscal do gênero, ainda implacável como os potiguares que botaram Lampião para correr das redondezas. "Seu" Aristides Brilhante (não, amigo, não é parente do heróico e justiceiro Jesuíno Brilhante) diz que a luta hoje não compensa, é peleja perdida nos desvãos da memória.

E assim a modernidade vai acabando com muitos ofícios das antigas. O menino de recado, por exemplo, foi extinto pela telefonia móvel. E o jegue, amigo, não tem mais emprego depois da febre das motos. Graças a Deus, porque os bichinhos eram muito maltratados pelos donos mais toscos.

Em compensação, meu caro, temos uma profissão historicamente novinha da silva. Soube da sua existência pelo amigo Otto, sim, o viking do Agreste, o cantor gailego mesmo. Trata-se da cigana de rodoviária, uma profissa e tanto.

O ramo é simples. A cigana chega para um viajante, o coitado ainda cheio das confusões de São Paulo na cabeça, e desanda a acertar tudo sobre as suas desilusões recentes, suas contrariedades do juízo, as dívidas, seus amores deixados na poeira da estrada.

Otto descobriu porque tentaram lhe fazer de besta, em Aracaju, numa viagem ainda com a banda Mundo Livre S/A, nos idos dos anos 90.

O viajante se espanta, inclusive porque a madame vai na mosca e repete frases inteiras que ele acabara de dizer ao telefone daquela rodoviária. E você sabe, amigo, o cabra lascado se ilude com o vento. O joão-grilismo aí é fácil, fácil: a cigana mantém uma menina, daquelas sansas do cabelo escorrido, ao pé de cadaorelhão, além de outras que acompanham os passageiros que falam nos seus celulares.

Resultado: a cigana escolhe justamente as pessoas que contaram histórias mais tristes ao telefone. Aí é só chegar e, pimba, é loa de tiro certo no ouvido do camarada ou da senhorita.

### & Modinhas de fêmea

A mulher que cheira a maré, quem sabe, ainda me espera no Hellcife sob a bocarra dos tubarões. Corto Maltese, quem dera, ainda nos convida para um rum de pirata na balada do mar salgado. No meio do sertão de pedras-de-peixes, fósseis da chapada do Araripe, os mais antigos mares sob os nossos pés, cisma um distante marujo. Subo do Vale do Kariri rumo ao sol de Exu, sonata gonzagueana no rádio. Silêncio nas veredas. Sinto o cheiro de todas as chacinhas portuguesas e os urubus apostólicos dançam a dança do gira vestidos a caráter com as batinas do Santo Ophício na miragem do asfalto do Saara.

Meu corpo cansado e eu mais velho, ah como eu amei.

(Diário de Pernambuco, 10 de novembro de 2007, Recife, sábado, Viver, D6)

COMPORTAMENTO // Grupo de atores e bailarinos leva mensagens para instituições como creches e comunidades, através do espírito e da dança

## A arte dos Ciganos da Luz

Os trajes coloridos dos ciganos têm uma razão de ser. Naquele grupo, vida, amor e liberdade são a principal razão dos movimentos da dança. Juntos, mandam a mensagem para instituições de idosos, creches e para diversas comunidades. Interagem com o público, tocam violão, cantam. Os Ciganos da Luz, como são chamados esses atores e bailarinos, optaram por levar sua mensagem às pessoas através do espírito da dança. Se dizem universalistas. Apostam no poder curativo da alegria de viver. Dizem que seu principal mentor espiritual é a cigana Maria do Egito.

Os Ciganos da Luz integram o grupo espiritualista Ramatís, da Fraternidade do Triângulo e da Cruz. É uma instituição religiosa de cunho universalista, tendo como base doutrinária a umbanda esotérica, o espiritismo, o esoterismo e a teosofia. "Desenvolvemos estudos espiritualistas e atividades envolvendo a arte. Divulgamos a mensagem crística através do teatro, música e canto em hospitais, praças e abrigos", explica o ator Adriano Cabral, um dos coordenadores do grupo. Ele conta que a atriz Geninha da Rosa Borges representa a Mestra Cigana, guardiã da sabedoria. "É um grande conagração, onde procuramos tocar os corações dentro de uma cultura de paz".



Mensagens são divulgadas através da música e do conagração. Foto: Jaqueline Maia/DP

A idéia já começou a render frutos. São os Ciganinhos da Luz, grupo formado por crianças que faz o mesmo trabalho dos adultos. Por enquanto a equipe ainda é pequena, mas aceita pequenos voluntários que gostem de teatro e dança.

O Grupo Ramatís foi fundado em 25 de dezembro de 1977 e funciona na Rua 4, nº 15, em Rio Doce, Olinda. No local eles mantêm um grupo de atendimento gratuito de reiki, cromoterapia, fluidoterapia, além de reuniões públicas às terças-feiras, às 19h30 e nos quartos domingos do mês, às 17h. Reiki é uma palavra japonesa que significa "Energia Vital Universal". Segundo seus seguidores, abre novos caminhos para a experiência espiritual e o aprendizado. Ramatís, por sua vez, viveu na Indochina, no século 10 e foi instrutor em um dos santuários da Índia.

(Diário de Pernambuco, 23 de dezembro de 2007, Recife, domingo, Vida Urbana, C9)

Jornal do Comércio sexta-feira, 3  
Recife, 8 de abril de 1994

# Ciganos: povo ou bando?

Miguel Anacleto Júnior

**A** caminho da comunidade indígena Atikum, localizada na Serra do Umã, Alto Sertão, tive a oportunidade, hoje rara, de fazer contato com um grupo cigano que há anos perambula naquela região inóspita onde a monotonia do cenário seco e cinza só é quebrada pelo verde isolado do mandacaru.

No interior de uma tenda simples e colorida, entre goles de um café forte e amargo, ouvi de meus anfitriões relatos impressionantes. Desde logo, a constatação do tremendo contraste entre a vida cotidiana dos ciganos e a imagem usada vez por outra em ridículos seriados e novelas de televisão. Atentamente, escutei histórias alegres e até cômicas, mas também episódios trágicos, indo desde o estupro de garotas por desocupados filhotes de fazendeiros até verdadeiras chacinas. A distância e o isolamento impedem que esses crimes cheguem até a imprensa.

Normalmente, se toma os ciganos como um bando de vadios que decidiram vagar pelo mundo afora roubando varais e animais desgarrados. Ledo engano. Os ciganos constituem, na verdade, um povo de tradição milenar, detentor de um patrimônio cultural singular.

Originários do nordeste da Índia, de onde saíram por volta do ano 1000, espalharam-se por todos os continentes e em toda parte afirmaram sua identidade. Divididos em vários grupos e subgrupos é-

*Um povo de tradição milenar, detentor de um rico patrimônio cultural*

nicos, estão presentes em grande número na Europa, principalmente no Leste, em toda a América e até na distante Austrália. No Brasil, os primeiros grupos chegaram em meados do século 16. Seja onde for, os ciganos mantêm um forte espírito comunitário, mesmo quando se tornam sedentários e deixam de falar sua língua, o romani.

O característico nomadismo dos ciganos levou-os a um estado de permanente contato com outras culturas. É o mais internacional dos povos. Entretanto, nunca perderam sua autenticidade, fato que constitui um verdadeiro enigma para muitos estudiosos. Talvez a preservação da identidade cigana se deva mais à atitude de intolerância dos não-ciganos do que a algum elemento cultural, étnico ou linguístico.

Independente das coordenadas de tempo e lugar, os ciganos sempre carregaram o peso da discriminação. Na Idade Média eram tidos como hereges e feiticeiros. Du-

rante o nazismo, foram apontados como criminosos inveterados e "extremamente perigosos para a pureza da raça alemã". Milhares de mulheres ciganas foram vítimas de experiências praticadas por médicos da SS em campos de concentração. Estima-se em 500 mil o número de exterminados. *O holocausto cigano, quase nunca divulgado foi, proporcionalmente, muito maior do que o holocausto judeu. Ainda hoje, na Europa, os ciganos encabeçam a lista dos povos socialmente rejeitados e vítimas de agressões racistas.*

Atualmente, existem diversas organizações regionais e internacionais de ciganos.

sendo o Comitê Internacional Rom, com sede em Paris, uma das mais antigas. No

Centro de Estudos Ciganos. Nos últimos anos, tanto a Unesco como a própria ONU têm dedicado especial atenção ao tema.

Aqui no Nordeste essa movimentação é, todavia, desconhecida. Via de regra os grupos ciganos são pobres e maltrapilhos. Os que permanecem fiéis ao nomadismo, diminuem a cada ano. Poucos conhecem a sua história e muito menos seus direitos enquanto povo. *Guardam, contudo, ao menos dois nobres sentimentos comuns a todos os seus congêneres: o amor pela criança e o gosto pela música, coisas que muita gente "civilizada" ainda tem de aprender.*

Miguel Anacleto Júnior é presidente

LEI Nº 17.311/2007

EMENTA: Cria o Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

O POVO DA CIDADE DO RECIFE, POR SEUS REPRESENTANTES, DECRETOU, E EU, EM SEU NOME, SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º Fica criado o Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Recife- CMPPIR/Recife, órgão colegiado, de controle social e caráter deliberativo da política municipal de Promoção da Igualdade Racial, tendo por finalidade fortalecer a luta contra o racismo e o preconceito baseado em raça ou etnia, através do monitoramento, acompanhamento e fiscalização, bem como propor políticas afirmativas de promoção da igualdade racial com ênfase na população negra recifense, com vistas a ampliação da participação popular e do controle social.

Parágrafo único. Entende-se por políticas afirmativas de promoção da igualdade racial, para efeitos desta lei, o conjunto de políticas públicas e privadas, de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, que tem por objetivo combater o racismo, o preconceito e a discriminação racial e reduzir as desigualdades raciais, inclusive no aspecto econômico, financeiro, social, político, educacional e cultural. Trata-se de políticas e de mecanismos de universalização de direitos dirigidos a grupos historicamente discriminados por sua origem, raça ou etnia.

Art. 2º O Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial é vinculado à estrutura da Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Cidadã do município do Recife, que deverá dotá-lo de recursos humanos, materiais e financeiros necessários a seu funcionamento.

Art. 3º Compete ao Conselho:

I - participar na elaboração de critérios e parâmetros para a formulação e implementação de metas e prioridades para assegurar as condições de igualdade à população negra e de outros segmentos étnicos da cidade do Recife.

II - propor estratégias de controle, avaliação e fiscalização, bem como a participação no processo deliberativo de diretrizes das políticas afirmativas de promoção da igualdade racial, fomentando a inclusão da dimensão racial nas políticas públicas desenvolvidas em âmbito municipal;

III - avaliar anualmente a proposta orçamentária do Município do Recife e propor prioridades na alocação de recursos dos diversos Órgãos Municipais, podendo contar para a avaliação constante deste dispositivo o com a colaboração de outras entidades de participação e controle social.

IV- recomendar e realizar estudos, debates e pesquisas sobre a realidade da situação da população negra e de outros segmentos étnicos da população recifense, com vistas a contribuir na elaboração de propostas de políticas públicas afirmativas de Promoção da Igualdade Racial;

V - organizar e realizar a cada dois anos a conferência municipal de promoção da igualdade racial.

VI - acompanhar e fiscalizar a implantação e implementação das deliberações das conferências municipais de promoção da igualdade racial;

VII - acompanhar a implementação das políticas de Combate ao Racismo Institucional e propor o desenvolvimento de programas e projetos de capacitação sobre as relações raciais no âmbito da administração pública;

VIII - articular-se com as entidades e organizações do movimento social negro e de outros segmentos étnicos da população recifense, conselhos estaduais e nacionais da comunidade negra, bem como de outros conselhos setoriais para ampliar a cooperação mútua e estabelecer estratégias comuns para o aprimoramento do controle social das políticas afirmativas de igualdade racial;

IX - propor, em cooperação com organismos governamentais e não-governamentais, nacionais e internacionais, a identificação de sistemas de indicadores, no sentido de estabelecer metas e procedimentos, com base nesses índices, para monitorar a aplicação das atividades relacionadas com a promoção da igualdade racial, no âmbito do município.

X - fiscalizar e acompanhar as políticas de promoção dos direitos culturais da população negra, especialmente pela preservação da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras, bem como a diversidade cultural, constitutiva da formação histórica e social da cidade do Recife;

XI - propor e acompanhar medidas de defesa de direitos dos indivíduos e grupos étnico raciais afetados por preconceito, discriminação racial, racismo e demais formas de intolerância;

XII - monitorar e propor avanços na legislação municipal relacionada que garantam políticas de promoção da igualdade racial;

XIII - constituir comissões temáticas permanentes e grupos de trabalho para avaliar, acompanhar e

fiscalizar as políticas de promoção da igualdade racial;

XIV - prestar contas anualmente, das ações do conselho em assembléias próprias devidamente convocadas para este fim, publicando, relatório da prestação de contas, o qual deverá ser disponibilizado à sociedade;

XV - elaborar o regimento interno no prazo de noventa dias a partir da constituição do conselho e decidir sobre as alterações propostas por seus membros.

Art. 4º O Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial é um conselho bipartite com dois terços de representação da sociedade civil e um terço de representação do governo municipal, composto por 24 membros titulares e igual número de suplentes sendo 16 representantes da sociedade civil e 08 representantes do governo municipal.

§ 1º Da representação da sociedade, 2/3 (dois terços) representam os diversos segmentos da luta contra a discriminação racial devendo ser eleitos e eleitas na Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial, distribuídos da seguinte maneira:

a) 08 representantes do movimento negro e/ou entidades comprometidas com a luta contra o racismo com no mínimo 24 meses de existência, comprovada em documento reconhecido em cartório eleitos na Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial.

b) 06 representantes das RPA's eleitos em processo específico na Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial;

c) 02 representantes das minorias étnicas existentes no Recife (Índios, Judeus, Árabes, Palestinos e Ciganos) eleitos em processo específico na Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial;

§ 2º Oito representantes do Governo Municipal indicados pelo Prefeito.

§ 3º O mandato dos conselheiros/as representantes eleitos da sociedade civil é de 02 (dois) anos, permitida uma única recondução consecutiva.

§ 4º Conselho terá garantido na sua constituição um percentual mínimo de 30% (trinta por cento) de mulheres negras, sendo da responsabilidade do governo a indicação de 1/3 e da sociedade Civil 2/3 no mínimo.

Art. 5º O membro do Conselho perderá o mandato, garantido o contraditório e a ampla defesa, nas seguintes hipóteses:

I - quando faltar, sem motivo justificado, a três reuniões consecutivas ou a cinco alternadas, no período de 01 (um) ano;

II - quando demonstrar conduta incompatível com os objetivos do Conselho.

Parágrafo único. Os procedimentos para caracterização da perda do mandato serão especificados no Regimento Interno do Conselho

Art. 6º A atuação dos membros do Conselho não será remunerada, sendo consideradas relevantes ao Município do Recife e tendo prioridade sobre suas atividades no serviço público.

Art. 7º O CMPPIR tem a seguinte estrutura organizacional:

I - pleno

II - coordenação colegiada

III - comissões permanentes e temáticas

IV - secretaria executiva

Parágrafo único. As normas de funcionamento do pleno, as atribuições da coordenação colegiada, das comissões permanentes e temáticas e da secretaria executiva serão definidas no regimento interno do conselho.

Art. 8º A instância de deliberação do conselho é o pleno, composto conforme preceitua o artigo 4º que se reunirá na forma do regimento interno.

Art. 9º A coordenação do Conselho será escolhida por eleição, dentre os membros do conselho, e será composta por 03 (três) coordenadores, sendo um representante do governo e dois da sociedade civil.

Art. 10. A secretaria executiva será exercida por um profissional com reconhecida atuação na área de combate ao racismo e da igualdade racial, indicado pela coordenação ouvido o pleno.

Art. 11. O Poder Executivo Municipal assegurará as condições de funcionamento do Conselho, garantindo dotação orçamentária, e proporcionará as garantias necessárias para o pleno exercício de suas funções e atividades.

Art. 12. O Conselho, para o desenvolvimento de suas atribuições poderá celebrar convênios com organismos nacionais e internacionais públicos e privados.

Art. 13. Para a constituição do Conselho o Poder Executivo Municipal, no prazo de até 15 (quinze dias), contados a partir da vigência da presente Lei constituirá Grupo de Trabalho Paritário, formado por 06 (seis) membros, sendo 03 (três) representantes da sociedade escolhido no Seminário de Preparação do Conselho entre as pessoas que participaram da I Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial e 03 (três) membros representantes do governo Municipal indicados pelo Prefeito da Cidade.

§ 1º O Grupo de Trabalho Paritário ficará encarregado de adotar providências necessárias à instalação e funcionamento do Primeiro Conselho, com mandato previsto até a posse dos novos Conselheiros eleitos na segunda Conferência Municipal de Igualdade Racial.

§ 2º O Grupo de Trabalho convocará a sociedade civil para, em dia, hora e local designados, promoverem a eleição, em assembléia, dos membros que comporão a representação da sociedade civil no Conselho Municipal de Política de Promoção da Igualdade Racial até a realização da 2ª conferência de Municipal de Igualdade Racial, nos moldes determinados no Art. 4º.

§ 3º O Conselho deverá ser instalado dentro de um prazo de 30 (trinta) dias, contados da vigência desta Lei.

Art. 14. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Recife, 28 de março de 2007.

JOÃO PAULO LIMA E SILVA  
PREFEITO DO RECIFE  
Projeto de Lei de Autoria do Executivo.

## Cadernos do Poder Executivo

### ■ Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Cidadã

Secretária: Karla Menezes

#### Resolução

Resolução nº 001/07 do Grupo de Trabalho Paritário

O Grupo de Trabalho Paritário para instalação do Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, com base nas atribuições e prerrogativas previstas na Lei Municipal nº 17.311, de 29 de março de 2007, e em cumprimento às disposições previstas no art. 12, e incisos, da referida Lei, convoca assembléia de eleição das(os) representantes da sociedade civil que comporão o Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, que será realizada no dia 30 de junho de 2007, a partir das 13h, no Auditório G1 da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, situada na Rua do Príncipe, 610, Boa Vista, Recife - PE.

Para tanto, são convocada(os) todas(os) as(os) delegadas(os) eleitos na I Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial, realizada em 2005, bem como as entidades do movimento negro e/ou comprometidas com a luta contra o racismo, que tenham no mínimo 24 meses de existência, comprovada em documento reconhecido em cartório, cujos representantes tenham sido eleitas(os) delegadas(os) naquela Conferência.

São convocadas(os) também representantes das minorias étnicas existentes no Recife, como povos indígenas, judeus, árabes, palestinos e ciganos que tenham sido eleitas(os) em processo específico na Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial.

O processo de eleição se dará conforme o Regimento Eleitoral da Assembléia de Eleição,

As vagas disponíveis para cada tipo de representação estão especificadas na Lei de criação do Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, reproduzida abaixo.

Recife, 27 de junho de 2007

Grupo de Trabalho Paritário:

Representantes do Governo:

Rosilene Rodrigues dos Santos

Pedro Cavalcante

João Cândido

Representantes da Sociedade Civil:

Ricardo Herculano

José Milton Ceabra

Lúcia dos Prazeres

Manoel José da Silva

Vera Baroni

Alexandra Galdino

**REGIMENTO ELEITORAL DE CRIAÇÃO DO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL**

O Grupo de Trabalho paritário, formado por 03 (três) representantes da administração municipal e 03 (três) representantes da sociedade civil, dentre os/as cidadão/ãs recifenses que participaram da Iª Conferência Municipal de Política de Promoção da Igualdade Racial, conforme determinação no art.13 e § 1º, da Lei Municipal 17.311/2007, resolve, estabelecer o regimento eleitoral para escolha dos representantes da sociedade civil que comporão o Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - CMPPIR.

Art. 1º. O Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - CMPPIR foi criado pela Lei Municipal nº. 17.311/2007 estabelecendo a competência do CMPPIR em seu art. 3º.

Art. 2º. O Art. 13, da 17.311/07 determinou a formação do Grupo de Trabalho Paritário com a incumbência de convocar a sociedade civil para em dia, hora e local designados promover a eleição em Assembléia, dos membros daquele segmento que comporão o CMPPIR, com mandato até a 2ª Conferência Municipal de Política de Promoção da Igualdade Racial, quando será eleita uma nova composição, esta com mandato de 02 (dois).

DAS REPRESENTAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL

Art. 3º. O CMPPIR é um conselho bipartite, com dois terços de representação da sociedade civil e um terço de representação do governo municipal, composto por 24 membros titulares e igual número de suplentes sendo 16 representantes da sociedade civil e 08 representantes do Governo Municipal.

Art. 4º. A representação da sociedade civil do CMPPIR será composta por 16 (dezesesseis) membros de diversos seguimentos da sociedade, assim agrupados:

- a) 08 (oito) representações de entidades comprometidas com a luta contra o racismo com no mínimo 24 (vinte e quatro) meses de existência, comprovada em documento reconhecido em cartório;
- b) 06 representantes de cada uma das Regiões Político-administrativa, que participaram da 1ª Conferência de Política de Promoção da Igualdade Racial;
- c) 02 representantes das minorias étnicas existentes no Recife: Índios, Judeus, Árabes, Palestinos e Ciganos.

#### DOS PROCESSOS ELEITORAIS

Art. 5º. Os processos de eleições dos representantes da sociedade civil do CMPPIR se darão dentro de cada um dos seguimentos, onde cada representação elegerá seus respectivos representantes, de acordo com as regras estabelecidas neste Regimento.

Art. 6º. As 08 (oito) entidades comprometidas com a luta contra o racismo com no mínimo 24 meses de existência, comprovada em documento reconhecido em cartório deverão se inscrever como votantes e/ou candidatos no período de 25 a 29 de junho de 2007, no horário das 09h às 17h, na sala da Diretoria de Igualdade Racial, Edf. Sede da Prefeitura do Recife, 8º andar sala da Diretoria da Igualdade Racial, Rua Cais do Apolo 925.

§ 1º. No ato da inscrição, as entidades devem preencher um formulário de inscrição e apresentar documentos que comprovem seu tempo de constituição, e seu comprometimento com a luta contra o racismo, bem como apresentar os seguintes documentos:

- I - cópia do estatuto de entidade;
- II - cópia da ata da assembléia que elegeu a atual diretoria;
- III - declaração de opção que está se inscrevendo como votante e candidatura ou apenas votante;
- IV - as qualificações dos/as indicados/as como representante e suplente que representará a entidade, como delegado/as votante na assembléia eleitoral.
- V - especificação sobre o tipo de atividade que realiza.
- VI - comprovante de endereço atualizado.
- VII - o formulário de cadastramento/inscrição deverá ser assinada pelo representante legal da entidade.

Art. 6º. Os/As candidatos/as a conselheiros/as para representar cada uma das 06 (seis) Regiões Político-administrativas, serão eleitos/as entre os/as cidadãos/ãs maiores de 18 (dezoito) anos, que participaram da 1ª Conferência Municipal de Política de Promoção da Igualdade Racial e deverão se inscrever como votantes e/ou candidatos no dia 30 de junho de 2007, no horário das 13h às 16h00, no Auditório GI da Universidade Católica - UNICAP, situada na Rua do Príncipe 610, Boa Vista, Recife/PE.

§ 1º. No ato da inscrição, os/as candidatos/as a conselheiros/as por esse segmento da sociedade civil devem se credenciar atendendo aos seguintes critérios:

- I - ter participado da 1ª Conferência de Política de Promoção da Igualdade Racial;
- II - ter mais de 18 (dezoito) de idade;
- III - comprovar que reside na mesma RPA da qual será representante;
- IV - está presente na assembléia eleitoral.

Art. 7º. Os/As candidatos/as a conselheiros/as para representar 02 (dois) representantes das minorias étnicas existentes no Recife (Índios, Judeus, Árabes, Palestinos e Ciganos, serão eleitos/as entre os/as cidadãos/ãs maiores de 18 (dezoito) anos deverão se inscrever como votantes e/ou candidatos no dia 30 de junho de 2007, no horário das 13h às 16h00, no Auditório GI da Universidade UNICAP, situada na Rua do Príncipe 610, Boa Vista, Recife/PE.

§ 1º. No ato da inscrição, os/as candidatos/as a conselheiros/as por esse segmento da sociedade civil devem se credenciar atendendo aos seguintes critérios:

I - ter mais de 18 (dezoito) de idade;

II - comprovar pertencimento ao grupo étnico ao qual que ser representante;

III - comprovar que reside na cidade;

IV - está presente na assembléia eleitoral.

§ 2º. As vagas definidas para minorias étnicas devem garantir a presença de dois segmentos diferentes.

Art. 8º. As entidades e seus representantes, bem como todos/as os/as candidatos/as dos segmentos das Regiões Político-administrativas e das minorias etnias são os/as únicos/as responsáveis pela veracidade das informações e documentos entregue ao Grupo de Trabalho Paritário, respondendo por qualquer irregularidade constatada a qualquer tempo.

Art. 9º. A Comissão Eleitoral analisará todos os pedidos de credenciamento/inscrição e dará publicidade da lista de entidades que tiveram seu credenciamento/inscrição aprovados/as a partir do dia 29 de junho de 2007 das 08h às 13h, no endereço supra mencionado no art. 6º desta Resolução.

#### DA ELEIÇÃO

Art. 10. A eleição se dará na Assembléia determinada no § 2º do Art. 13 da Lei 17.311/07, que acontecerá no dia 30 de junho de 2007, no horário das 16h00 às 18h00, no auditório GI da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, situada na Rua do Príncipe 610, Boa Vista, Recife/PE.

Art. 11. O processo de eleição se dará por entidade, no caso do Art. 4º, § 1º, a) e por pessoas representantes dos segmentos apontados pelo Art. 4º, § 1º, b) e c) da Lei 17.311/07, e não por composição de chapa, devendo as entidades e os/as candidatos/as votantes eleger dentro de seu segmento seus/suas respectivos/as representantes.

Art.12. Só terá direito a voto, um delegado por entidade, desde que esteja devidamente credenciado, e que apresente, a cédula de identidade ou outro documento de identificação, na hora da votação.

Art.13. O Grupo de Trabalho conduzirá todo o processo de eleição, e preparará a cédula eleitoral contendo o nome das entidades candidatas, em ordem alfabética.

Art. 14. A eleição do Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial se desenvolverá através de escrutínio secreto.

#### DA APURAÇÃO

Art. 15. O processo de apuração será conduzido e presidido pelo Grupo de Trabalho Paritário criado pela Lei 17.311/07

Art. 16. Não poderão se candidatar a função de conselheiro/a do Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial:

I. Cidadãos/ãs que participam como conselheiro/a de mais de 01(um) Conselho;

II. mais de um representante por entidade;

III. Os membros do Grupo de Trabalho Paritário;

Art. 17. A apuração se dará imediatamente após o encerramento da votação, no mesmo local e proclamará os/as eleitos/as os/as candidatos mais votados de acordo com o número de vagas constantes da lei 13.311/2007 do CMPPIR e da seguinte forma:

§1º. Serão eleitas as 08 (oitos) entidades que obtiveram maior votação e suplentes as que se classificarem entre nona posição e décima - sexta.

§2º. Serão eleitos/as 01 (um) representante por RPA 06(seis), o/a mais votado/a será declarada/o eleita/o, e o/a segundo/a mais votado/a será o/a suplente.

§3º. Serão eleitos/as 02 (dois) representantes das minorias étnicas, o/a mais votado/a será declarada eleita e o/a segundo/a mais votada será o/a suplente:

Art 18 - Em caso de empate na eleição por entidade, assumirá a que tiver mais tempo de existência comprovada legalmente.

#### DA NOMEAÇÃO

Art. 19 - As entidades eleitas para a titularidade e suplência indicarão os seus conselheiros até o dia 10 de julho de 2007, no prédio sede da Prefeitura do Recife no 8º andar, sala da Diretoria da Igualdade Racial.

Art. 20 - As entidades e seus respectivos representantes serão nomeados membros do Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, pelo Prefeito do Recife até o dia 20 de julho de 2007.

#### DOS RECURSOS

Art. 21 - Fica estabelecido para interposição de recursos, o prazo de 24 horas, a partir da data da publicidade da lista de entidades aptas a participarem do processo eleitoral.

Parágrafo único - A Comissão Eleitoral apresentará o resultado da apreciação dos recursos impetrados no dia 30 junho de 2007, no mesmo local das inscrições.

Art. 22 - O prazo para recursos referentes a decisão das eleições será de 24 horas a partir da proclamação do resultado do pleito.

Parágrafo Único: A Comissão Eleitoral tem prazo de 24 horas para apreciação dos recursos.

Art. 23 - Os casos omissos do presente Regimento serão resolvidos pelo Grupo de Trabalho Paritário.